



PROFNIT

Programa de Pós-Graduação em Propriedade Intelectual
e Transferência de Tecnologia para a Inovação

Universidade Federal de Alagoas



THAÍS TELLES QUEIROZ LIRA

**ESTUDOS E EXPERIÊNCIAS NA ÁREA DE EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA E
ESTÍMULO À INOVAÇÃO PARA CRIANÇAS E JOVENS: UMA ANÁLISE
COMPARATIVA**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS

Instituto de Química e Biotecnologia

Campus A. C. Simões

Tabuleiro dos Martins

57072-970 - Maceió – AL

www.profnit.org.br

THAÍS TELLES QUEIROZ LIRA

ESTUDOS E EXPERIÊNCIAS NA ÁREA DE EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA E
ESTÍMULO À INOVAÇÃO PARA CRIANÇAS E JOVENS: UMA ANÁLISE
COMPARATIVA

STUDIES AND EXPERIENCES IN THE AREA OF ENTREPRENEURIAL
EDUCATION AND STIMULATION TO INNOVATION FOR CHILDREN AND YOUNG
PEOPLE: A COMPARATIVE ANALYSIS

Dissertação de mestrado apresentada ao
Ponto Focal da Universidade Federal de
Alagoas, do Mestrado Profissional em
Rede Nacional de Propriedade Intelectual
e Transferência de Tecnologia para
Inovação, como requisito para obtenção
do grau de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Josealdo Tonholo.
Coorientador: Prof. Dr. Joao Inácio
Soletti.

MACEIÓ, AL
Fevereiro de 2020

Catlogação na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecária: Taciana Sousa dos Santos – CRB-4 - 2062

- L768e Lira, Thaís Telles Queiroz.
Estudos e experiências na área de educação empreendedora e estímulo à inovação para crianças e jovens: uma análise comparativa / Thaís Telles Queiroz Lira. – 2020. 115 f. : il., grafs., tabs. color.
- Orientador: Josealdo Tonholo.
Coorientador: João Inácio Soletti.
Dissertação (Mestrado Profissional em Propriedade Intelectual e Transferência de Tecnologia para Inovação) – Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Química e Biotecnologia. Maceió, 2020.
- Bibliografia: f. 106-111.
Apêndice: f. 112.
Anexos: f. 113-115.
1. Educação empreendedora. 2. Inovação. 3. Educação básica. 4. Pedagogia empreendedora. I. Título.

CDU: 658.011.4:37



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE QUÍMICA E BIOTECNOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PROPRIEDADE INTELECTUAL E
TRANSFERÊNCIA DE TECNOLOGIA PARA A INOVAÇÃO



FOLHA DE APROVAÇÃO

THAIS TELLES QUEIROZ LIRA

ESTUDOS E EXPERIÊNCIAS NA ÁREA DE EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA E ESTÍMULO À INOVAÇÃO PARA CRIANÇAS E JOVENS: UMA ANÁLISE COMPARATIVA


Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Propriedade Intelectual e Transferência de Tecnologia para Inovação, como requisito para a obtenção do título de Mestra em Propriedade Intelectual e Transferência de Tecnologia para Inovação.


Dissertação aprovada em 7 de fevereiro de 2020.

COMISSÃO JULGADORA:

Dr. MARCELO FARID PEREIRA
UEM Examinador(a) Externo(a) à Instituição


Dr. CEZAR NONATO BEZERRA CANDEIAS
UFAL Examinador(a) Externo(a) ao Programa


Dr. RICARDO SILVA PORTO
UFAL Examinador(a) Externo(a) ao Programa


Dr. JOAO INACIO SOLETTI
UFAL Coordenador - Examinador(a) Interno(a)


Dr. JOSEALDO TONHOLO
UFAL Orientador - Presidente

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho ao meu esposo e a minha mãe, pelo apoio.

Dedico este trabalho ao meu filho Levi, que me acompanhou nesta jornada desde a gestação.

Dedico este trabalho a todos os professores que fizeram parte da minha trajetória escolar e acadêmica.

AGRADECIMENTOS

À Deus, pelas oportunidades que me foram dadas.

Ao meu esposo e minha mãe, pelo amparo e incentivo.

Ao meu Orientador, Professor Dr. Josealdo Tonholo.

Ao meu Coorientador, Professor Dr. João Inácio Soletti.

Aos professores examinadores desta dissertação.

À todos os professores do PROFNIT que mediaram meu aprendizado e contribuíram para minha formação. Todos vocês são um exemplo para mim.

A todos os que, direta ou indiretamente, contribuíram para realização deste trabalho e para que eu vencesse mais este desafio.

Muito Obrigada!

“A educação empreendedora dinamiza,
torna disponível e utilizável um potencial presente em todo ser humano” (DOLABELA,
2008, p. 14).

RESUMO

O empreendedorismo em sua acepção mais ampla e contemporânea, a qual não se restringe apenas ao fazer empresarial, se estabelece como um fenômeno cultural e a educação empreendedora como um relevante campo voltado para formação dessa cultura de estímulo ao espírito criativo, a inovação e a busca por soluções para melhoria dos contextos nos quais os indivíduos estão inseridos. Diante da relevância dessa temática e da necessidade de fomentá-la, a fim de promover a melhoria e o aperfeiçoamento da educação empreendedora no Brasil, este trabalho buscou identificar estudos e experiências no âmbito da educação empreendedora e estímulo a inovação, apresentando possibilidades para sua implementação no contexto escolar, tomando como base publicações voltadas para crianças e jovens. Trata-se de uma pesquisa de natureza aplicada, com abordagem híbrida, combinando métodos quantitativos e qualitativos, com intuito de obter uma base rica e contextual para interpretar e validar os resultados levantados. O estudo consistiu em três etapas, sendo elas: (1) Pesquisa bibliométrica nas bases SCOPUS (Elsevier) e WEB OF SCIENCE, bem como no sistema de busca da empresa Amazon; (2) Estudo comparativo das publicações mais citadas, a fim de verificar os pontos de convergência e/ou divergência entre as propostas voltadas para educação empreendedora e inovação no contexto infantil e juvenil, em âmbito nacional e internacional; e (3) compreensão do cenário local, investigando se o empreendedorismo inovador tem sido promovido em escolas no Município de Maceió - AL. Os resultados encontrados no estudo indicam o aumento no número de pesquisas sobre o tema, entretanto apontam um quantitativo tímido de publicações com foco, especialmente, no público infantil. Além disso, revelam a necessidade de aproximação desses estudos com os profissionais responsáveis pela condução do trabalho pedagógico voltado para educação empreendedora e inovação na maioria dos contextos investigados. Pretende-se com esta pesquisa, possibilitar a elaboração de subsídios pedagógicos de incentivo a educação empreendedora desde a infância.

Palavras-chave: Educação Empreendedora. Inovação. Crianças e Jovens.

ABSTRACT

Entrepreneurship in its meaning and contemporary sense, which is not restricted to doing business, is established as a cultural phenomenon and entrepreneurial education as a relevant field for the formation of this culture of stimulating the creative spirit, innovation and the search for improving solutions in the contexts in which individuals are inserted. Given the importance of this subject and the need to promote it in order to promote the improvement and enhancement of entrepreneurial education in Brazil, this study sought to identify studies and experiments in entrepreneurial education and encouraging innovation, presenting possibilities for its implementation at the school context, based on studies and experiences aimed at children and young people. It is an applied research, with hybrid approach, combining quantitative and qualitative methods, in order to obtain a rich and contextual basis to interpret and validate the results. The study consisted of three steps, namely: (1) Bibliometric research in the databases SCOPUS (Elsevier) and WEB OF SCIENCE, as well as in the search engine of the company Amazon; (2) Comparative study of the most cited publications, in order to verify the points of convergence and/or divergence between the proposals focused on entrepreneurial education and innovation in the child and youth context, nationally and internationally; and (3) understanding of the local scenario, investigating if innovative entrepreneurship has been promoted in schools in Maceió - AL. The results found in the study indicate the increase in the number of researches about the subject, however they point to a small quantity of publications focusing especially on children. In addition, they reveal the need to approach these studies with the professionals responsible for conducting the pedagogical work focused on entrepreneurial education and innovation in most investigated contexts. The aim of this research is to enable the elaboration of pedagogical subsidies to encourage entrepreneurial education since childhood.

Keywords: Entrepreneurial Education. Innovation. Children and Youth.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Estrutura Geral do Trabalho. Fonte: Elaboração Própria (2019).

Figura 2 – Análise histórica do desenvolvimento do empreendedorismo. Fonte: Adaptado de Hisrich e Peters (2004).

Figura 3 – Evolução de definições no campo do empreendedorismo. Fonte: Elaboração Própria (2019).

Figura 4 – Primeiras Iniciativas de educação para o empreendedorismo no Brasil. Fonte: Elaboração Própria (2019), baseado em Araújo et al (2005).

Figura 5 – Síntese das principais concepções teóricas educacionais. Fonte: Elaboração Própria (2019), baseado em Aranha (1989), Luckesi (1994) e Vasconcelos (1996).

Figura 6 – Organização da Educação Escolar Brasileira. Fonte: Elaboração Própria (2019).

Figura 7 - Etapas da Pesquisa. Elaboração Própria (2019).

LISTA ADE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Total de matrículas na Educação Básica do Brasil, no período de 2014 a 2018. Fonte: Elaboração Própria (2019), baseado no Censo Escolar (2018).

Gráfico 2 – Classificação das publicações quanto ao tipo. Fonte: Web of Science (2019) e SCOPUS (2019) . Elaboração Própria (2019).

Gráfico 3 – Documentos Publicados sobre Educação Empreendedora por Ano. Fonte: SCOPUS (2019) e Web of Science (2019).

Gráfico 4 – Distribuição de publicações por instituição. Fonte: SCOPUS (2019).

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Síntese da concepção pedagógica tradicional. Fonte: Elaboração Própria (2019), baseado em Luckesi (1994).

Quadro 2 – Diferenças entre a educação tradicional e a educação empreendedora. Fonte: DOLABELA (2008).

Quadro 3 – Orientações abordadas na BNCC sobre empreendedorismo e inovação. Elaboração Própria (2019).

Quadro 4 – Pesquisas nacionais e internacionais selecionadas nas bases de dados. Fonte: SCOPUS (2019) e Web of Science (2019).

Quadro 5 – Livros selecionados no sistema de busca da empresa Amazon. Fonte: Amazon (2019).

Quadro 6 – Caracterização das obras selecionadas para composição do estudo comparativo. Fonte: Elaboração Própria (2019).

Quadro 7 – Quadro analítico com as principais contribuições da literatura para implementação da educação empreendedora. Fonte: Elaboração Própria (2019), baseado em (Bassi, 2019; Dolabela, 2003; Gomes e Silva, 2018; Laurikainen, et al, 2018; Leite, 2018; Lopes et al, 2010; Neck e Greene, 2011; e Neto, et al, 2018).

Quadro 8 – Análise contextual das escolas, a partir das respostas fornecidas à primeira pergunta do roteiro de entrevistas. Fonte: Elaboração Própria (2019).

Quadro 9 – Organização Curricular da Educação Empreendedora e modalidades contempladas. Fonte: Elaboração Própria (2019).

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Taxa de aprovação no IDEB, no período de 2005 a 2017. Fonte: Elaboração Própria (2019).

Tabela 2 – Caracterização dos contextos investigados. Fonte: Elaboração Própria (2019).

Tabela 3 – Áreas temáticas dos estudos sobre educação empreendedora. Fonte: Web of Science (2019) e SCOPUS (2019). Elaboração Própria (2019).

Tabela 4 – Ranking de países em função do número de publicações científicas. Fonte: Web of Science (2019) e SCOPUS (2019).

Tabela 5 – Publicações nacionais mais citadas. Fonte: SCOPUS (2019) e Web of Science (2019).

Tabela 6 – Publicações internacionais mais citadas. Fonte: SCOPUS (2019) e Web of Science (2019).

Tabela 7 – Publicações de livros sobre Educação Empreendedora. Fonte: Empresa Amazon (2019).

SUMÁRIO

DEDICATÓRIA	4
AGRADECIMENTOS	6
RESUMO.....	8
ABSTRACT.....	9
LISTA DE FIGURAS	10
LISTA ADE GRÁFICOS	11
LISTA DE QUADROS.....	12
LISTA DE TABELAS	13
1. INTRODUÇÃO	16
1.1 Justificativa e contextualização do estudo.....	16
1.2 Objetivos	18
1.3 Estrutura do trabalho	18
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	21
2.1 Empreendedorismo: uma análise histórica	21
2.2 Conceituando empreendedorismo	24
2.3 Empreendedorismo e educação	29
2.3.1 Perspectivas teóricas	36
2.3.2. Legislação	45
3. ASPECTOS METODOLÓGICOS: O UNIVERSO DA PESQUISA	55
3.1 Caracterização do estudo.....	55
3.1.1 Etapa 1: Pesquisa bibliométrica comparativa.....	56
3.1.3 Etapa 2: Estudo Multicaso do Cenário Local.....	58
4. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS.....	62
4.1 Revisão bibliométrica: caracterização geral da educação empreendedora em âmbito nacional e internacional.....	62
4.2 Publicações de livros sobre educação empreendedora: uma investigação a partir do sistema de busca da empresa Amazon	77
4.3 Estudo comparativo de concepções e práticas de educação empreendedora	79
4.4 O cenário da educação empreendedora em escolas públicas e privadas de Maceió-AL: um estudo multicaso	95
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	103

6. REFERÊNCIAS.....	107
7. APÊNDICE.....	113
7.1 Apêndice A: Roteiro de entrevistas.....	113
8. ANEXO.....	114
8.1 Anexo A: Autorização do comitê de ética para realização da pesquisa.....	114
8.2 Anexo B: Declaração de cumprimento das normas.....	116

1. INTRODUÇÃO

Este capítulo explicita a justificativa para realização desta investigação e apresenta a contextualização do problema de pesquisa, expõe seus objetivos, bem como cita resumidamente a estrutura do trabalho.

1.1 Justificativa e contextualização do estudo

A pesquisa mais recente realizada em 49 países pelo Global Entrepreneurship Monitor (GEM), considerado o maior estudo contínuo com abrangência mundial sobre empreendedorismo, revelou que 38% dos brasileiros com idade entre 18 e 64 anos estão à frente de uma atividade empresarial ou têm planos de abrir o próprio negócio. Ou seja, aproximadamente 52 milhões de brasileiros estão envolvidos com alguma atividade empreendedora (GEM, 2018).

Entretanto, o Brasil ainda encontra-se na 98^a posição no Índice Global de Empreendedorismo, conforme dados explicitados na classificação do Global Entrepreneurship Index (2017) que mede a saúde dos ecossistemas de empreendedorismo em 137 países participantes.

Dentre os fatores apontados por especialistas como desfavoráveis para a atividade empreendedora, Educação e Capacitação estão entre os tópicos que mais precisam sofrer intervenções, a fim de favorecer a melhoria e aperfeiçoamento do empreendedorismo no Brasil (GEM, 2018).

Apesar dos estudos sobre empreendedorismo terem avançado bastante em termos quantitativos e qualitativos, Lopes (2010) ressalta que ainda é necessário aprofundar as discussões em relação ao tema da educação empreendedora no sentido de auxiliar no seu amadurecimento e norteamento, bem como estimular a sua disseminação de forma mais eficaz.

No Brasil, segundo Dolabela (2008), apenas nas últimas décadas o debate em torno da Educação Empreendedora atingiu relevância, tanto no âmbito acadêmico, quanto em torno de políticas públicas.

Contribuíram para esse cenário, a partir da década de 90, programas ligados

ao empreendedorismo, tais como o Programa Brasil Empreendedor, realizado entre 1999 e 2002 pelo Governo Federal, bem como as ações de capacitação de empreendedores como o Empretec, desenvolvido pela ONU com o objetivo de fomentar o empreendedorismo por meio de seminários e cursos, e o Programa Nacional de Educação Empreendedora do Sebrae, criado em 2013, com o objetivo de ampliar, promover e disseminar a educação empreendedora por meio da inclusão de conteúdos de empreendedorismo nos currículos dos diferentes níveis da educação: básica, profissional e superior.

Silva et al. (2014, p. 02), afirma:

A educação empreendedora é percebida como uma ação que proporciona a criação de uma estrutura basilar, capaz de promover condições para formação de indivíduos mais capacitados para criar novas oportunidades por meio da inovação.

Corroborando com o autor, a Educação Empreendedora contribui para o desenvolvimento de habilidades nos indivíduos como autonomia, criatividade, capacidade para se adaptar a situações novas, criar soluções e inovar.

Em um ranking que abrange 54 países, o Brasil ainda está na 47ª posição no que se refere as atividades que fomentam a educação empreendedora em estágio escolar, apontando como fragilidade a dificuldade do sistema educacional básico preparar os sujeitos para o empreendedorismo (GEM, 2018).

Considerando a relevância da temática para a sociedade contemporânea, é preciso fomentar a cultura empreendedora em todos os níveis da Educação, especialmente no âmbito da Educação Básica.

Para Dolabela (2003, p. 15) é necessário incentivar e desenvolver desde cedo a aprendizagem empreendedora: "(...) a educação empreendedora deve começar na mais tenra idade, porque diz respeito à cultura, que tem o poder de induzir ou de inibir a capacidade empreendedora".

Por isso, este estudo buscou investigar a área de educação empreendedora e estímulo a Inovação no contexto infantil e juvenil. Para tanto, parte-se da seguinte questão de pesquisa: Como fomentar a cultura empreendedora e a educação para inovação desde a infância?

1.2 Objetivos

Visando responder ao questionamento da pesquisa, anteriormente apresentado, a investigação teve como objetivo geral Identificar estudos e experiências no âmbito da educação empreendedora e estímulo a inovação, voltados para crianças e jovens, bem como apresentar possibilidades para sua implementação no contexto escolar, tomando como base a literatura investigada.

Para tanto, buscou-se:

- a) Elaborar um estudo de livros e publicações acadêmicas que abordam o tema do empreendedorismo e da inovação no contexto infantil e juvenil;
- b) Realizar análise comparativa, identificando pontos de convergência e/ou divergência entre as propostas investigadas;
- c) Sistematizar os dados obtidos, apresentando as características gerais dos trabalhos na área da cultura empreendedora infantil e juvenil;

Além disso, visando compreender o panorama da educação para o empreendedorismo inovador no cenário local, no âmbito do município de Maceió-AL, buscou-se:

- d) Identificar se escolas da rede pública e privada fomentam o empreendedorismo desde os anos iniciais da educação básica;
- e) Verificar se os estudos constatados nas plataformas analisadas têm sido utilizados para fundamentar as práticas de educação empreendedora nos contextos investigados do referido município.

Deseja-se através desse levantamento, compreender o panorama das propostas voltadas para o empreendedorismo na infância e juventude, contribuindo para nortear ações que fomentem a cultura empreendedora e assim colaborar para formação de indivíduos cada vez mais estimulados a inovar.

1.3 Estrutura do trabalho

Este trabalho está estruturado em cinco capítulos.

O primeiro apresenta a justificativa para esta investigação e a contextualização do problema de pesquisa.

O segundo capítulo aborda a fundamentação teórica que embasa o estudo.

O terceiro capítulo explicita os aspectos metodológicos utilizados para levantamento dos dados.

O quarto capítulo expõe os resultados, a partir de uma análise comparativa do levantamento realizado.

O quinto capítulo relata as considerações finais, apontando as conclusões do estudo.

Ao final, são apresentadas as referências utilizadas ao longo da pesquisa.

A figura 1, a seguir, exhibe a estrutura geral do trabalho através de um diagrama.

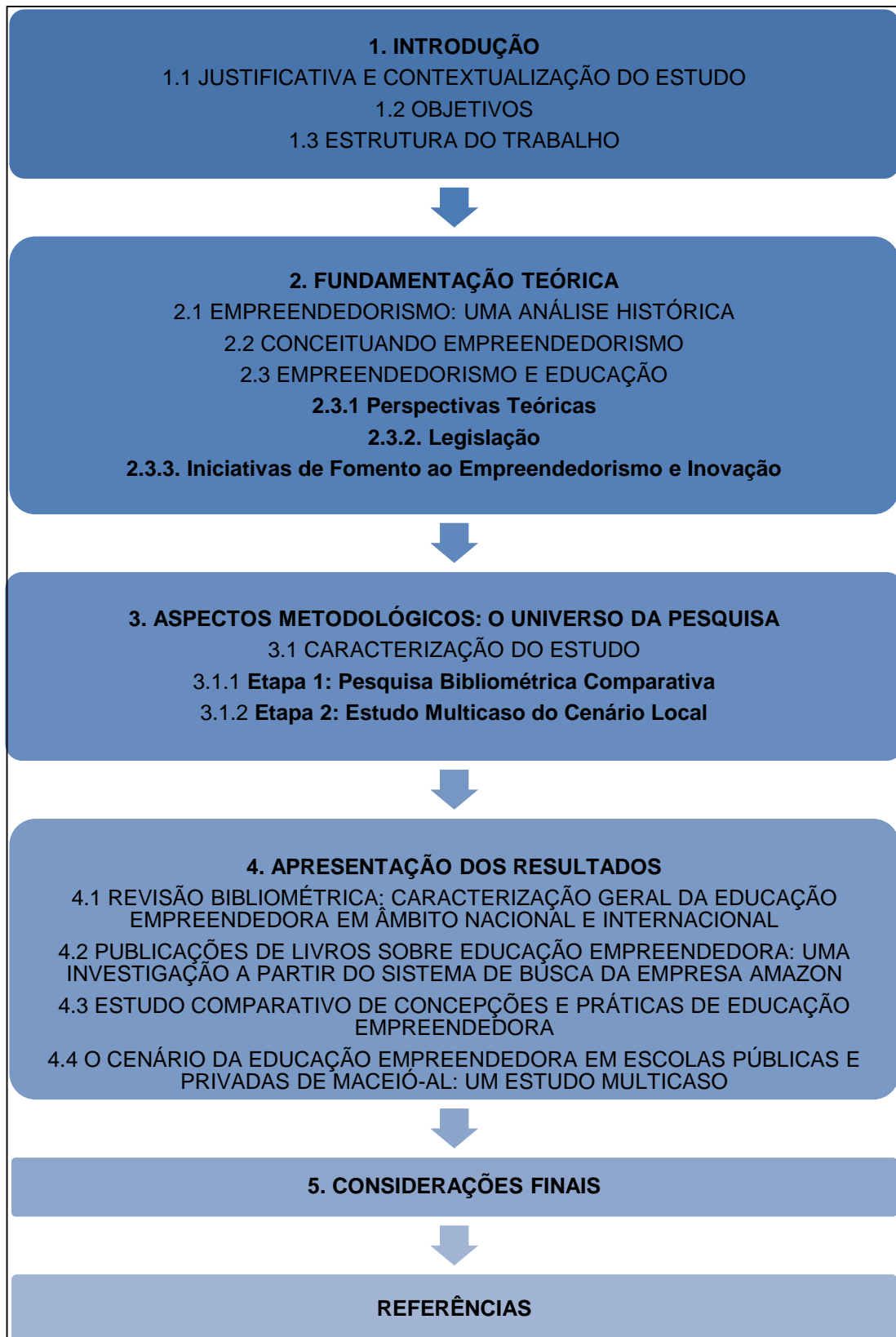


Figura 1 – Estrutura geral do trabalho. Fonte: Elaboração Própria (2019).

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este capítulo, como seu título anuncia, destina-se a apresentar os pressupostos teóricos que nortearam e fundamentaram a investigação realizada. Para tanto, foram considerados inicialmente os estudos de Dornelas (2008), Filion (1999) e Verga e Silva (2014), com intuito de apresentar uma breve trajetória histórica do empreendedorismo até os dias atuais. Em seguida, tomando como referência, no cenário mundial, os estudos de Coan (2013), Colbari (2008), Drucker (1986, 2001), Landstron e Lohrke (2010), McClelland (1972), Schumpeter (1982) e Stevenson (1990), bem como no âmbito nacional, as obras de Dolabela (2003), Dornelas (2008), Filion (1999) e Franco e Gouvêa (2016), são explicitadas algumas abordagens acerca da conceituação do empreendedorismo. Na sequência, é explicitada a aproximação do empreendedorismo ao campo educacional, para tanto, foram considerados, fundamentalmente, os estudos de Dolabela (2003), Dornelas (2008), Fernandes (2013), Fonseca et al (2015) e Lopes (2010). Em seguida, são explicitadas as perspectivas teóricas educacionais que corroboram com a concepção de educação voltada para o empreendedorismo inovador, a partir da literatura de Aranha (1989), Dolabela (2003), Freire (1996), Luckesi (1994), Mota (2014), Vasconcelos (1996) e Vigotski (2010). Posteriormente, são apresentados os aspectos legais que respaldam a promoção do empreendedorismo na educação básica, tomando como base a Constituição Federal (1988), a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei Nº 9.394/96) e a Base Nacional Comum Curricular (2019). Por fim, são explicitadas as contribuições de contextos não escolares para fomento da cultura empreendedora e da inovação.

2.1 Empreendedorismo: uma análise histórica

A atividade empreendedora pode ser considerada uma função tão antiga quanto o intercâmbio e o comércio entre os indivíduos na sociedade, mas seu conceito passou a ser discutido somente a partir da expansão dos mercados econômicos ao longo dos séculos XVI e XVII.

Estudos de Vérin (1982, apud FILION,1999, p.18) sobre a evolução da palavra

empreendedorismo, revelam que o termo tem sua origem na França, derivando da palavra *entre-preneur* (intermediário), utilizado no século XII para referir-se “àquele que incentivava brigas”. Com as classes dos comerciantes e a ascensão das cidades, durante a Idade Média, passou a ser usado como referência à pessoa que “criava e conduzia projetos” ou “criava e conduzia empreendimentos”, definindo indivíduos que gerenciavam grandes projetos de produção.

No século XVIII a noção de risco é associada ao empreendedorismo, pois ao financiar contratos ou realizar serviços com o governo, o empreendedor assumia certo grau de risco.

Nessa época, Dornelas (2008, p.14) ressalta que “o empreendedor estabelecia um acordo contratual com o governo para realizar algum serviço ou fornecer produtos. Como geralmente os preços eram prefixados, qualquer lucro ou prejuízo era exclusivo do empreendedor”.

Nessa perspectiva histórica, atribui-se a Richard Cantillon o pioneirismo nos estudos sobre empreendedorismo como campo de investigação. Cantillon (1755), foi o primeiro a apresentar o elemento risco nas descrições da atividade empreendedora e a diferenciar o empreendedor (aquele que assumia os riscos), do capitalista (aquele que fornecia o capital), explicitando uma clara concepção da função empreendedora. Por isso, é considerado um dos criadores do empreendedorismo (apud FILION, 1999).

A partir desse século XVIII, segundo Verga e Silva (2014, p. 06), a especialização do conhecimento e a descoberta de oportunidades comerciais, impulsionaram a expansão da atividade empreendedora. Nesse período, início da industrialização que ocorria no mundo, “o termo passou a ser utilizado para se referir às ocupações específicas, porém, com a continuidade da evolução foi se ampliando e a figura da pessoa empreendedora tornou-se mais relevante que sua ocupação”.

No século XIX, destacam-se os estudos de Jean-Baptiste Say, considerado o pai do empreendedorismo, ao ressaltar a relevância do empreendedor como agente de mudança, associando-o à inovação (FILION, 1999).

Entre os séculos XIX e XX, Dornelas (2008, p.15) destaca que os empreendedores passaram a ser confundidos com os gerentes ou administradores,

sendo analisados apenas do ponto de vista econômico como aqueles que organizavam a empresa, a serviço do capitalista:

Aqui cabe uma breve análise das diferenças e similaridades entre administradores e empreendedores, pois muito se discute a respeito desse assunto. Todo empreendedor necessariamente deve ser um bom administrador para obter sucesso, no entanto, nem todo bom administrador é um empreendedor.

Nesse sentido, o empreendedor tem algo mais, algumas características e atitudes que o diferenciam do administrador tradicional. A figura a seguir resume essa trajetória histórica explicitada:

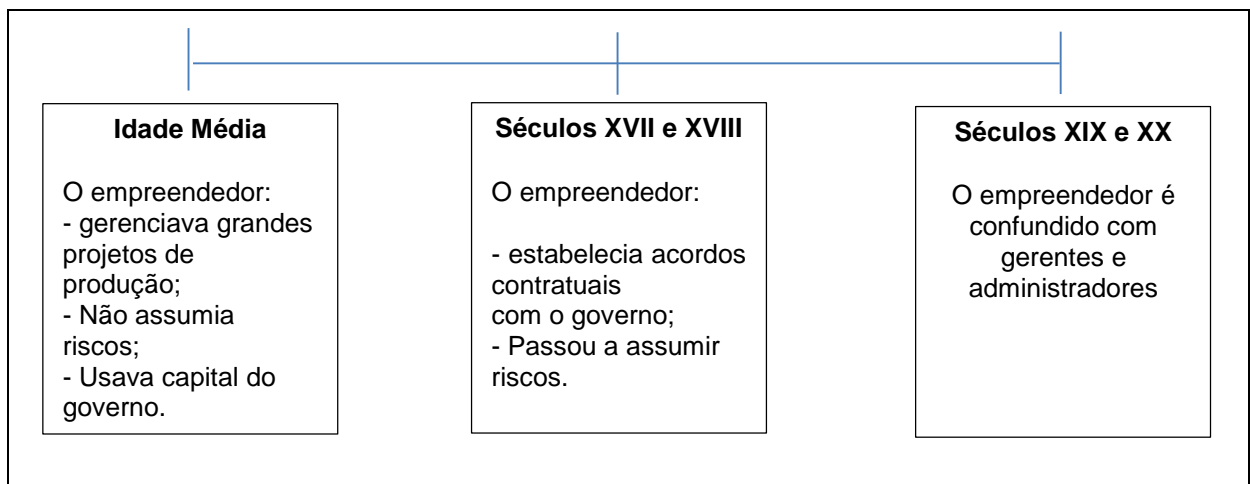


Figura 2 – Análise histórica do desenvolvimento do empreendedorismo. Fonte: Adaptado de Hisrich e Peters (2004).

No Brasil, o movimento do empreendedorismo começou a emergir de forma mais significativa a partir da década de 1990, quando entidades como o Sebrae (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas) e Softex (Sociedade Brasileira para Exportação de Software) foram criadas.

Além dessas entidades, Dornelas (2008) também ressalta que foram criados programas como Brasil Empreendedor, do Governo Federal, dirigido a capacitação de empreendedores em todo país, ações voltadas à capacitação de empreendedores como o Empretec, Jovem Empreendedor do Sebrae.

Também surgiram diversos cursos e programas em universidades e no ensino médio voltados para educação empreendedora, como o Engenheiro Empreendedor,

em Santa Catarina, Programas Reune-MG, Reune-Brasil e Senai-MG, bem como a disseminação do empreendedorismo por meio de seminários, a exemplo do Formação de Formadores, oferecido por Dolabela, a partir de 1993 (DOLABELA, 2008).

Esse cenário, impulsionou um movimento de empreendedorismo, entretanto, nos dias atuais, ainda percebe-se a necessidade de políticas públicas e ações que consolidem essa cultura no País.

2.2 Conceituando empreendedorismo

Nesse contexto histórico, algumas definições de empreendedorismo foram surgindo e evoluindo frente às ideias que dominavam a época. Landström e Lohrke (2010) apontam que esse campo de investigação apresenta uma pluralidade de raízes científicas, oriundas de diferentes áreas, que oferecerem diversas conceituações.

O interesse pelo empreendedorismo parte, inicialmente, dos economistas, ganhando um significado mais preciso nas obras de Richard Cantillon (1680-1734). Para ele (1755, apud Fillion, 1999), os empreendedores eram pessoas que aproveitavam as oportunidades com a perspectiva de obterem lucros, assumindo os riscos inerentes.

Esse ideário fazia parte do pensamento liberal da época que exigia liberdade plena para que cada pessoa pudesse usufruir do seu trabalho da melhor maneira possível. Assim, a característica de sua análise baseia-se na ênfase nos aspectos do risco e da incerteza.

O risco e a incerteza também foram temas abordados por Frank Knight (1885-1972), o qual fez uma distinção entre ambos:

[...] ao contrário do risco, a incerteza é onipresente e não pode ser conhecida. Por esse motivo, o lucro empresarial corresponderia precisamente à recompensa com os custos da incerteza, ou seja, o empreendedor espera que o lucro seja a recompensa por enfrentar estes fatores que não podem ser calculados (Knight, 1921, apud, Franco e Gouvêa, 2016, p. 149).

Assim, os empreendedores assumiam riscos por causa do estado de incerteza que trabalhavam e eram recompensados de acordo com os lucros obtidos com as

atividades que iniciavam.

Na perspectiva da teoria econômica, também destacam-se os estudos do economista francês Jean-Baptiste Say (1816), ao definir o empreendedor no papel de coordenação de produção e distribuição, ou seja, um coordenador que consistia em combinar os fatores de produção que resultavam em novos empreendimentos. Além disso, associou os empreendedores a inovação, vendo-os como agentes de mudança (FILION, 1999).

No entanto, foi com Schumpeter (1982), no século XX, que o empreendedorismo é associado mais claramente à inovação. Sua significativa obra aponta a relevância dos empreendedores para o desenvolvimento econômico, o qual é conduzido pela inovação, mediante uma dinâmica contínua em que as novas tecnologias substituem as antigas, processo denominado por ele de “destruição criadora”. Para o referido autor:

O empreendedor é aquele que destrói a ordem econômica existente pela introdução de novos produtos e serviços, pela criação de novas formas de organização ou pela exploração de novos recursos e materiais (SCHUMPETER, 1982, apud DORNELAS, 2008, p. 22).

Assim, o empreendedor de Schumpeter cria um desequilíbrio no mercado, ou seja, cria imperfeições para introduzir inovações, impulsionando dessa forma a economia.

De forma sucinta, o conceito de empreendedor apresentado pelos principais economistas, era de uma pessoa que assume riscos e incertezas, organiza e coordena os fatores de produção e se comporta como um agente inovador.

No entanto, os economistas não conseguiram, segundo Drucker (2001), explicar as causas e características que tornam o empreendedorismo eficaz, pois ao supervalorizar fatores quantificáveis, desprezaram fatores culturais e comportamentais dos indivíduos.

Esse cenário, segundo Filion (1999), motivou estudiosos a buscarem compreender melhor a conduta do empreendedor a partir de uma perspectiva comportamentalista.

Assim, a partir do século XX, o empreendedorismo começou a se distanciar das

pesquisas voltadas para modelos econômicos e passou a se tornar campo de investigação de cientistas sociais oriundos de diversas áreas do conhecimento.

Um dos pesquisadores pioneiros foi Max Weber (1864-1920). Sua contribuição, segundo Franco e Gouvêa (2016), procurou explicar como sistemas sociais mudam de uma posição estável para outra, abrindo caminho para a exploração do papel do empreendedor nessa mudança.

A perspectiva sociológica considera o contexto em que os indivíduos estão inseridos em grupos sociais, suas experiências e como estas influenciam a escolha dos que empreendem. O importante não é apenas verificar os valores e aspirações do empreendedor, mas também a sociedade juntamente com suas instituições (FRANCO e GOUVÊA, 2016, p. 152).

Nessa dimensão social, a partir da década de 60 pesquisadores das ciências comportamentais tomaram para si as investigações no campo do empreendedorismo. Nesta fase, um dos maiores influenciadores foi McClelland (1961), e pode ser denominada como comportamental, uma vez que se refere aos estudos das áreas da psicologia, sociologia, psicanálise e demais especialidades do comportamento (FILION, 1999).

O enfoque comportamental passou a dar ênfase as características do indivíduo para explicar o perfil do empreendedor. Após Schumpeter (1982) e Max Weber (1982) apresentarem um conceito de empreendedorismo com uma abordagem centrada no indivíduo, McClelland (1961), destaca-se por marcar o início dos estudos do comportamento humano como ciência para o empreendedorismo.

Para o referido autor (1972), a motivação é um dos fatores que contribui para o crescimento econômico de uma nação e, conseqüentemente, para seu desenvolvimento. Sendo a necessidade de realização (sucesso), de afiliação (planejamento) e os atributos de independência e autoconfiança (poder), as características empreendedoras essenciais.

Assim, na visão de McClelland (1972) empreendedor não é um ator social estático e sim um ser dinâmico no que se refere ao seu comportamento, não se desviando de seus objetivos, age repetidamente ou muda de estratégia, a fim de enfrentar desafios e superar obstáculos (apud MINELLO et al, 2017).

A partir dos anos 70, o empreendedorismo torna-se um tema dominante na

sociedade sob a ótica de uma nova dimensão. A observação dos estudos vai além da investigação sobre as características dos empreendedores, passando a considerar como eles agem (STEVENSON, 1990).

Nesse período, houve grande expansão do empreendedorismo, principalmente, nas áreas das ciências humanas e gerenciais. Segundo Coan (2013), essas pesquisas tratavam de temas como características comportamentais de empreendedores, cultura empreendedora, empreendedorismo e sociedade, empreendedorismo e pequenos negócios, novas oportunidades, desenvolvimento e gerenciamento de negócios, entre outros.

Nesse contexto, Filion (1999, p. 19) apresenta a definição de empreendedor como:

[...] uma pessoa criativa, marcada pela capacidade de estabelecer e atingir objetivos e que mantém alto nível de consciência do ambiente em que vive, usando-a para detectar oportunidades de negócios. Um empreendedor que continua a aprender a respeito de possíveis oportunidades de negócios e a tomar decisões moderadamente arriscadas que objetivam a inovação, continuará a desempenhar um papel empreendedor.

Dessa forma, o empreendedor tem a capacidade de imaginar, estabelecer objetivos, estar atento ao seu entorno e realizar visões a partir da identificação de oportunidades. Dornelas (2008) complementa essa conceituação, definindo o empreendedor como o indivíduo que faz as coisas acontecerem, se antecipa aos fatos e tem uma visão futura da organização.

Nos anos de 1980, o empreendedorismo se expande significativamente para o campo educacional (DRUCKER, 1986; apud FILION, 1999). E desde então vem crescendo consideravelmente.

Nesse cenário, destacam-se os trabalhos de Dolabela (2003, p. 38), o qual define o empreendedor como “[...] aquele que sonha e busca transformar seu sonho em realidade”. O referido autor relaciona o empreendedorismo à capacidade de se gerar riquezas acessíveis a todos, a partir de uma visão que vai além de um conceito estritamente econômico, tendo uma conotação social, cujo preceito ético é gerar utilidade para os outros.

Percebe-se ao longo da história uma ampla variedade de definições sobre

empreendedorismo na literatura. Colbari (2008, p. 11), apresenta uma concepção que corrobora com os conceitos explicitados:

O espírito empreendedor é componente do capital humano; está relacionado ao desenvolvimento das potencialidades humanas, o que, no presente, significa capacidade de gerar conhecimento, de inovar, de transformar conhecimento em riqueza, de desenvolver a cooperação e de cultivar os ideais e as práticas democráticas. O empreendedor não pode ser construído, mas ele pode e deve ser motivado a construir-se por meio da interiorização de novos padrões de comportamento e atitude (COLBARI, 2008, p. 11).

Assim, concordando com o autor e com os preceitos defendidos por Dolabela (2003), apesar do termo tradicionalmente ser vinculado apenas a ideia do fazer empresarial, para além desse entendimento corrente, a concepção norteadora desta investigação compreende o empreendedorismo como caminho para a construção do desenvolvimento das potencialidades humanas, de forma includente e sustentável, no sentido de promover a prosperidade econômica e solucionar problemas sociais.

Considerando os sete tipos de empreendedores explicitados por Dornelas (2007)¹, essa concepção aproxima-se do empreendedorismo com viés social, que busca promover o bem coletivo e a justiça social.

A figura a seguir apresenta resumidamente os conceitos explicitados pelos autores apontados.

¹ Segundo Dornelas (2007), são sete os tipos de empreendedores: o Empreendedor Nato; o Empreendedor que Aprende; o Empreendedor Serial (Cria Novos Negócios); o Empreendedor Corporativo; o Empreendedor Social; o Empreendedor por Necessidade e o Empreendedor Herdeiro (Sucessão Familiar).

Evolução de Definições no Campo do Empreendedorismo

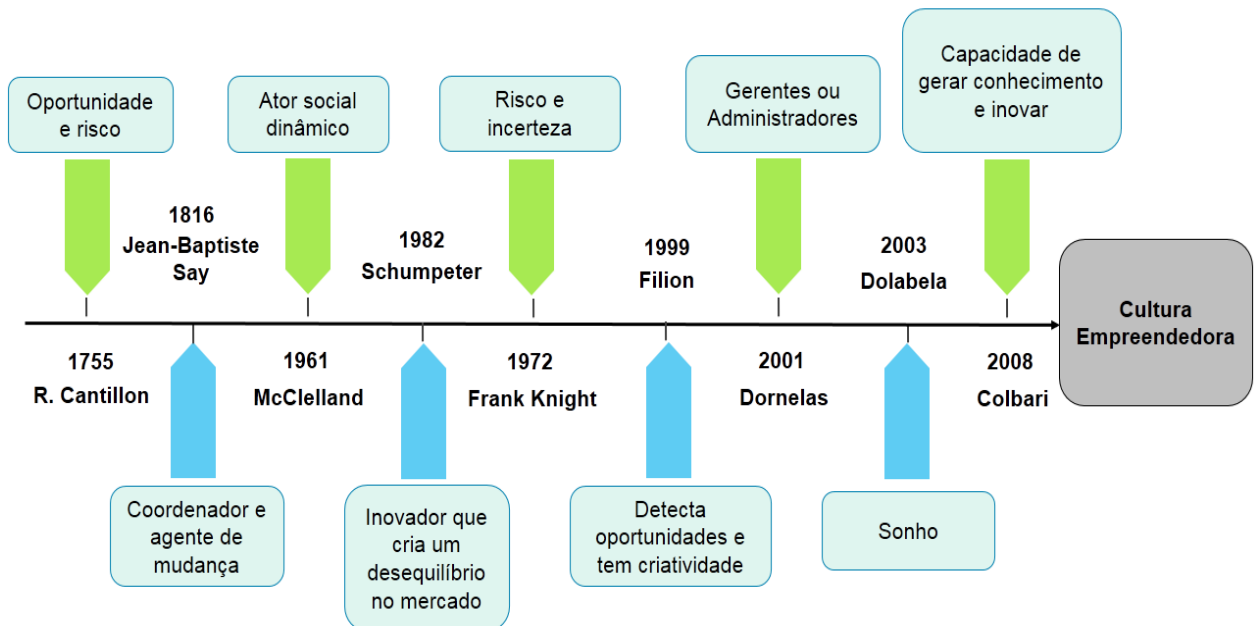


Figura 3 – Evolução de definições no campo do empreendedorismo. Destaque-se que o ano em questão é relacionado à data de publicação da obra mais relevante do autor. Fonte: Elaboração Própria (2019).

Considerando essas diversas conceituações, no tópico seguinte propõe-se explicitar de forma mais aprofundada a aproximação do empreendedorismo ao campo educacional e a importância da articulação dessas áreas para sociedade.

2.3 Empreendedorismo e educação

A análise da evolução do empreendedorismo apresentada nos tópicos anteriores, torna-se um elemento relevante para compreensão do cenário de discussão e constituição teórica da temática nos dias atuais.

Historicamente, as primeiras iniciativas importantes na área de educação para o empreendedorismo, segundo Lopes (2010), ocorreram em 1876, nos Estados Unidos, mediante experiências voltadas para o desenvolvimento econômico agrícola, através do que hoje é denominado de Extensão Agrícola (serviço modelo para a Small Business Administration, agência do governo dos Estados Unidos que fornece apoio

a empresários e pequenas empresas).

Nos anos de 1947, as universidades americanas de Harvard e Michigan passaram a oferecer programas de educação empreendedora e com o passar dos anos houve bastante estímulo para universidades patentarem e explorarem seus avanços tecnológicos e científicos, contribuindo para que essa temática fosse abordada no âmbito do ensino superior e se difundisse na oferta de cursos, especializações, conferências (LOPES, 2010).

Na Europa, vários currículos passaram a integrar conteúdos relacionados ao empreendedorismo, desde a Educação Infantil até o Ensino Superior, mediante disciplinas facultativas ou obrigatórias, bem como através de metodologias de trabalho de modo transversal ao currículo (FONSECA et al, 2015). Um exemplo é a Polônia, que conforme documento divulgado pela Comissão Europeia (UE, 2006), oferta a disciplina “Noções de base do funcionamento de uma empresa”, obrigatória no ensino secundário geral e profissional, e que tem como objetivo o desenvolvimento de atitudes empreendedoras, bem como formação sobre como criar uma empresa.

No Brasil, semelhante ao caminho percorrido nos Estados Unidos, podemos atrelar a gênese das ações de empreendedorismo ao movimento de Extensão Rural, especialmente nas décadas de 50 e 60, cujos fundamentos básicos eram o de desenvolver a família rural por meio da promoção agrícola e da organização da economia doméstica, através de técnicas modernas, à época, e do crédito rural educativo. Nesse movimento, destacou-se as contribuições de Nelson Rockefeller ao desenvolver na América Latina e no Brasil principalmente duas ações: colonização e agroindustrialização (OLIVEIRA, 1999).

No entanto, como visto, a partir dos anos 80 houve grande expansão do empreendedorismo no campo educacional, ganhando adesão inicialmente no ensino superior e, lentamente, foi se disseminando para os outros níveis e modalidades (FILION, 1999).

Segundo Fernandes (2013), a introdução do ensino de empreendedorismo se deu na Fundação Getúlio Vargas, através de uma disciplina dedicada à criação de negócios, em um curso de especialização da Escola de Administração de Empresas de São Paulo (EAESP) no ano de 1981.

A partir dessa década, houve um expressivo crescimento da educação para o empreendedorismo em diversas universidades e cursos, conforme figura a seguir:

Primeiras Iniciativas de Educação para o Empreendedorismo

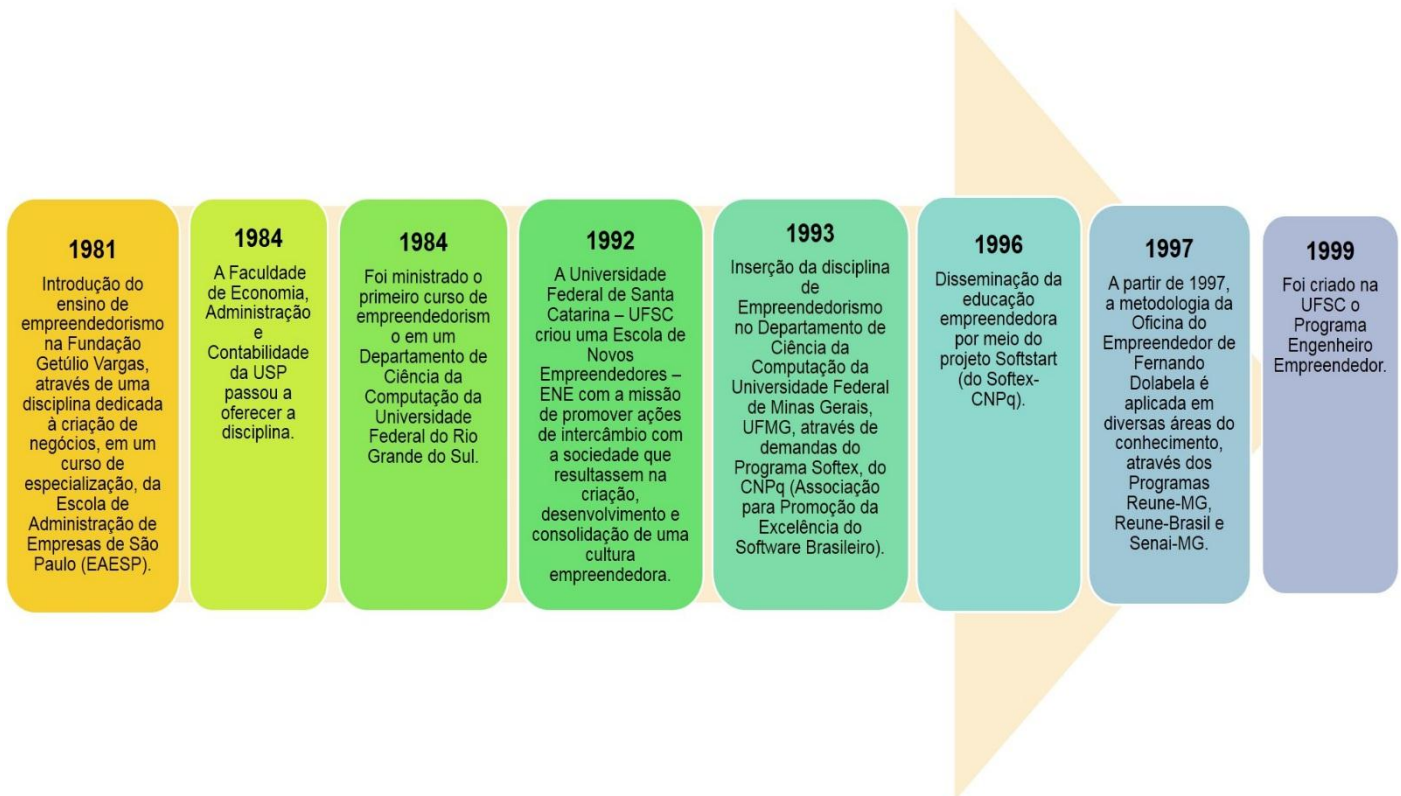


Figura 4 – Primeiras Iniciativas de Educação para o Empreendedorismo no Brasil.

Fonte: Elaboração Própria (2019), baseado em Araújo et al (2005) e Dolabela (2008).

Dentre os fatores que motivaram essa expansão do empreendedorismo no campo educacional, Stockmanns (2015, p. 11), destaca o processo de globalização da economia, o qual vem acarretando em transformações na sociedade:

[...] se anteriormente com o modelo taylorista/fordista com características da produção em massa, dava-se conta das demandas de mercado. A partir da revolução tecnológica, da área livre de mercado e da interligação patrimonial e a interdependência dos mercados industriais e financeiros, em escala planetária, a lógica do capital ou da forma de gerir riqueza passou a valorizar as habilidades e competências humanas como processo fundamental [...].

Frente a esse contexto, Dolabela (2003, p. 23) também afirma:

Assim, o emprego (forma de relação dependente) e o know-how (conteúdo), que constituíram o paradigma das relações de trabalho nos últimos dois séculos, são substituídos na era da velocidade e da informação em tempo real por um outro modelo – o da capacidade de gerar novos conhecimentos e identificar oportunidades (conteúdos), em uma relação de interdependência (autonomia relativa), sob a forma empreendedora.

Nessa perspectiva, os desafios do mundo do trabalho, as condições de vida das pessoas, a forma de gerir a economia trouxeram para sociedade novas exigências e tornaram necessário um desenvolvimento profissional capaz de identificar oportunidades e gerar novos conhecimentos, que esteja além das habilidades técnicas corriqueiras e que acompanhe as relevantes inovações tecnológicas que marcam o século XXI. Tais fatos, conseqüentemente, acarretaram em desafios para a educação no sentido de formação dessa geração.

Nesse cenário, as instituições educacionais, responsáveis pela educação formal, têm um papel relevante, no sentido de que o ensino empreendedor pode estimular a criatividade e se constituir uma ferramenta para contribuir com a formação dessa geração, motivando-a a criação de ideias inovadoras, formando cidadãos críticos, autônomos, transformadores e empreendedores, capazes de utilizarem-se do meio e de suas características pessoais para o desenvolvimento social e econômico de todos.

A educação empreendedora se constitui, portanto, como relevante campo voltado para a formação de um sujeito que conhece suas potencialidades e fragilidades, suas habilidades e competências, capaz de criar, sobressair e enfrentar a realidade social e econômica, ou seja, que possa criar diferentes formas de garantir sua subsistência (STOCKMANN, 2015).

O empreendedorismo em sua acepção mais ampla, a qual abrange todas as atividades humanas e não apenas a empresarial, atualmente se estabelece como um fenômeno cultural, constituindo-se em um cenário para o fomento da inovação, da busca, seleção e identificação de oportunidades, do trabalho criativo e mais integrado. (DORNELAS, 2008).

Para além do entendimento de que o empreendedorismo é um atributo inato, estudiosos como Dolabela (2003, 2008), criador da Pedagogia Empreendedora, Dornelas (2008) e Lopes (2010), entendem que essa cultura pode ser aprendida,

contribuindo para a formação de indivíduos capazes de transformar o meio em que vivem.

Além dos autores supracitados, Fillion (1999, p. 15), também ressalta que “o empreendedorismo se aprende”, sendo, portanto, possível promover programas e cursos que contemplem esse campo de estudos, no sentido de possibilitar o desenvolvimento das potencialidades humanas.

Nesse sentido, concordando com Fonseca et al (2015, p. 179) a educação empreendedora consiste em transformar ideias em ações, visando “o desenvolvimento de capacidades empreendedoras, em todas as crianças, capacidades consideradas necessárias para uma cidadania ativa, participativa e crítica”.

Assim, a perspectiva adotada neste trabalho compreende a educação empreendedora como potencializadora do desenvolvimento humano, social e econômico sustentável. Segundo Dolabela, (2003, p. 31):

Educar quer dizer evoluir sem mudar as nossas raízes; pelo contrário, reconhecendo e ampliando as energias que dela emanam. É também despertar a rebeldia, a criatividade, a força da inovação para construir um mundo melhor. Mas é principalmente construir a capacidade de cooperar, de dirigir energias para a construção do coletivo. É substituir a lógica do utilitarismo e do individualismo pela construção do humano, do social, da qualidade de vida para todos.

Educar para o empreendedorismo é também estimular a criatividade dos sujeitos, deixando-os criar e inovar, transportando o conceito que nasceu na empresa para todas as áreas da atividade humana.

Assim, dada a relevância dessa temática, ora apresentada, a educação empreendedora vem ganhando espaço na literatura e nas discussões acerca da sua contribuição para formação dos sujeitos, bem como para consolidação da atividade empreendedora no país, pois conforme tem apontado a pesquisa Monitoramento Global de Empreendedorismo (Global Entrepreneurship Monitor – GEM, 2018), quanto mais educado for o empreendedor, mais chances terá de criar um negócio baseado em uma oportunidade real. Já os menos preparados, tendem a direcionar suas iniciativas empreendedoras impulsionados apenas por uma necessidade de sobrevivência.

Entretanto, considerando que, aproximadamente 52 milhões de brasileiros estão envolvidos com alguma atividade empreendedora (GEM, 2018), mas que a expectativa de vida das empresas é, em média, de apenas 5 anos, segundo pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2017), infere-se que uma das causas para essa sobrevivência tão curta é que os brasileiros são motivados a empreender devido uma necessidade e não a partir da identificação de uma oportunidade.

Outros fatores como a alta carga tributária e as despesas extensas para formalização de colaboradores, também são fatores dificultadores para o empreendedorismo no Brasil, que além da falta de conhecimento por parte dos empreendedores e da abertura de negócios por necessidade, corroboram para que a expectativa de sobrevivência das empresas seja minimizada (SEBRAE, 2017).

Essa categoria de empreendedor por necessidade é fruto de uma herança cultural, tendo em vista que a atividade empreendedora não faz parte da cultura nacional, cuja história é marcada pela exploração e submissão entre colônia e metrópole:

[...] desde o século XVII, as relações entre colônia e metrópole foram sempre pautadas pela subserviência à Coroa. Todo o bem público pertencia à realeza, e é nesse contexto histórico que temos o berço das relações de trabalho no Brasil (GUERRA; RAZZIOTIN; 2010, p. 70).

Nessa perspectiva, a atitude empreendedora deve ser compreendida a partir do contexto cultural que cerca um indivíduo e não apenas considerando-o de forma isolada, pois o empreendedorismo é um fenômeno cultural, fruto de hábitos, práticas e valores do meio em que se vive e esse espírito empreendedor precisa cada vez mais ser acolhido pela sociedade brasileira (DOLABELA, 2006).

Diante do exposto, faz-se necessário que essa realidade seja superada e para tanto, um caminho é o investimento no ensino do empreendedorismo na educação formal, com vistas ao desenvolvimento de competências e atitudes que possibilitarão indivíduos mais bem preparados para enfrentar os desafios da sociedade pós-moderna e do mundo do trabalho.

Sabe-se que o sistema educacional não é a única instância responsável por contribuir com a formação do empreendedor, tendo em vista que, conforme destaca

Lopes (2010), outros fatores motivacionais como a personalidade, a família, a cultura também influenciam. No entanto, a instituição escolar tem a responsabilidade de promover a formação de indivíduos reflexivos, críticos e comprometidos com a realidade que os cerca.

Experiências vivenciadas em escolas² demonstram que o envolvimento com o empreendedorismo contribui “para o desenvolvimento de habilidades/competências como iniciativa, responsabilidade, criatividade, independência, autoconfiança, autonomia, resiliência e flexibilidade”, (LOPES; TEIXEIRA; 2010, p. 63).

Além disso, Dolabela (2008, p. 18) afirma que a introdução da cultura empreendedora no ensino básico e universitário “é o primeiro passo na persecução de um objetivo maior: a formação de uma cultura em que tenham prioridade valores como combate à miséria através da geração e distribuição de riquezas, inovação, criatividade, sustentabilidade, liberdade”.

Daí a importância da educação empreendedora ser contemplada na educação básica e mantida até o nível superior, baseada em uma concepção que incentiva o protagonismo infantil e juvenil, a criação de oportunidades para que, desde cedo, crianças e jovens se envolvam com a solução de problemas reais e tenham iniciativas inovadoras (LOPES; TEIXEIRA, 2010).

Dolabela (2003, p. 15) também afirma que “[...] a educação empreendedora deve começar na mais tenra idade, porque diz respeito à cultura, que tem o poder de induzir ou de inibir a capacidade empreendedora”.

Concordando com Dolabela (2003, 2008), Dornelas (2008), Fonseca et al (2015) e Lopes (2010), também ressaltam que quanto mais cedo incentivar e desenvolver atitudes empreendedoras, tais como liderança, criatividade, autonomia, capacidade de resolver problemas e trabalhar em equipe, mais naturalmente essas características serão incorporadas ao repertório das crianças e jovens.

² Programas de Educação Empreendedora desenvolvidos no município de José dos Campos entre os anos de 1999 a 2008; o Programa Jovens Empreendedores – Primeiros Passos, parceria do Sebrae com a Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico de São Paulo; Programas da Junior Achievement, entre outros que serão explicitados e detalhados no tópico referente aos resultados levantados nesta pesquisa (LOPES; TEIXEIRA; 2010).

Defende-se, portanto, que através de experiências lúdicas, crianças e jovens possam aprender a fazer fazendo e envolvendo-se com projetos reais, entrando progressivamente em contato com todos os aspectos do empreendimento, além de ter a oportunidade de conhecer o mundo dos negócios e de desenvolver capacidades pessoais relevantes para exercício de uma cidadania ativa.

No item seguinte, serão abordadas teorias educacionais que corroboram com os preceitos ora explicitados em relação à educação empreendedora.

2.3.1 Perspectivas teóricas

A escola institucionalizada, semelhante à dos dias atuais, é uma criação do século XVI. Nesse período, pela primeira vez na história da humanidade, há a formação de uma escola que visa absorver totalmente a disponibilidade de tempo da criança (ARANHA, 1989).

Foram os famosos colégios jesuítas, os quais se espalharam pelo mundo, inclusive no Brasil, desde o início de sua colonização e marcaram significativamente a educação deste país. Neles, segundo Aranha (1989), as crianças passaram a conviver com colegas da mesma faixa etária e o regime de estudo era bastante rigoroso, com ensino de gramática e retórica, visando formar o homem culto.

Nesse contexto, emerge o modelo de escola tradicional, procurando combater os impulsos naturais das crianças e inculcar-lhes valores morais através de uma rígida formação. A escola organizava-se, portanto, como uma instituição centrada no professor, baseada na transmissão de conteúdo, no saber enciclopédico, mediante uma relação entre professor e aluno, hierarquizada e verticalista (LUCKESI, 1994).

O quadro sintético a seguir explicita as principais características dessa proposta:

Concepção Pedagógica Tradicional	
Papel da Escola	Preparação intelectual e moral dos alunos para

	assumir sua posição na sociedade.
Conteúdos	São separados da experiência do aluno e das realidades sociais, prevalecendo um ensino humanista, de cultura geral e enciclopédico.
Métodos	A ação pedagógica baseia-se na exposição verbal da matéria, privilegiando o exercício da memória e a repetição.
Relacionamento professor e aluno	Predomina a autoridade do professor que exige atitude receptiva dos alunos, impedindo qualquer comunicação entre eles no decorrer da aula.

Quadro 1 – Síntese da concepção pedagógica tradicional. Fonte: Elaboração Própria (2019), baseado em Luckesi (1994).

O papel da educação nesse modelo tradicional consistia, portanto, na preparação intelectual e moral dos sujeitos, cujos conhecimentos e valores culturais acumulados pelas gerações adultas eram repassados como verdades absolutas.

Assim, da Antiguidade até o século XIX, predominou no Brasil essa concepção de ensino, baseada em uma perspectiva de aprendizagem passiva e receptiva, com foco, fundamentalmente, no memorizar em detrimento do compreender.

Com a Revolução Industrial, iniciada no século XVIII, a educação formal passa a receber outras demandas sociais, pois para acompanhar as mudanças dos novos tempos há a necessidade da formação contemplar conteúdos técnicos e científicos para além do estudo das humanidades. Conforme salienta Aranha (1989, p. 107):

A partir da Revolução Industrial (século XVIII) essa solicitação torna-se ainda mais aguda, uma vez que o trabalho nas fábricas exige do operário que pelo menos saiba ler, escrever e contar; e quanto aos níveis superiores há a necessidade de transmissão dos conhecimentos das novas ciências, bem como o estímulo para novas descobertas, a fim de desenvolver ainda mais a tecnologia.

Nesse sentido, as recentes exigências da sociedade industrial e o progresso científico demandaram capacitação cultural e o aprimoramento de conteúdos técnicos da população.

Nos séculos seguintes, especialmente a partir do final do século XIX, surgem tendências pedagógicas e movimentos educacionais com intuito de contrapor o modelo tradicional e propor novos caminhos para educação.

Assim, a natureza da escola vai se moldando ao longo do tempo, de acordo com as necessidades socioeconômicas das sociedades onde esteve inserida (ARANHA, 1989). A imagem a seguir aponta as principais teorias educacionais, além da concepção tradicional já apresentada, que influenciaram a educação nos últimos séculos.

Principais Concepções Teóricas Educacionais

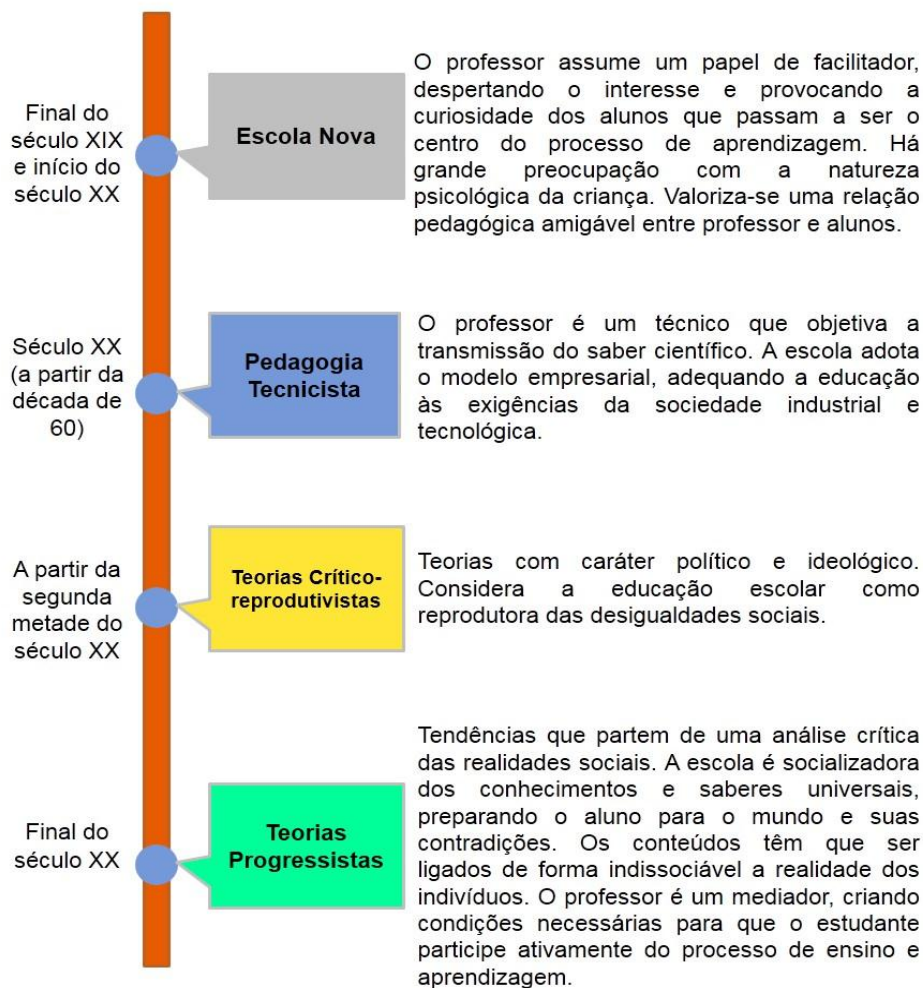


Figura 5 – Síntese das principais concepções teóricas educacionais. Fonte: Elaboração Própria (2019), baseado em Aranha (1989), Luckesi (1994) e Vasconcelos (1996).

É importante salientar que essas teorias educacionais não são auto excludentes. Ou seja, o surgimento de determinada concepção teórica, em um dado momento histórico, não abole automaticamente das práticas vivenciadas no cotidiano das escolas as tendências que a antecederam. Pelo contrário, elas passam a coexistir e muitas vezes sofrerem influências umas das outras.

As características da pedagogia tradicional apresentadas apontam que ela ainda é viva e influente na educação da atualidade. Seus traços podem ser percebidos, por exemplo, mediante a disposição das cadeiras enfileiradas de salas de aula e de práticas que dispensam a participação do aluno.

Assim, a escola por não se constituir, muitas vezes, como um espaço atraente e estimulante para crianças e jovens, tem contribuído para o desinteresse dos mesmos e acarretado em significativos índices de evasão nos últimos anos.

Pesquisa disponibilizada no Portal do Ministério da Educação, realizada pela Confederação Nacional dos Transportes (CNT), no ano de 2016, mostra que 61,4% dos entrevistados avaliaram que o ensino médio não é atraente e não está adequado à realidade dos jovens da atualidade.

O Censo Escolar, levantamento estatístico coordenado anualmente pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), revelou que no Brasil, no ano de 2018, foram 1,3 milhões de matrículas a menos, em comparação com o ano de 2014, contabilizando cerca de 2 milhões de crianças e adolescentes de 4 a 17 anos a menos na escola, conforme gráfico a seguir:

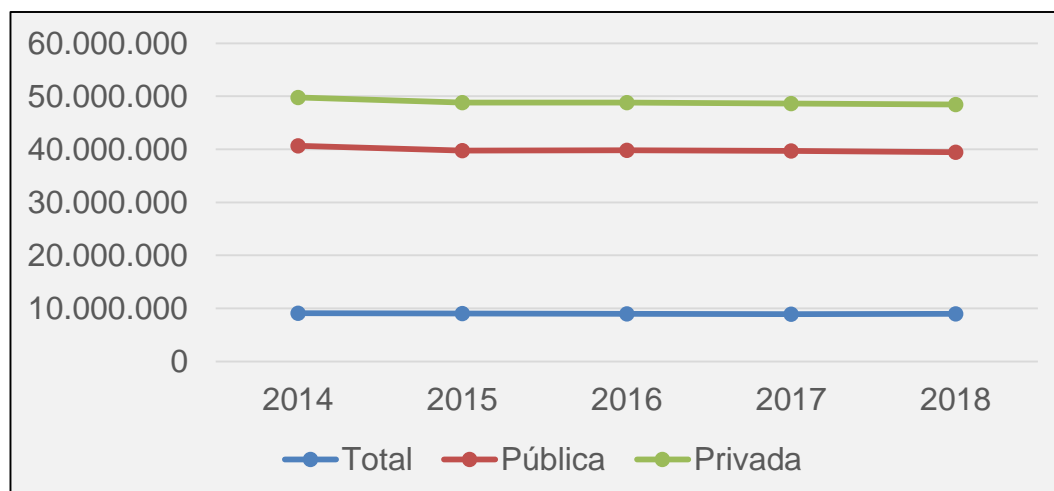


Gráfico 1 – Total de matrículas na Educação Básica do Brasil, no período de 2014 a 2018. Fonte: Elaboração Própria (2019), baseado no Censo Escolar (2018).

Outro levantamento realizado pelo INEP apontou que embora os resultados revelados pelo Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) venham avançando desde 2005, o Brasil ainda está distante de atingir o conceito máximo, considerando uma escala de 0 a 10 no que se refere a qualidade da Educação Básica, levando em consideração os índices de aprovação escolar e o aprendizado em português e matemática. Segue tabela com os dados apresentados:

BRASIL	REDE	IDEB 2005 (N x P)	IDEB 2007 (N x P)	IDEB 2009 (N x P)	IDEB 2011 (N x P)	IDEB 2013 (N x P)	IDEB 2015 (N x P)	IDEB 2017 (N x P)
Brasil	Total	3,8	4,2	4,6	5,0	5,2	5,5	5,8
Brasil	Estadual	3,9	4,3	4,9	5,1	5,4	5,8	6,0
Brasil	Municipal	3,4	4,0	4,4	4,7	4,9	5,3	5,6
Brasil	Pública	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	5,3	5,5
Brasil	Privada ⁽¹⁾	5,9	6,0	6,4	6,5	6,7	6,8	7,1

Legenda:

N = Nota Média Padronizada

P = Indicador de Rendimento

Tabela 1 – Taxa de aprovação no IDEB, no período de 2005 a 2017. Fonte: Elaboração Própria (2019).

Tais índices exigem um repensar acerca da organização da instituição escolar de forma a torná-la mais enriquecedora, indispensável, atraente e transformadora. Concordando com Mota (2014, p. 124), “o baixo nível educacional e as metodologias não compatíveis com as demandas do mundo contemporâneo podem limitar, de forma definitiva, as possibilidades de uma nação ter um desenvolvimento econômico e social sustentável”.

Corroborando com Mota (2014), James Heckman, ganhador do Prêmio Nobel de Economia no ano de 2010 e professor na Universidade de Chicago afirma que:

As primeiras impressões e experiências na vida preparam o terreno sobre o qual o conhecimento e as emoções vão se desenvolver mais tarde. Se essa base for frágil, as chances de sucesso cairão; se ela for sólida, vão disparar na mesma proporção. Países que não investem na primeira infância apresentam índices de criminalidade mais elevados, maiores taxas de gravidez na adolescência e de evasão no ensino médio e níveis menores de produtividade no mercado de trabalho.

Nesse sentido, é necessário investir na qualidade da educação desde a primeira infância, bem como superar as práticas tradicionais da postura rígida de um professor que apenas repassa conhecimentos, para outras práticas de ensino e aprendizagem mais atraentes e contextualizadas com a realidade atual, e que possibilitem a formação holística do sujeito:

Alunos somente poderão estar preparados para os desafios futuros se, ao longo da vida escolar da educação básica, estiverem sendo preparados para explorar suas máximas potencialidades. Para tanto, precisam adquirir conhecimentos para, sincronicamente, desenvolver uma gama de habilidades que os habilitem plenamente em tarefas necessárias tais como leitura, escrita, matemática e ciências, complementadas por outras que se mostram também necessárias, como capacidade de resolver problemas, pensamento crítico, comunicação interpessoal, colaboração e trabalho em equipe. Assim, o tradicional e o novo se completam, gerando a possibilidade de construção do conhecimento em novos padrões. Ou seja, elementos como inovação, criatividade e ética estão mais presentes do que nunca (MOTA,2014, p. 125).

O quadro a seguir, ressalta algumas diferenças entre a educação tradicional e a educação empreendedora.

Educação convencional	Educação empreendedora
Ênfase no conteúdo, que é visto como meta.	Ênfase no processo, aprender a aprender.
Conduzido e dominado pelo professor.	Apropriação do aprendizado pelo participante.
O professor repassa o conhecimento.	O professor como facilitador; Os participantes geram conhecimento.
Aquisição de informações “corretas” de uma vez por todas.	O que se sabe pode mudar.
Currículo e sessões fortemente programados.	Sessões flexíveis e voltadas a necessidades.
Objetivos do ensino impostos.	Objetivos do aprendizado negociados.
Prioridade para o desempenho.	Prioridade para a autoimagem geradora do desempenho.
Rejeição ao desenvolvimento de conjecturas e pensamentos divergentes.	Conjecturas e pensamento divergente vistos como parte do processo criativo.
Ênfase no pensamento analítico e linear.	Envolvimento de todo o cérebro; Aumento da racionalidade e opção por estratégias holísticas, não-lineares, ênfase na confluência.
Conhecimento teórico e abstrato.	Conhecimento teórico amplamente complementado por experimentos na sala de aula e fora dela.
Resistência à influência da comunidade.	Encorajamento à influência da comunidade.
Educação encarada como necessidade social durante certo período de tempo, para firmar habilidades mínimas para um determinado papel.	Educação vista como processo que dura toda a vida.
Erros não aceitos.	Erros como fonte de conhecimento.

O conhecimento é o elo entre aluno e professor.	Relacionamento humano entre professores e alunos é de fundamental importância.
---	--

Quadro 2 – Diferenças entre a educação tradicional e a educação empreendedora.

Baseado em: DOLABELA (2008).

Diante do exposto, a educação para o empreendedorismo, deve ser trabalhada embasada em propostas pedagógicas significativas, visando promover o desenvolvimento das potencialidades das crianças e jovens, com o propósito de incentivo a inovação, resolução de problemas, pensamento crítico, comunicação interpessoal, colaboração e trabalho em equipe.

Ensinar a empreender, segundo Lettieri (2005, p. 2), exige:

estimular o desejo dos alunos de sonhar e de construir um projeto de vida; ensinar o aluno a se comprometer com seus resultados, com a sua vida e com o seu papel social; determinar limites e estabelecer regras para que o jovem aprenda a lidar com frustrações e a conviver com suas angústias; permitir que o jovem aprenda com os erros e, principalmente, que ele aprenda a se permitir errar; estimular o gosto pelos desafios, aprendendo a calcular os riscos; ajudar o jovem a se conhecer, reconhecendo suas forças e aprendendo a lidar com suas fraquezas; estimular a criatividade e o gosto pela inovação; ajudar o jovem a fazer uma leitura crítica do mundo, propondo ações práticas e concretas para alterar a realidade; trabalhar na construção de uma juventude com ideias, ideais e ideologias.

Esse conceito apresentado vai ao encontro da concepção de educação empreendedora apresentada e corrobora com os pressupostos teóricos que fundamentam esta investigação quanto a necessidade das práticas de empreendedorismo considerarem os seguintes aspectos:

- Escola Nova: Valorização da experimentação, de uma pedagogia pragmática e que parta dos interesses da criança (VASCONCELOS, 1996);
- Piaget (Construtivismo): A construção do conhecimento a partir da interação do indivíduo com o meio; Necessidade de um processo de criação ativa, por um sujeito intelectualmente ativo, que “compara, exclui, categoriza, coopera, formula hipóteses e as reorganiza” (VASCONCELOS, 1996, p. 21);
- Vgotskyi (Corrente teórica sócio interacionista): Compreensão de criança como

indivíduo ativo, atento e que aprende através da interação e de experiências com seu meio sócio histórico; Papel do professor como mediador do conhecimento (VIGOTSKI, 2010);

- Freire: Educação como ato dialógico e libertário; valorização da curiosidade como pré-condição do conhecimento; práticas pedagógicas a partir de palavras geradoras ou temas geradores; promoção da autonomia do aluno e respeito a sua identidade (FREIRE, 1996).

Alinhada a essas bases teóricas e a partir dos conceitos expostos no decorrer desta investigação, a perspectiva de educação voltada para o empreendedorismo tem como características centrais a iniciativa de mudança, a criatividade e a inovação, sendo estes dois últimos aspectos reconhecidos como condições ou alicerces para a sustentação e desenvolvimento do processo empreendedor (LEITE, 2012).

Apesar de ambas as características estarem intimamente relacionadas, a criatividade pode ser definida, segundo Siqueira (2007), como o processo mental de geração de novas ideias por indivíduos ou grupos. Já a inovação, também considerada como uma das premissas para o processo empreendedor, é conceituada por Drucker (2001) como:

[...] instrumento específico dos empreendedores, o meio pelo qual eles exploram a mudança como uma oportunidade para um negócio diferente ou um serviço diferente. Ela pode bem ser apresentada como uma disciplina, ser apreendida e ser praticada. Os empreendedores precisam buscar, com propósito deliberado, as fontes de inovação, as mudanças e seus sintomas que indicam oportunidades para que uma inovação tenha êxito. E os empreendedores precisam conhecer e pôr em prática os princípios da inovação bem sucedida (DRUCKER, 2001, p. 25).

Assim, essas características relevantes ao empreendedor apesar de terem conceitos muito próximos, se diferenciam no sentido de que a criatividade pode ser considerada o pensar coisas novas, ao passo que a inovação engloba a concretização e aplicação das novas ideias, ou seja, a criatividade se constitui como componente impulsionador para a inovação (LEITE, 2012).

Nesse cenário, contrastando com a educação tradicional fundada em disciplinas e conteúdos inflexíveis, a formação empreendedora visa disseminar uma cultura de estímulo ao espírito criativo, a inovação, a capacidade reflexiva, a

autonomia, as novas maneiras de pensar e de entender o mundo e de se relacionar com ele, contribuindo assim para o desenvolvimento social e econômico de todos (DOLABELA, 2003).

No item que segue, serão abordados aspectos legais que orientam o currículo da educação básica brasileira e que respaldam o trabalho voltado para educação empreendedora e inovação.

2.3.2. Legislação

A Constituição Federal de 1988, em seu Artigo 205, reconhece a educação como direito fundamental compartilhado entre Estado, família e sociedade ao determinar que:

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (DO BRASIL, 1988).

Seguindo essa orientação, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº. 9.394 de 20 de dezembro de 1996), legislação que define e regulamenta o sistema educacional brasileiro, também destaca em seus artigos primeiro e segundo a necessidade da educação escolar promover o desenvolvimento integral dos sujeitos e vincular-se ao mundo do trabalho e a prática social.

§ 2º A educação escolar deverá vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social (FEDERAL, Senado, 1996, Art. 1º).

A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (FEDERAL, Senado, 1996, Art. 2º).

Essa finalidade deve nortear toda a educação escolar brasileira, que segundo o Art. 4º desta Lei, está dividida em dois níveis: Básica e Superior, organizados da seguinte forma:

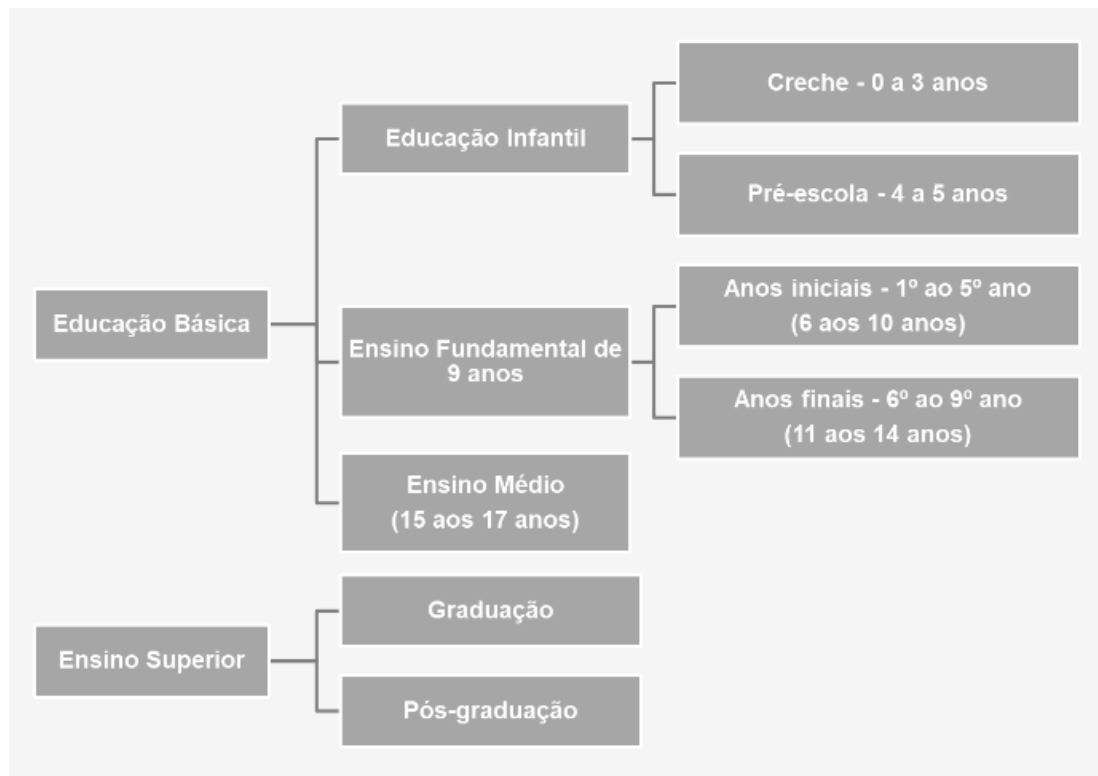


Figura 6 – Organização da Educação Escolar Brasileira. Fonte: Elaboração Própria (2019).

No que se refere a educação básica, a LDB também destaca como finalidade o desenvolvimento do educando e a necessidade de assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e para progredir no trabalho e em estudos posteriores (FEDERAL, Senado, 1996, art. 22).

Corroborando com esse entendimento, a Base Nacional Comum Curricular (2019), documento que visa nortear os currículos dos sistemas e redes de ensino, bem como as propostas pedagógicas de todas as escolas públicas e privadas do Brasil, também direciona que os conhecimentos, competências e habilidades a serem desenvolvidos pelos estudantes ao longo da escolaridade básica possibilitem a formação humana integral, bem como a construção de uma sociedade democrática e inclusiva.

O referido documento ainda reitera o compromisso de uma educação que possibilite condições para o exercício da cidadania e contextualizada com o mundo do

trabalho, tendo em vista a necessidade das propostas pedagógicas contemplarem:

[...] conhecimentos, habilidades, atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho (MEC, 2019, p. 13).

Nesse sentido, é possível verificar que três orientações se presentificam nos normativos apresentados: a promoção da educação integral do sujeito, o exercício da cidadania e a qualificação profissional.

No que concerne ao compromisso com a educação integral, a educação básica deve:

[...] visar à formação e ao desenvolvimento humano global, o que implica compreender a complexidade e a não linearidade desse desenvolvimento, rompendo com visões reducionistas que privilegiam ou a dimensão intelectual (cognitiva) ou a dimensão afetiva. Significa, ainda, assumir uma visão plural, singular e integral da criança, do adolescente, do jovem e do adulto – considerando-os como sujeitos de aprendizagem – e promover uma educação voltada ao seu acolhimento, reconhecimento e desenvolvimento pleno, nas suas singularidades e diversidades (MEC, 2019, p. 14).

Esse desenvolvimento pleno, muito mais do que o acúmulo de informações, requer do sujeito:

[...] reconhecer-se em seu contexto histórico e cultural, comunicar-se, ser criativo, analítico-crítico, participativo, aberto ao novo, colaborativo, resiliente, produtivo e responsável [...]. Requer o desenvolvimento de competências para aprender a aprender, saber lidar com a informação cada vez mais disponível, atuar com discernimento e responsabilidade nos contextos das culturas digitais, aplicar conhecimentos para resolver problemas, ter autonomia para tomar decisões, ser proativo para identificar os dados de uma situação e buscar soluções, conviver e aprender com as diferenças e as diversidades (MEC, 2019, p. 14).

Dessa forma, percebe-se que as propostas pedagógicas desenvolvidas ao longo das modalidades da educação básica, precisam possibilitar a formação humana integral, que perpassa desenvolver aspectos sociais, psicológicos, pedagógicos e afetivos, das crianças e jovens.

No que se refere ao preparo para exercício da cidadania e qualificação para o trabalho, convém ressaltar que as orientações não significam a profissionalização precoce ou o atendimento das necessidades imediatas do mercado de trabalho. Ao contrário, supõe o desenvolvimento de competências que possibilitem aos estudantes ao longo da vida escolar se inserirem de forma ativa, crítica, criativa e responsável na

sociedade (MEC, 2019, p. 465).

Os princípios contidos no embasamento legal explicitado, encontram concordância com os princípios norteadores da educação empreendedora³, constituindo-se como importante ferramenta para promoção da empregabilidade, formação holística das crianças e jovens, bem como para o desenvolvimento econômico e social do país (SILVA e CÁRIA, 2015).

Nessa perspectiva, o quadro a seguir apresenta aspectos destacados na BNCC (BRASIL, 2019) que fazem menção ao tema empreendedorismo e inovação:

MODALIDADE	ORIENTAÇÕES
Ensino Médio	<p>Experiências a serem promovidas pelas escolas:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Estimular atitudes cooperativas e propositivas para o enfrentamento dos desafios da comunidade, do mundo do trabalho e da sociedade em geral, alicerçadas no conhecimento e na inovação (MEC, 2019, p.465); ▪ Proporcionar uma cultura favorável ao desenvolvimento de atitudes, capacidades e valores que promovam o empreendedorismo (criatividade, inovação, organização, planejamento, responsabilidade, liderança, colaboração, visão de futuro, assunção de riscos, resiliência e curiosidade científica, entre outros), entendido como competência essencial ao desenvolvimento pessoal, à cidadania ativa, à inclusão social e à empregabilidade (MEC, 2019, p.466); ▪ Prever o suporte aos jovens para que reconheçam suas potencialidades e vocações, identifiquem perspectivas e possibilidades, construam aspirações e metas de

³ Constituem-se princípios da educação empreendedora, conforme Silva e Cária (2015): a criatividade; a capacidade de estabelecer e atingir objetivos e metas; o desenvolvimento sustentável; a resolução de problemas; fomento a inovação.

formação e inserção profissional presentes e/ou futuras, e desenvolvam uma postura empreendedora, ética e responsável para transitar no mundo do trabalho e na sociedade em geral (MEC, 2019, p.466);

Nos itinerários formativos é possível identificar a concepção de empreendedorismo adotada pela legislação, bem como seu objetivo no âmbito da formação profissional:

- Empreendedorismo: supõe a mobilização de conhecimentos de diferentes áreas para a formação de organizações com variadas missões voltadas ao desenvolvimento de produtos ou prestação de serviços inovadores com o uso das tecnologias (RESOLUÇÃO CNE/CEB nº 3/2018, Art. 12, § 2º, apud, MEC, 2019, p.479).
- Formação técnica e profissional: desenvolvimento de programas educacionais inovadores e atualizados que promovam efetivamente a qualificação profissional dos estudantes para o mundo do trabalho, objetivando sua habilitação profissional tanto para o desenvolvimento de vida e carreira quanto para adaptar-se às novas condições ocupacionais e às exigências do mundo do trabalho contemporâneo e suas contínuas transformações, em condições de competitividade, produtividade e inovação, considerando o contexto local e as possibilidades de oferta pelos sistemas de ensino (Resolução CNE/CEB nº 3/2018, Art. 12, apud MEC, 2019, p.478).

Constitui-se uma habilidade a ser desenvolvida na área de conhecimento das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas:

	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Analisar os fundamentos da ética em diferentes culturas, tempos e espaços, identificando processos que contribuem para a formação de sujeitos éticos que valorizem a liberdade, a cooperação, a autonomia, o empreendedorismo, a convivência democrática e a solidariedade (MEC, 2019, p.577).
<p style="text-align: center;">Ensino Fundamental</p>	<p style="text-align: center;">Constituem-se objetos de conhecimento do componente curricular de Geografia:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Trabalho e inovação tecnológica (MEC, 2019, p.378); ▪ Cadeias industriais e inovação no uso dos recursos naturais e matérias-primas (MEC, 2019, p.392);

Quadro 3 – Orientações abordadas na BNCC sobre empreendedorismo e inovação.
Elaboração Própria (2019).

Apesar da Base Nacional Comum Curricular, conforme tópicos supracitados no quadro 2, apenas citar diretamente os temas empreendedorismo e inovação nas orientações voltadas para as modalidades do ensino médio e fundamental, oito das dez competências gerais para serem desenvolvidas ao longo da educação básica (PLANALTO, 2019, p. 09) também permitem fundamentar o trabalho com a atividade empreendedora e inovação de modo transversal ao currículo, sendo elas:

- Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva;
- Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos

conhecimentos das diferentes áreas;

- Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo;
- Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva;
- Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade;
- Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta;
- Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza;
- Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.

Assim, compreendendo a educação empreendedora em sua acepção mais

ampla como potencializadora do desenvolvimento humano, social e econômico sustentável, e que educar para o empreendedorismo e inovação é também estimular a criatividade dos sujeitos, considera-se que as atividades empreendedoras são um excelente cenário para o desenvolvimento de muitas das competências acima citadas, possibilitam situações altamente propícias a práticas escolares interdisciplinares, bem como contribuem para formação integral das crianças e jovens, para o exercício da cidadania e para inserção no mundo do trabalho.

Sendo assim, sinteticamente, a partir do exposto, a concepção de educar para o empreendedorismo e inovação está alinhada aos seguintes princípios que permeiam o embasamento legal apresentado: o enfoque humanista, holístico, democrático e participativo; o pluralismo de ideias e concepções pedagógicas, na perspectiva da interdisciplinaridade; a vinculação entre a ética, a educação, o trabalho e as práticas sociais; e a educação articulada as questões locais, regionais, nacionais e globais.

No tópico seguinte, será apresentado o fomento a cultura do empreendedorismo e da inovação a partir do aporte do terceiro setor da sociedade.

2.3.3 Iniciativas de Fomento ao Empreendedorismo e Inovação

Segundo Mota (2014, p. 123):

Atualmente, o ambiente de aprendizagem formal vai muito além dos muros da escola, permitindo experiências educacionais sem precedentes, fazendo uso de ferramentas e oportunidades inéditas, jamais disponíveis anteriormente aos modelos tradicionais de ensino.

No âmbito da educação para o empreendedorismo e estímulo a inovação, além das iniciativas partirem de escolas e Instituições de Ciência e Tecnologia, outros contextos também desempenham papel relevante no fomento a essas atividades. Contribuições idealizadas pelo terceiro setor oferecem programas e cursos que estimulam o empreendedorismo inovador e impactam positivamente no desenvolvimento social e econômico do país.

Considera-se o terceiro setor, segundo Graef e Salgado (2012), o conjunto de entidades sem fins lucrativos que não integram a estrutura do estado (primeiro setor) e do mercado (segundo setor), constituídas como pessoas jurídicas de direito privado,

sob o substrato de associações, fundações, instituições religiosas ou partidos políticos, como por exemplo: as cooperativas sem fins lucrativos; os Serviços Sociais Autônomos; as sociedades científicas; as sociedades beneficentes; os diversos tipos de associações e as fundações de todas as áreas de atividades, dentre outros.

Nesse contexto, o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) vem desenvolvendo iniciativas relevantes de educação para o empreendedorismo inovador, em parceria com escolas públicas e privadas, em todo o país, por meio do PNEE – Programa Nacional de Educação Empreendedora – e, especificamente para o público do Ensino Fundamental e Médio, com o JEPP – Jovens Empreendedores Primeiros Passos, projeto que visa estimular a criatividade e a criticidade dos estudantes do Ensino Fundamental, incentivando comportamentos empreendedores e estimulando o protagonismo juvenil.

O Sebrae também tem aplicado, através do PNEE o projeto Despertar, no qual professores recebem formação e um conjunto de materiais didáticos a serem utilizados no ensino médio com intuito de estimular reflexões nos jovens sobre sua vida pessoal e profissional, tendo o empreendedorismo como temática focal.

Em ambos os projetos, não se faz necessária a criação de disciplinas específicas, mas a realização de um trabalho transversal e interdisciplinar em que a educação empreendedora ocorre de forma natural ao longo da formação básica.

Iniciativas de Organizações da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP) também têm fortalecido a disseminação da cultura empreendedora junto às crianças e jovens. A exemplo da Junior Achievement, uma das maiores e mais atuantes organizações do mundo que oferecem programas voltados para educação financeira, empreendedorismo e mercado de trabalho. Nesses programas, os estudante têm a oportunidade de simular a criação de empresas, desenvolver produtos para o mercado, aprender a gerir e otimizar recursos, a trabalhar em equipe e a estimular a criatividade e a competitividade (JUNIOR ACHIEVEMENT, 2019).

Além dessas contribuições do terceiro setor, cursos presenciais e online ofertados pela iniciativa privada têm colaborado para fomentar a cultura empreendedora. Um exemplo é o Curso de Empreendedores Mirins, promovido pela ComSchool, que é o primeiro no Brasil com foco no desenvolvimento e formação de

empreendedores com menos de 18 anos de idade, o qual ensina técnicas, dicas e segredos para criar o próprio negócio na Internet, como um aplicativo mobile, um game, entre outros.

Também têm se constituído como importantes ferramentas para ensinar o empreendedorismo dentre e fora do ambiente escolar, imersões, competições de ideias a fim de solucionar desafios, oficinas e seminários voltados para educação empreendedora e inovação.

Essas iniciativas têm colaborado para formação de uma cultura em que professores, crianças e jovens aprendam, através das atividades empreendedoras, valores como geração e distribuição de riquezas, autonomia, inovação, criatividade, trabalho em equipe, autossustentação, liberdade e desenvolvimento econômico.

3. ASPECTOS METODOLÓGICOS: O UNIVERSO DA PESQUISA

Neste capítulo, a partir dos estudos de Gil (2008), Godoy (1995), Okubo (1997) e Prodanov e Freitas (2013), são apresentadas as bases metodológicas para o desenvolvimento do trabalho. Para tanto, é explicitada a caracterização da pesquisa, o contexto da investigação e os procedimentos utilizados para geração dos dados.

A pesquisa consistiu em duas etapas: (1) pesquisa bibliométrica e estudo comparativo das publicações identificadas; e (2) análise do cenário local (Maceió/Alagoas). Esse percurso metodológico é apresentado na Figura 7, a seguir:

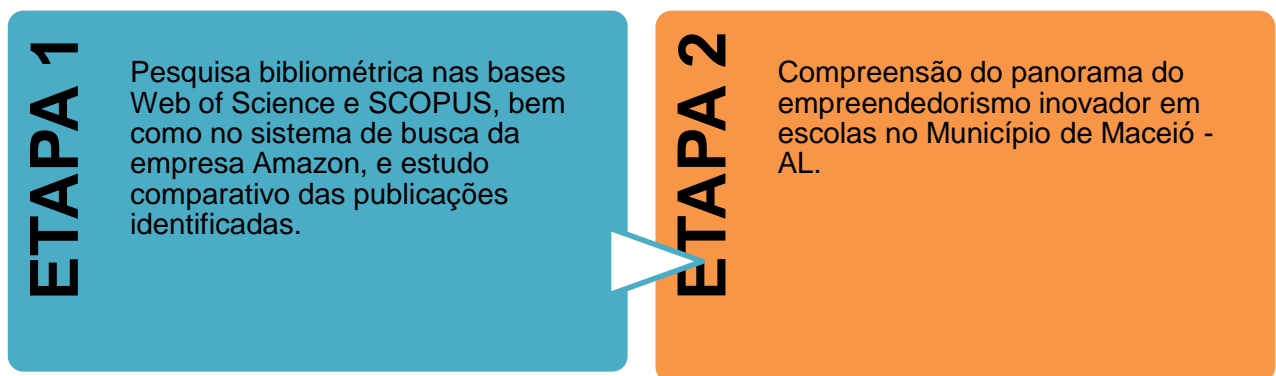


Figura 7 – Etapas da Pesquisa. Elaboração Própria (2019).

3.1 Caracterização do estudo

Trata-se de uma pesquisa de natureza aplicada, com o objetivo de gerar conhecimentos orientados para aplicação prática, tendo como foco compreender o panorama das propostas voltadas para o empreendedorismo e inovação na infância e juventude (PRODANOV e FREITAS, 2013).

Optou-se por a utilização de uma abordagem híbrida, combinando métodos quantitativos e qualitativos, com intuito de obter uma base rica e contextual para interpretar e validar os resultados levantados.

Convém ressaltar que a abordagem qualitativa tem caráter descritivo e, segundo Godoy (1995), tem sido muito utilizada nas ciências sociais nos últimos trinta anos para explicar fenômenos. Já a abordagem quantitativa, destaca-se por

possibilitar a utilização de dados numéricos para mensurar resultados.

No que se refere aos procedimentos, fundamentados em Prodanov e Freitas (2013) e Gil (2008), nas etapas 1 e 2 foi utilizada a pesquisa bibliométrica, concebida a partir de materiais já publicados; e na etapa 3, optou-se pelo estudo de caso, estudo empírico que investiga um fenômeno atual dentro do seu contexto de realidade.

3.1.1 Etapa 1: Pesquisa bibliométrica comparativa

No que se refere aos métodos adotados, enquadra-se como uma pesquisa bibliométrica, tendo em vista que esse método possibilitou mensurar a contribuição do conhecimento científico derivado de publicações no âmbito da educação empreendedora e de estímulo a inovação. (PRODANOV e FREITAS, 2013).

Tradicionalmente, os estudos bibliométricos são realizados a partir de informações obtidas em grandes bases de dados, com intuito de investigar as distribuições de frequência da autoria e do número de artigos publicados sobre determinado tema/área, o volume dessas publicações, o impacto dos artigos, dos periódicos e dos pesquisadores em função do número de citações, entre outros indicadores. Além dessas características, convém ressaltar que os estudos bibliométricos diferenciam-se dos estudos bibliográficos, pois pressupõem a análise quantitativa dos dados obtidos, enquanto as pesquisas bibliográficas constituem-se parte indispensável de qualquer trabalho científico visando à construção da plataforma teórica do estudo (OKUBO, 1997 apud SOARES, PICOLLI e CASAGRANDE, 2018).

Destarte, foi realizado o levantamento de publicações nas plataformas *Web of Science* (2019) e *Scopus* (2019), bases de dados de artigos científicos, multidisciplinares, reunidos em um vasto conjunto de revistas publicadas internacionalmente, bem como no sistema de busca da empresa *Amazon* no Brasil e no exterior, com a finalidade de verificar as publicações de livros na área de educação empreendedora e inovação no contexto infantil e juvenil.

Primeiramente, o levantamento foi realizado na *Web of Science* e na *Scopus*, no período de outubro a novembro de 2019 e optou-se por pesquisar o termo:

"Entrepreneur Education" OR "Entrepreneurship Education" OR "Entrepreneurial Education" OR "Educação Empreendedora". A consulta consistiu na busca por títulos, utilizando o campo pesquisa avançada, sem delimitação de ano de publicação.

O operador lógico booleano OR foi usado, pois combina termos de modo que cada resultado da pesquisa contenha no mínimo uma das palavras-chave indicadas, tendo em vista que são sinônimas nos idiomas inglês e português. Além disso, possibilita contemplar o radical (elemento que contém o significado básico das palavras) e sufixos variados, os quais são considerados na redação como similares.

A opção pelo uso das aspas no termo de busca justifica-se, para que as palavras fossem localizadas na ordem indicada, contribuindo para a obtenção de resultados mais específicos.

Após a pesquisa do total de publicações localizadas nas duas bases de dados, buscou-se identificar as características gerais dessas produções, visando uma melhor compreensão contextual das mesmas. Para tanto, foi realizado o levantamento dos seguintes aspectos: principais áreas temáticas relacionadas às pesquisas sobre educação empreendedora; principais tipos de trabalhos indexados; publicações por ano e por países; instituições que mais publicam; e trabalhos mais citados, nacionalmente e internacionalmente. Os resultados foram analisados estatisticamente através de representações gráficas, figuras e tabelas.

Na sequência, a partir da leitura dos títulos, resumos e palavras-chave das 47 publicações mais citadas, sendo 28 obras nacionais e 19 internacionais, buscou-se selecionar as pesquisas alinhadas ao objeto desta investigação, adotando como critério as que abordassem o tema do empreendedorismo e da inovação no contexto infantil e juvenil, das quais foram selecionadas 4 pesquisas. É importante destacar que as obras nacionais, não significam necessariamente que foram escritas em português, mas com a participação de pesquisadores e instituições brasileiras.

Posteriormente, esses trabalhos foram analisados comparativamente, juntamente com os resultados do levantamento de livros que contemplam propostas de educação para o empreendedorismo inovador, localizados no sistema de busca da empresa Amazon. Foram identificados 4 livros, utilizando os mesmos termos adotados na primeira fase do estudo, durante o levantamento de publicações em bases de

dados. Entretanto, nesta etapa, foram pesquisados separadamente.

Por isso, esta pesquisa também enquadra-se como comparativa, tendo em vista que visou identificar pontos de convergência e/ou divergência entre as propostas voltadas para cultura empreendedora a nível nacional e mundial.

3.1.3 Etapa 2: Estudo Multicaso do Cenário Local

Após a obtenção dos dados nessa perspectiva macro, buscou-se compreender o panorama da educação para o empreendedorismo inovador no município de Maceió-AL, com a finalidade de identificar se as escolas fomentam o empreendedorismo desde os anos iniciais da educação básica, bem como se os estudos constatados nas bases supracitadas têm sido utilizados para fundamentar as práticas de educação empreendedora no contexto escolar do referido município.

Para tanto, foi utilizada a técnica de documentação intensiva (entrevistas), pois segundo Gil (2008), constitui-se um excelente instrumento para geração de dados por permitir a obtenção de descrições detalhadas, mais pormenorizadas, sobre o objeto investigado.

Foram realizadas entrevistas com coordenadores pedagógicos, gestores e/ou professores(as), responsáveis pela condução das propostas voltadas para educação empreendedora em três escolas da rede privada, três da rede pública municipal e três da rede pública estadual.

Convém salientar que essas entrevistas ocorreram a partir da aprovação do Comitê de Ética da Universidade Federal de Alagoas, conforme Parecer Consubstanciado em anexo, após apreciação do projeto de pesquisa na Plataforma Brasil, juntamente com outras documentações como o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (T.C.L.E.) e a Declaração de Cumprimento das Normas da Resolução Nº 466/12 e 510/16 sobre Uso e Destinação dos Dados Coletados, documentações também em anexo.

O levantamento foi realizado por amostragem em instituições de pequeno e grande porte. A escolha das escolas deve-se por situarem-se em regiões administrativas diversas e atenderem modalidades variadas da educação básica,

como Educação Infantil, Ensino Fundamental I (anos iniciais), Ensino Fundamental II (5º ao 9º ano), Educação de Jovens e Adultos, Ensino Técnico e Tecnológico, bem como por atenderem turnos diferentes e período integral.

Essas características possibilitam contemplar uma heterogeneidade de perfis no que se refere a localização, quantidade de estudantes atendidos, turnos (manhã, tarde, noite, integral) e modalidade da educação básica, aspectos que colaboraram para uma maior coleta de informações para esta pesquisa.

As entrevistas realizadas foram gravadas em áudio, com a permissão dos participantes e, posteriormente, transcritas. Esse procedimento foi escolhido por se tratar de um modo mais eficaz para registrar com precisão as falas dos entrevistados, as quais foram preservadas na íntegra.

Dentre os níveis de estruturação de entrevistas explicitados por Gil (2008), as efetuadas neste estudo se enquadram no campo das estruturadas e para tanto foi elaborado previamente um roteiro com sete questões norteadoras e abertas com o objetivo de permitir que o entrevistado se expresse livremente. Tal roteiro consta no Apêndice 1.

Extratos dos dados transcritos foram analisados a partir dos estudos teóricos que fundamentam a área da educação empreendedora e inovação. Além disso, as escolas e os participantes entrevistados não tiveram a identidade explicitada, optando-se por utilizar siglas conforme legenda abaixo:

EP = Escola da Rede Privada;

EM = Escola da Rede Municipal;

EE = Escola da Rede Estadual;

E = Entrevistado.

A seguir, a Tabela 2 apresenta a caracterização geral dos contextos investigados:

Instituição	Ano de Fundação	Localização (Bairro)	Cargo e Formação do Entrevistado	Número de alunos matriculados	Modalidades atendidas
EP1	1956	Cambona	Coordenador da Educação Básica Pedagogo	Matutino: 915 Vespertino: 465 Noturno: 95 Total: <u>1.475</u>	- Ens. Fundamental II; - Ens. Médio; - Ens. Téc./Tecnológico; - Ed. de Jovens, Adultos e Idosos.
EP2	2013	Benedito Bentes		Matutino: 920 Vespertino: 235 Noturno: 127 Total: <u>1.282</u>	- Ens. Fundamental II; - Ens. Médio; - Ens. Téc./Tecnológico; - Ed. de Jovens, Adultos e Idosos.
EP3	1994	Serraria	Coordenadora Pedagógica - Pedagoga	Matutino: 649 Vespertino: 307 Total: <u>956</u>	- Educação Infantil; - Ens. Fundamental I e II; - Ens. Médio.
EM1	2006	José Tenório	Coordenadora Pedagógica - Pedagoga	Matutino: 117 Vespertino: 118 Total: <u>235</u>	- Ens. Fundamental I.
EM2	1997	Village Campestre I	Professor – Educador Físico	Matutino: 432 Vespertino: 218 Noturno: 252 Total: <u>902</u>	- Ens. Fundamental I e II; - Ed. de Jovens, Adultos e Idosos.
EM3	2001	Antares	Coordenadora Pedagógica – Pedagoga	Matutino: <u>369</u> Vespertino: <u>347</u> Noturno: <u>228</u> Total: <u>944</u>	- Ens. Fundamental I; - Ens. Fundamental II; - Educação de Jovens, Adultos e Idosos.
EE1	1970	Gruta de Lourdes	Gestora - Pedagoga	Matutino: <u>77</u> Vespertino: 66 Total: <u>143</u>	- Ens. Fundamental I.
EE2	1979	Farol	Coordenadora Pedagógica - Licenciada em Letras	Matutino: <u>548</u> Vespertino: <u>442</u> Noturno: <u>392</u> Total: <u>1.382</u>	- Ens. Fundamental II; - Ensino Médio; - Educação de Jovens, Adultos e Idosos.

EE3	1939	Farol	Coordenadora Pedagógica - Licenciada em Letras	Integral (matutino e vespertino): <u>217</u> Total: <u>217</u>	- Ensino Médio.
-----	------	-------	--	---	-----------------

Tabela 2 – Caracterização dos contextos investigados. Fonte: Elaboração Própria (2019).

Observa-se que foram contempladas escolas de oito bairros da capital alagoana, sendo a mais antiga fundada em 1939 e a mais recente em 2013. Dentre tais escolas, verifica-se ainda que a maioria atende os turnos matutino, vespertino e noturno, tendo em vista que apenas 4 não funcionam no período noturno e uma diferencia-se por atender alunos em período integral.

Além disso, o quantitativo total de estudantes matriculados nessas instituições revela a importância destas para a formação de crianças e jovens, uma vez que atendem 7.536 residentes no município de Maceió.

Outro ponto que convém destacar é a predominância de profissionais pedagogos, responsáveis pela condução dos trabalhos envolvendo educação empreendedora e inovação. Foram entrevistados 5 Pedagogos, 1 Educador Físico e 2 profissionais com formação em Letras.

Espera-se com a pesquisa possibilitar, através da análise pormenorizada e sistematizada dos dados coletados, a elaboração de políticas públicas de incentivo a educação empreendedora desde os anos iniciais da educação básica.

4. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

Este capítulo é utilizado para apresentar, analisar e discutir os dados obtidos durante o estudo. Nos tópicos seguintes são explicitados os resultados das buscas realizadas em bases de publicações científicas, empresa de vendas de obras/livros online e em mecanismos de pesquisa, bem como os resultados levantados a partir das entrevistas realizadas com os responsáveis pela condução do trabalho pedagógico voltado para educação empreendedora e inovação nas escolas visitadas.

4.1 Revisão bibliométrica: caracterização geral da educação empreendedora em âmbito nacional e internacional

Inicialmente, buscou-se mapear publicações sobre educação empreendedora, nas plataformas Web of Science (WoS, 2019) e SCOPUS (2019), bases de dados de artigos científicos multidisciplinares, reunidos em um vasto conjunto de revistas publicadas internacionalmente. Essas bases foram selecionadas, pois permitem pesquisar e classificar os resultados por parâmetros específicos, bem como possibilitam analisar as informações a partir de rankings e métricas construídas com alto grau de sistematização dos dados (AGHAEI CHADEGANI, 2013).

Optou-se, primeiramente, por pesquisar o termo: "*Entrepreneur Education*" OR "*Entrepreneurship Education*" OR "*Entrepreneurial Education*" OR "*Educação Empreendedora*". A consulta consistiu na busca por títulos, utilizando o campo pesquisa avançada, sem delimitação de ano de publicação.

O operador lógico booleano OR foi utilizado, pois combina termos de modo que cada resultado da pesquisa contenha no mínimo uma das palavras-chave indicadas, tendo em vista que são sinônimas nos idiomas inglês e português. Além disso, possibilita contemplar o radical (elemento que contém o significado básico das palavras) e sufixos variados, os quais são considerados na redação como similares.

Também convém salientar que a opção pelo uso das aspas no termo de busca justifica-se, para que as palavras fossem localizadas na ordem indicada, contribuindo

para o levantamento de resultados mais específicos.

Foram constatadas um total de 1.120 publicações na Web of Science e 10.431 na SCOPUS. Após esse levantamento quantitativo, buscou-se verificar as características gerais dessas produções, visando uma melhor compreensão contextual das mesmas. Para tanto, na Tabela 3, são apresentadas as dez principais áreas temáticas relacionadas às pesquisas sobre o termo empregado.

Áreas Temáticas	Número de Publicações	
	Web of Science	SCOPUS
TERMO DE BUSCA: "Entrepreneur Education" OR "Entrepreneurship Education" OR "Entrepreneurial Education" OR "Educação Empreendedora"		
Education Educational Research	547	
Business Economics	453	
Social Sciences Other Topics	213	
Computer Science	95	
Engineering	68	
Arts Humanities Other Topics	41	
Psychology	41	
Operations Research Management Science	25	
Science Technology Other Topics	23	
Development Studies	16	
Business, Management and Accounting		6.476
Social Sciences		4.179
Economics, Econometrics and Finance		2.965
Engineering		1.285
Computer Science		934
Decision Sciences		499
Arts and Humanities		421
Psychology		344
Environmental Science		341
Mathematics		199

Tabela 3 – Áreas temáticas dos estudos sobre Educação Empreendedora. Fonte: Web of Science (2019) e SCOPUS (2019)⁴. Elaboração Própria (2019).

⁴ Algumas publicações foram classificadas em mais de uma área, desse modo, o total nas bases WoS (2019) e SCOPUS (2019) é superior ao número total de publicações.

Os resultados, em ambas as bases de dados, revelam a heterogeneidade de campos de estudos sobre empreendedorismo. Observa-se que, de acordo com o número de publicações, na Web of Science destacam-se as pesquisas nos campos educacional, de negócios e ciências sociais, aparecendo com menos força os temas tecnológicos e estudos de desenvolvimento.

No contexto das pesquisas indexadas na base SCOPUS, evidencia-se que os estudos concentram-se significativamente nas áreas de negócios, ciências sociais e economia, aparecendo com um quantitativo menos expressivo as publicações relacionadas à ciência ambiental e matemática.

No que se refere à essas publicações localizadas, pode-se classificá-las quanto ao tipo em três principais categorias, sendo elas: anais de eventos (trabalhos publicados em congressos ou similares); artigos; e capítulos de livros, os quais constam em menor quantidade. Conforme Gráfico 2, a seguir:

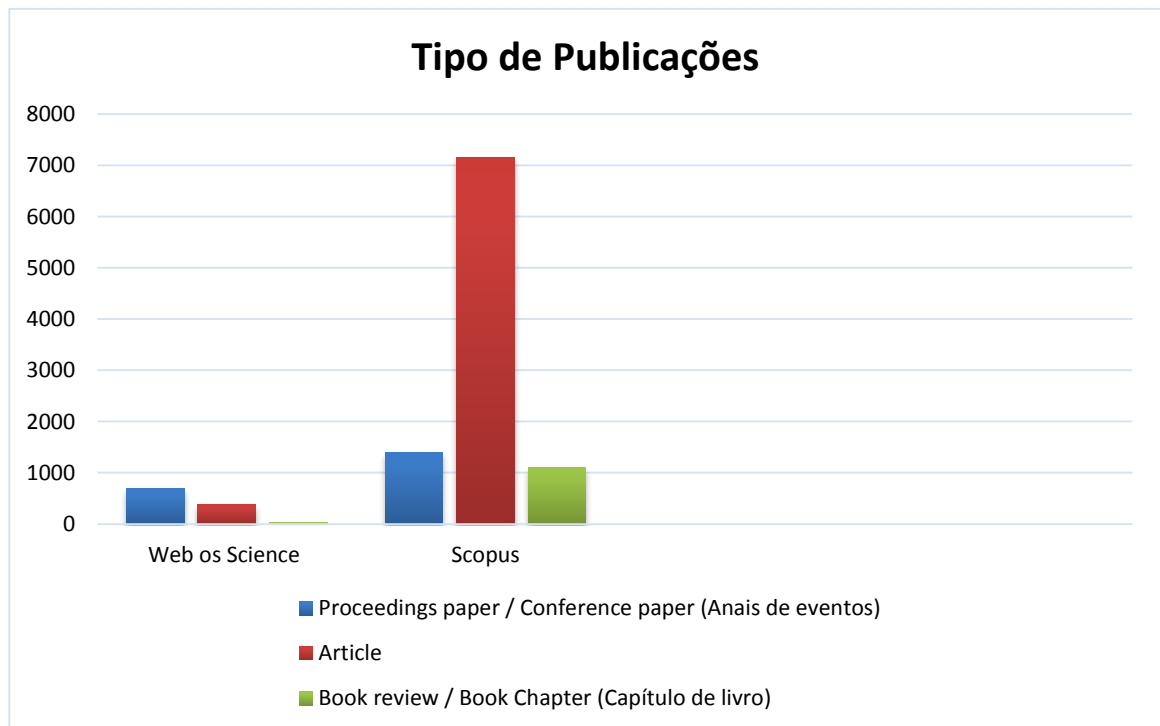


Gráfico 2 – Classificação das publicações quanto ao tipo. Fonte: Web of Science (2019) e SCOPUS (2019)⁵. Elaboração Própria (2019).

⁵ Algumas publicações foram classificadas em mais de um tipo de documento, desse modo, o total nas bases WoS (2019) e SCOPUS (2019) é superior ao número total de publicações.

Foram localizadas na Web of Science (WoS), 686 publicações sobre educação empreendedora em anais de eventos, enquanto na SCOPUS foram identificados 1.398 trabalhos. Esses anais compilam todo o conteúdo gerado, debatido, produzido e apresentado em um evento científico e, segundo Hayashi e Guimarães (2016), são relevantes pois proporcionam arenas onde os pesquisadores podem trocar informação sobre novas teorias, resultados e técnicas.

No que se refere aos artigos científicos, instrumento relevante para aprofundar e clarificar ideias, bem como para comunicar resultados de pesquisa, foram encontrados 7.143 na SCOPUS e 377 na WoS. Esse fator demonstra que as discussões sobre educação empreendedora vêm se constituindo, cada vez mais, como campo de pesquisa e ganhando notoriedade no âmbito das produções científicas, o que corrobora com Silva e Cária (2015) ao afirmarem que a educação para o empreendedorismo tem sido discutida mais abertamente por pesquisadores.

Com menos expressividade em termos numéricos, observa-se a categoria “Capítulo de Livro”, a qual apresentou 1.108 trabalhos publicados na SCOPUS e apenas 20 na Web of Science, não se destacando no gráfico apresentado.

Fazendo um levantamento da quantidade de produções científicas por ano, compreendendo o período de 1980 a 2019 (intervalo temporal disponível em ambas as bases de dados), verifica-se o crescimento dos estudos sobre educação empreendedora. Como é possível verificar no Gráfico 3:

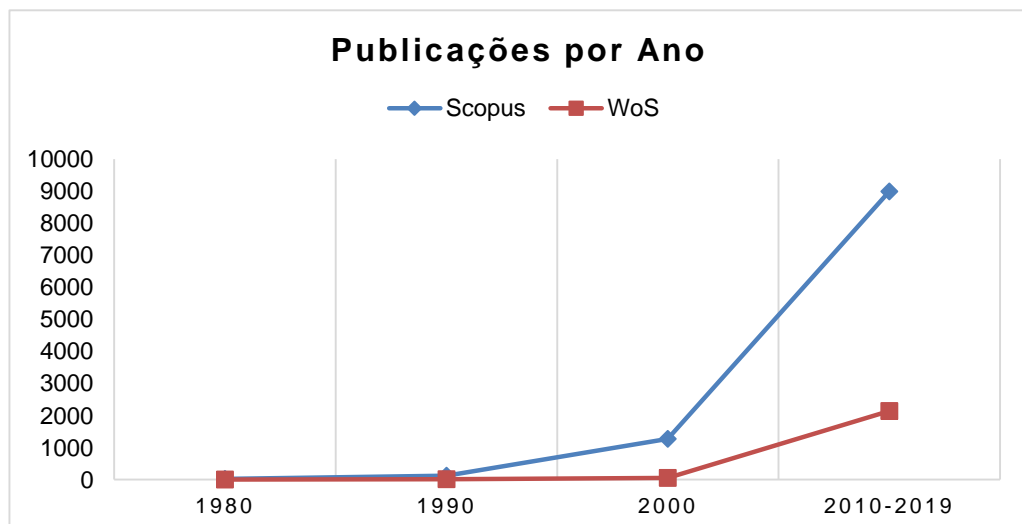


Gráfico 3 – Documentos Publicados sobre Educação Empreendedora por Ano. Fonte: SCOPUS (2019) e Web of Science (2019).

Constata-se que a partir de 1980 até 2019 houve um aumento significativo no número de produções sobre Educação Empreendedora, demonstrando a crescente ascensão desse tema no contexto das investigações científicas. Em aproximadamente quatro décadas o quantitativo de estudos cresceu de 24 publicações para 8.986 na plataforma SCOPUS e de 2 para 2.145 publicações na WOS.

Percebe-se que em nível mundial essas produções vêm ganhando força e crescendo em muitos países. Na Tabela 4, é apresentado o ranking dos cinco países que mais publicam sobre o tema em análise.

Termo de Busca: <i>"Entrepreneur Education" OR "Entrepreneurship Education" OR "Entrepreneurial Education" OR "Educação Empreendedora"</i>			
Países	WoS N	Países	SCOPUS N
China	438	USA	2.226
USA	104	Reino Unido	1.352
Inglaterra	63	China	583
Romênia	51	Espanha	565
Espanha	37	Alemanha	485
(20º) Brasil	9	(26º) Brasil	116

Tabela 4 – Ranking de países em função do número de publicações científicas. Fonte: Web of Science (2019) e SCOPUS (2019).

No ranking, os Estados Unidos ocupam, junto com a China e Reino Unido, as primeiras posições quanto ao número de produções científicas voltadas para educação empreendedora.

Importante destacar a posição relevante da Romênia no ranking. Neste país, segundo relatório elaborado pela Comissão Europeia sobre educação para o empreendedorismo nas escolas europeias (UE, 2016), a educação empreendedora faz parte do currículo de uma forma muito explícita, seja como disciplina transversal,

disciplina autônoma obrigatória ou mesmo integrada num conjunto de outras disciplinas. Além disso, o país inclui a educação para o empreendedorismo nas suas estratégias para o desenvolvimento econômico. Esses fatores têm corroborado para que o país esteja entre os que mais publicam sobre a temática.

Além disso, observa-se que o Brasil está ocupando o patamar das vigésimas colocações, demonstrando que apesar da crescente produção científica em relação à educação empreendedora, ainda faz-se necessário fomentar pesquisas e estabelecer políticas de incentivo e implementação desse campo de estudos no país.

Segundo levantamento realizado na base SCOPUS, considerando a distribuição de publicações por instituição brasileira, é possível identificar que a Universidade de São Paulo lidera com 12 pesquisas sobre o tema em análise, seguida pela Universidade Federal de Santa Catarina e pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, conforme Gráfico 3 a seguir.

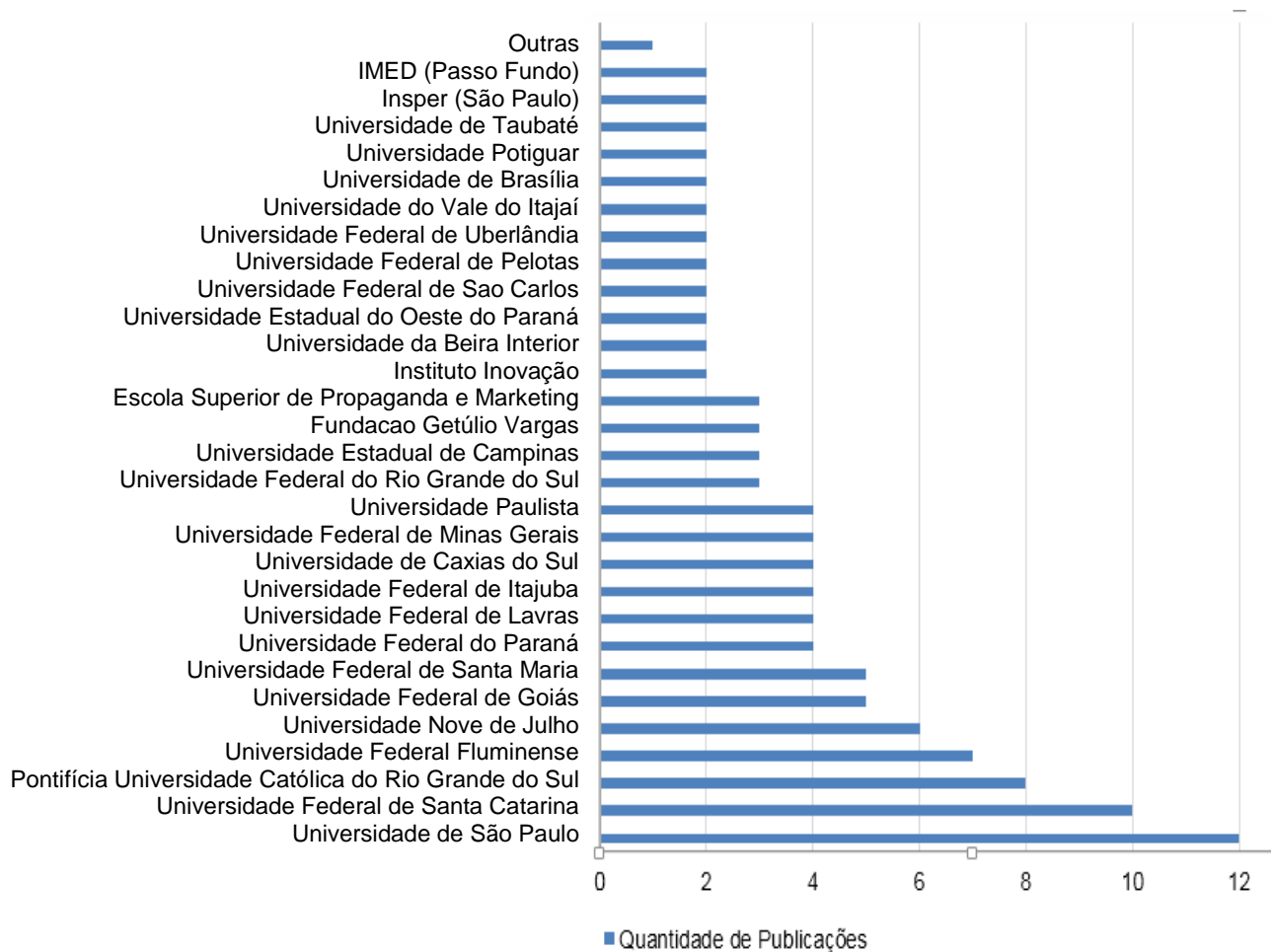


Gráfico 4 – Distribuição de publicações por instituição. Fonte: SCOPUS (2019).

Convém salientar, que a Universidade Federal de Alagoas situa-se, juntamente com outras instituições, com uma publicação sobre educação empreendedora. O trabalho indexado em 2018, atrelado a referida Universidade, tem o título *Entrepreneurship policy in Brazil: Its focus and gaps (Política de empreendedorismo no Brasil: seu foco e lacunas)*.

Visando fazer uma análise pormenorizada dessas publicações nacionais, foi realizando o levantamento dos trabalhos mais citados indexados nas bases que abordassem no título, resumo ou palavras-chave o tema do empreendedorismo e da inovação. Na base de dados SCOPUS foram analisados os vinte mais citados e na Web of Science, optou-se por considerar os nove trabalhos disponíveis.

	TÍTULO E AUTORES	FONTE	ANO	Nº DE CITAÇÕES
SCOPUS				
1	Opportunities to Improve Entrepreneurship Education: Contributions Considering Brazilian Challenges (Oportunidades para melhorar a educação para o empreendedorismo: contribuições considerando os desafios brasileiros)	Journal of Small Business Management.53(4), pp. 1033-1051	2015	35
	Lima, E., Lopes, R.M., Nassif, V., da Silva, D.			
2	Hegemonic discourses on entrepreneurship as an ideological mechanism for the reproduction of capital (Discursos hegemônicos sobre empreendedorismo como mecanismo ideológico para a reprodução do capital)	Organization. 19(5), pp. 587-614	2012	34
	Da Costa, A.S.M., Saraiva, L.A.			
3	A design methodology for user-centered innovation in the software development area (Uma metodologia de design para inovação centrada no usuário na área de desenvolvimento de software)	Journal of Systems and Software. 110, pp. 155-177	2015	20
	Zaina, L.A.M., Álvaro, A.			
4	The effect of entrepreneurship education programmes on satisfaction with innovation behaviour and performance (O efeito dos programas de educação para o empreendedorismo na satisfação com o comportamento e desempenho da inovação)	Journal of European Industrial Training. 33(3), pp. 198-214	2009	20
	Cruz, N.M., Rodriguez Escudero, A.I., Hernangomez Barahona, J., Saboia Leitaó, F.			

- | | | | | |
|----|---|--|------|----|
| 5 | Nursing care as an enterprising social practice: Opportunities and possibilities (O cuidado de enfermagem como prática empreendedora: Oportunidades e possibilidades) | ACTA Paulista de Enfermagem.23(3), pp. 341-347 | 2010 | 12 |
| | Backes, D.S., Erdmann, A.L., Büscher, A. | | | |
| 6 | Spin-off process and the development of academic entrepreneur's social capital (Processo de cisão e desenvolvimento do capital social do empreendedor acadêmico) | Journal of Technology Management and Innovation. 8(1), pp. 21-34 | 2013 | 11 |
| | Borges, C., Filion, L.J. | | | |
| 7 | Hidden curriculum in student organizations: Learning, practice, socialization and responsible management in a business school (Currículo oculto nas organizações estudantis: aprendizado, prática, socialização e gerenciamento responsável em uma escola de negócios) | International Journal of Management Education. 15(2), pp. 153-161 | 2017 | 10 |
| | Borges, J.C., Ferreira, T.C., Borges de Oliveira, M.S., Macini, N., Caldana, A.C.F. | | | |
| 8 | Entrepreneurship in engineering education: A literature review (Empreendedorismo no ensino de engenharia: uma revisão da literatura) | International Journal of Engineering Education. 31(6), pp. 1701-1710 | 2015 | 09 |
| | Da Silva, G.B., Costa, H.G., De Barros, M.D. | | | |
| 9 | Academic Spin-Off: Creating wealth from knowledge and research ("Spin-Off" Acadêmico: Criando riquezas a partir de conhecimento e pesquisa) | Quimica Nova. 28(SUPPL.), pp. S26-S35 | 2005 | 09 |
| | Araújo, M.H., Lago, R.M., Oliveira, L.C.A., (...), Borges, C., Filion, L.J. | | | |
| 10 | Where do we go from now? Research framework for social entrepreneurship (Para onde vamos agora? Estrutura de pesquisa para o empreendedorismo social) | Journal of Cleaner Production. 183, pp. 677-685 | 2018 | 08 |
| | Macke, J., Sarate, J.A.R., Domeneghini, J., Silva, K.A.D. | | | |
| 11 | Developing global transformational leaders (Desenvolvimento de líderes transformacionais globais) | Journal of World Business. 52(4), pp. 461-473 | 2017 | 07 |
| | Ramsey, J.R., Rutti, R.M., Lorenz, M.P., Barakat, L.L., Sant'anna, A.S. | | | |
| 12 | Female entrepreneurship as subject of research (Empreendedorismo feminino como sujeito de pesquisa) | Revista Brasileira de Gestao de Negocios.16(51), pp. 319-342 | 2014 | 07 |
| | Gomes, A.F., Santana, W.G.P., Araújo, U.P., Martins, C.M.F. | | | |
| 13 | Stimulating entrepreneurship in chemistry courses: The formation of entrepreneurial chemists (O estímulo ao empreendedorismo nos | Quimica Nova.28(SUPPL.), pp. S18-S25 | 2005 | 07 |

- cursos de química: Formando químicos empreendedores)
- Araújo, M.H., Lago, R.M., Oliveira, L.C.A., (...), Lin, C.C., Fillion, L.J.
- 14 **An analysis of the difficulties associated to sustainability insertion in engineering education: Examples from HEIs in Brazil** (Uma análise das dificuldades associadas à inserção da sustentabilidade no ensino de engenharia: exemplos de instituições de ensino superior no Brasil)
- Journal of Cleaner Production. 193, pp. 363-371
- 2018 05
- Rampasso, I.S., Anholon, R., Silva, D., (...), Leal Filho, W., Santa-Eulália, L.A.
- 15 **Introduction of entrepreneurship and innovation subjects in a computer science course in Brazil** (Introdução de assuntos de empreendedorismo e inovação em um curso de ciência da computação no Brasil)
- Proceedings - Frontiers in Education Conference, FIE. 6685162, pp. 1881-1887
- 2013 05
- Da Cruz, E.F.Z., Alvaro, A.
- 16 **Education and corporate responsibility: The "new" practice rules of the private sphere in education provision** (Educação e responsabilidade empresarial: "novas" modalidades de atuação da esfera privada na oferta educacional)
- Educacao e Sociedade 30(108), pp. 779-798
- 2009 05
- Silva, M.V., de Souza, S.A.
- 17 **The influence of self-efficacy on entrepreneurial behavior among K-12 teachers** (A influência da autoeficácia no comportamento empreendedor entre professores do ensino fundamental e médio)
- Teaching and Teacher Education. 72, pp. 44-53
- 2018 04
- Amorim Neto, R.D.C., Rodrigues, V.P., Stewart, D., Xiao, A., Snyder, J.
- 18 **Universities, local partnerships and the promotion of youth entrepreneurship** (Universidades, parcerias locais e promoção do empreendedorismo jovem)
- International Review of Education. 63(5), pp. 703-724
- 2017 04
- Bezerra, É.D., Borges, C., Andreassi, T.
- 19 **Development of entrepreneurial attitudes assessment instrument for freshman students** (Desenvolvimento de instrumento de avaliação de atitudes empreendedoras para alunos do primeiro ano)
- ASEE Annual Conference and Exposition, Conference Proceedings
- 2015 04
- Fernandez, T.M., Coutinho, G.S., Wilson, M.D., Hoffmann, S.R.
- 20 **Strategy, market orientation and entrepreneurship: Proposition and test of rival business performance prediction models** (Estratégia, orientação para o mercado e empreendedorismo: proposição e teste de modelos de previsão de desempenho de negócios rivais)
- International Journal of Entrepreneurship and Innovation Management, 15(4), pp. 275-291
- 2012 04
- Filho, C.G., Veit, M.R., Souki, G.Q., Monteiro, P.R.R., Neto, M.T.R.

Web of Science

1	Opportunities to Improve Entrepreneurship Education: Contributions Considering Brazilian Challenges (Oportunidades para melhorar a educação empreendedora: contribuições considerando os desafios brasileiros)	Journal Of Small Business Management. Volume: 53 Edição: 4 Páginas: 1033-1051	2015	31
	Lima, Edmilson; Lopes, Rose M.; Nassif, Vania; et al.			
2	Entrepreneurship Education: What Can We Learn From The Brazilian And The Finnish Examples? (Educação Empresarial: O Que Podemos Aprender com os Exemplos Brasileiro e Finlandês?)	Revista Íbero-Americana de Estudos em Educação. Volume: 13 Edição especial: 1 Páginas: 337-358	2018	01
	Laurikainen, Marja; da Silva, Flavio Lopes; Schlemper, Paula Felipe; et al.			
3	Contemporary Trends in Engineering Entrepreneurship Education (Tendências contemporâneas na educação para o empreendedorismo em engenharia)	International Journal of Engineering Education. Volume: 35 Edição: 3 Páginas: 824-841	2019	0
	Reis, Diane Aparecida; Fleury, Andre Leme; De Carvalho, Marly Monteiro.			
4	Entrepreneurial education: a bibliometric study on recent scientific production (Educação empreendedora: um estudo bibliométrico sobre produção científica recente)	Navus-Revista de Gestão e Tecnologia. Volume: 8 Edição: 4 Páginas: 125-145	2018	0
	Johan, Denise Adriana; Kruger, Cristiane; Minello, Italo Fernando.			
5	Entrepreneurial Education in Professional Education: Challenges and Experiences in Educational Institution (Educação Empresarial em Educação Profissional: Desafios e Experiências na Instituição Educacional)	HOLOS . Volume: 34 Edição: 1 Páginas: 118-139	2018	0
	Gomes, D. C.; Silva, L. A. F.			
6	Entrepreneurial intention and the effects of entrepreneurial education: Differences among management, engineering, and accounting students (Intenção empreendedora e os efeitos da educação empreendedora: diferenças entre estudantes de administração, engenharia e contabilidade)	International Journal of Innovation Science. Volume: 10 Edição: 1 Edição especial: SI Páginas: 92-107	2018	0
	Passoni, Diego; Glavam, Rafael Bianchini.			
7	Entrepreneurial Education: The Development of Social Entrepreneurship and Innovation in Higher Education Institutions (Educação Empreendedora: O Desenvolvimento do Empreendedorismo Social e da Inovação nas Instituições de Ensino Superior)	Revista Administração em Diálogo. Volume: 18 Edição: 1 Páginas: 29-56	2016	0
	Miranda de Oliveira, Anna Gabriela; de Oliveira Lopes Melo, Marlene Catarina; de Muylder, Cristiana Fernandes.			
8	The Emergence of Entrepreneurship Education-	Administração Pública	2015	0

Cultural: The "Programa de Formacao do Jovem Artesao" (O surgimento da educação empreendedora-cultural: o "Programa de Formação do Jovem Artesão") e Gestão Social. Volume: 7 Edição: 1 Páginas: 45-52

Lindbergh de Sousa, Jefferson; de Paiva Junior, Fernando Gomes; Juliao Xavier Filho, Jose Lindenberg.

9	Synergy Among Entrepreneurial Education, Projets Methodology and Metacognition (Sinergia entre Educação Empresarial, Metodologia de Projetos e Metacognição)	8th International Technology, Education and Development Conference. Série de livros: INTED Proceedings Páginas: 3449-3457	2014	0
	Maciel Pires, Aquiles Augusto; Assis Gomes, Cristiano Mauro.			

Tabela 5 – Publicações nacionais mais citadas. Fonte: SCOPUS (2019) e Web of Science (2019).

Observa-se que o trabalho mais citado na SCOPUS e na Web of Science, é também a única publicação que se repete em ambas as bases, sendo ele: *Opportunities to Improve Entrepreneurship Education: Contributions Considering Brazilian Challenges (Oportunidades para melhorar a educação empreendedora: contribuições considerando os desafios brasileiros)*. Tal trabalho, aponta os desafios e as oportunidades para o aprimoramento da educação em empreendedorismo no ensino superior brasileiro.

É importante ressaltar que a partir da leitura dos títulos, resumos e palavras-chave das vinte e oito⁶ obras relacionadas na Tabela 5, é possível identificar os principais temas cujas pesquisas estão concentradas, observando-se a predominância de estudos sobre educação empreendedora no contexto do ensino superior. O Gráfico 4 explicita esta constatação:

⁶ Foi realizado o levantamento de 29 publicações. Entretanto, como uma obra se repete nas duas bases de dados pesquisadas, considera-se um total de 28 estudos mais citados.



Gráfico 4 – Principais temas abordados nos trabalhos mais citados. Fonte: SCOPUS (2019) e Web of Science (2019).

Conforme Gráfico 4, quinze trabalhos estão associados diretamente à pesquisas sobre educação empreendedora no âmbito do ensino superior, em cursos de graduação e pós-graduação, correspondendo a 50% das produções analisadas com índices elevados de citações. Na sequência, destacam-se: temas diversos, como análise do discurso sobre empreendedorismo e empreendedorismo social, com seis trabalhos; temas relacionados à educação empreendedora na educação básica e profissional, com cinco publicações; e, por fim, as pesquisas que abordam o empreendedorismo no contexto empresarial, com 3 registros.

Também foi realizado o levantamento detalhado dos estudos sobre educação empreendedora considerando a perspectiva internacional. Tendo em vista a maior abrangência das publicações em âmbito mundial, optou-se por considerar os dez trabalhos mais citados em cada base de dados (SCOPUS e WOS), totalizando a apreciação de vinte publicações. Os resultados encontram-se sumarizados na Tabela 6, a seguir:

TÍTULO E AUTORES

FONTE

ANO

**Nº DE
CITAÇÕES**

SCOPUS

- | | | | | |
|---|---|---|------|-------|
| 1 | A general theory of entrepreneurship: The individual-opportunity nexus (Uma teoria geral do empreendedorismo: o nexo de oportunidade individual) | A General Theory Of Entrepreneurship: The Individual-Opportunity Nexus. pp. 1-327 | 2003 | 1.582 |
| | Shane, S. | | | |
| 2 | Social and commercial entrepreneurship: Same, different, or both? (Empreendedorismo social e comercial: iguais, diferentes ou ambos?) | Entrepreneurship: Theory and Practice. 30(1), pp. 1-22 | 2006 | 1.184 |
| | Austin, J., Stevenson, H., Wei-Skillern, J. | | | |
| 3 | Initial human and financial capital as predictors of new venture performance (Capital humano e financeiro como preditores de desempenho de novos empreendimentos) | Journal of Business Venturing. 9(5), pp. 371-395 | 1994 | 1.086 |
| | Cooper, A.C., Gimeno-Gascon, F.J., Woo, C.Y. | | | |
| 4 | The mediating role of self-efficacy in the development of entrepreneurial intentions (O papel mediador da autoeficácia no desenvolvimento de intenções empreendedoras) | Journal of Applied Psychology. 90(6), pp. 1265-1272 | 2005 | 899 |
| | Zhao, H., Hills, G.E., Seibert, S.E. | | | |
| 5 | The emergence of entrepreneurship education: Development, trends, and challenges (O surgimento da educação para o empreendedorismo: desenvolvimento, tendências e desafios) | Entrepreneurship: Theory and Practice. 29(5), pp. 577-597 | 2005 | 824 |
| | Kuratko, D.F. | | | |
| 6 | Academic entrepreneurship: University spinoffs and wealth creation (Empreendedorismo acadêmico: spinoffs universitários e criação de riqueza) | Academic Entrepreneurship: University Spinoffs and Wealth Creation. pp. 1-335 | 2004 | 786 |
| | Shane, S. | | | |
| 7 | Do entrepreneurship programmes raise entrepreneurial intention of science and engineering students? The effect of learning, inspiration and resources (Os programas de empreendedorismo aumentam a intenção empreendedora de estudantes de ciências e engenharia? O efeito da aprendizagem, inspiração e recursos) | Journal of Business Venturing. 22(4), pp. 566-591 | 2007 | 731 |
| | Souitaris, V., Zerbini, S., Al-Laham, A. | | | |
| 8 | University entrepreneurship: A taxonomy of the literature (Empreendedorismo universitário: uma taxonomia da literatura) | Industrial and Corporate Change. 16(4), pp. 691-791 | 2007 | 685 |
| | Rothaermel, F.T., Agung, S.D., Jiang, L. | | | |
| 9 | Development and cross-cultural application of a specific instrument to measure entrepreneurial intentions (Desenvolvimento e aplicação transcultural de um instrumento específico para medir intenções empreendedoras) | Entrepreneurship: Theory and Practice. 33(3), pp. 593-617 | 2009 | 682 |

Liñán, F., Chen, Y.-W.

- | | | | | |
|----|--|--|------|-----|
| 10 | Effectuation: Elements of entrepreneurial expertise (Efetivação: Elementos de conhecimento empresarial) | Effectuation: Elements of Entrepreneurial Expertise. pp. 1-368 | 2008 | 639 |
|----|--|--|------|-----|

Sarasvathy, S.D.

Web of Science

- | | | | | |
|---|--|---|------|-----|
| 1 | The emergence of entrepreneurship education: Development, trends, and challenges (O surgimento da educação para o empreendedorismo: desenvolvimento, tendências e desafios) | Entrepreneurship Theory And Practice. Volume: 29 Edição: 5 Páginas: 577-597 | 2005 | 698 |
|---|--|---|------|-----|

Kuratko, DF.

- | | | | | |
|---|---|---|------|-----|
| 2 | Gender, entrepreneurial self-efficacy, and entrepreneurial career intentions: Implications for entrepreneurship education (Gênero, auto-eficácia empresarial e intenções de carreira empresarial: implicações para a educação para o empreendedorismo) | Entrepreneurship Theory and Practice. Volume: 31 Edição: 3 Páginas: 387-406 | 2007 | 536 |
|---|---|---|------|-----|

Wilson, Fiona; Kickul, Jill; Marlino, Deborah.

- | | | | | |
|---|---|---|------|-----|
| 3 | Entrepreneurship education - A systematic review of the evidence (Educação para o empreendedorismo - Uma revisão sistemática das evidências) | International Small Business Journal. Volume: 25 Edição: 5 Páginas: 479-510 | 2007 | 448 |
|---|---|---|------|-----|

Pittaway, Luke; Cope, Jason.

- | | | | | |
|---|--|--|------|-----|
| 4 | The chronology and intellectual trajectory of American entrepreneurship education 1876-1999 (A cronologia e a trajetória intelectual da educação empreendedora americana 1876-1999) | Journal of Business Venturing. Volume: 18 Edição: 2 Páginas: 283-300 | 2003 | 448 |
|---|--|--|------|-----|

Katz, JA.

- | | | | | |
|---|---|---|------|-----|
| 5 | The impact of entrepreneurship education on entrepreneurship skills and motivation (O impacto da educação para o empreendedorismo nas habilidades e motivação do empreendedorismo) | European Economic Review. Volume: 54 Edição: 3 Páginas: 442-454 | 2010 | 353 |
|---|---|---|------|-----|

Oosterbeek, Hessel; van Praag, Mirjam; Ijsselstein, Auke.

- | | | | | |
|---|---|--|------|-----|
| 6 | Entrepreneurship Education: Toward a Model of Contingency-Based Business Planning (Educação para o empreendedorismo: em direção a um modelo de planejamento de negócios baseado em contingência) | Academy of Management Learning & Education. Volume: 3 Edição: 3 Páginas: 258-273 | 2004 | 349 |
|---|---|--|------|-----|

Honig, Benson.

- | | | | | |
|---|--|---|------|-----|
| 7 | Entrepreneurship Education: Known Worlds and New Frontiers (Educação para o empreendedorismo: mundos conhecidos e novas fronteiras) | Journal of Small Business Management. Volume: 49 Edição: 1 Edição especial: SI Páginas: 55-70 | 2011 | 323 |
|---|--|---|------|-----|

Neck, Heidi M.; Greene, Patricia G.

8	Examining the formation of human capital in entrepreneurship: A meta-analysis of entrepreneurship education outcomes (Examinando a formação de capital humano no empreendedorismo: uma metanálise dos resultados da educação para o empreendedorismo)	Journal Of Business Venturing. Volume: 28 Edição: 2 Páginas: 211-224	2013	285
	Martin, Bruce C.; McNally, Jeffrey J.; Kay, Michael J.			
9	The Relationship Between Entrepreneurship Education and Entrepreneurial Intentions: A Meta-Analytic Review (A relação entre educação para o empreendedorismo e intenções empreendedoras: uma revisão meta-analítica)	Entrepreneurship Theory and Practice. Volume: 38 Edição: 2 Edição especial: SI Páginas: 217-254	2014	272
	Bae, Tae Jun; Qian, Shanshan; Miao, Chao; et al.			
10	The effects of entrepreneurship education (Os efeitos da educação para o empreendedorismo)	Journal of Economic Behavior & Organization. Volume: 76 Edição: 1 Edição especial: SI Páginas: 90-112	2010	231
	Von Graevenitz, Georg; Harhoff, Dietmar; Weber, Richard.			

Tabela 6 – Publicações internacionais mais citadas. Fonte: SCOPUS (2019) e Web of Science (2019).

Observa-se que a pesquisa *“The emergence of entrepreneurship education: Development, trends, and challenges (O surgimento da educação para o empreendedorismo: desenvolvimento, tendências e desafios)”* é a única que aparece nas duas bases de dados, sendo a 5ª mais citada na SCOPUS e a 1ª na Web of Science. Por isso, considerando que se repete, o levantamento resultou em um total de 19 trabalhos internacionais identificados.

A partir da leitura dos títulos, resumos e palavras-chave das 47 publicações mais citadas, sendo 28 obras nacionais e 19 internacionais, as quais encontram-se listadas nas Tabelas 5 e 6, buscou-se selecionar as publicações alinhadas ao objeto desta investigação, adotando como critério as que abordassem o tema do empreendedorismo e da inovação no contexto infantil e juvenil. Foram selecionadas 4 pesquisas, a saber:

NACIONAIS	INTERNACIONAIS
<ul style="list-style-type: none"> • The influence of self-efficacy on entrepreneurial behavior among K-12 teachers (A influência da autoeficácia no comportamento empreendedor entre professores da educação básica); • Entrepreneurship Education: What Can We Learn From The Brazilian And The Finnish Examples? (Educação para o empreendedorismo: o que podemos aprender com os exemplos brasileiro e finlandês?); • Entrepreneurial Education in Professional Education: Challenges and Experiences in Educational Institution (Educação Empreendedora na Educação Profissional: Desafios e Experiências na Instituição Educacional). 	<ul style="list-style-type: none"> • Entrepreneurship Education: Known Worlds and New Frontiers (Educação para o empreendedorismo: mundos conhecidos e novas fronteiras);

Quadro 4 – Pesquisas nacionais e internacionais selecionadas nas bases de dados. Fonte: SCOPUS (2019) e Web of Science (2019).

Na etapa posterior, realizou-se a leitura completa dos artigos supracitados, com o objetivo de analisá-los comparativamente, identificando pontos de convergência e/ou divergência entre as propostas voltadas para cultura empreendedora a nível nacional e mundial. Este estudo será abordado no tópico 4.3, juntamente com os resultados da busca de livros, que contemplam propostas de educação para o empreendedorismo inovador, no sistema de busca da empresa Amazon, cujos dados serão detalhados no item seguinte.

4.2 Publicações de livros sobre educação empreendedora: uma investigação a partir do sistema de busca da empresa Amazon

Nesta fase da investigação, buscou-se identificar os livros que se destacam mundialmente sobre educação empreendedora. A seleção delimitou-se ao sistema de

busca do sítio eletrônico da empresa Amazon, no Brasil e no Exterior, cujos domínios são: www.amazon.com.br e www.amazon.com.

A escolha pela referida empresa justifica-se, pois é uma grande transnacional, com sede nos Estados Unidos, que tem se constituído um dos mercados online mais populares e usados mundialmente, possuindo um catálogo diversificado de venda e distribuição de produtos, entre eles livros com milhões de títulos disponíveis (CANALTECH, 2019).

Os termos de busca utilizados foram os mesmos adotados na primeira fase do estudo, durante o levantamento de publicações em bases de dados. Entretanto, nesta etapa, foram pesquisados separadamente, conforme Tabela 7 a seguir:

TERMOS	Nº. DE LIVROS RECUPERADOS			
	amazon.com		amazon.com.br	
	Pesquisa Simples	Pesquisa Avançada	Pesquisa Simples	Pesquisa Avançada
Educação Empreendedora	619	18	30	30
Entrepreneurship Education	<5.000	<5.000	<4.000	<4.000
Entrepreneur Education	<4.000	<4.000	<1.000	<1.000
Entrepreneurial Education	619	619	431	431

Tabela 7 – Publicações de livros sobre Educação Empreendedora. Fonte: Empresa Amazon (2019).

Os resultados revelam que o quantitativo de livros disponíveis, independentemente do idioma, utilizando as palavras-chave “Entrepreneurship Education” e “Entrepreneur Education” se sobressai, quando comparado ao número de livros listados adotando os termos de busca “Educação Empreendedora” e “Entrepreneurial Education”.

No entanto, optou-se por delimitar o levantamento através da opção “Pesquisa Avançada”, visando a obtenção de resultados mais específicos, tendo em vista que a Pesquisa Simples explicita resultados gerais e menos aprofundados. Por isso, foram selecionadas as obras relacionadas à palavra-chave “Educação Empreendedora”,

sendo 18 identificadas no site da amazon.com e 30 da amazon.com.br.

Aplicando outro filtro, mediante a leitura dos resumos das obras selecionadas, destacaram-se 4 publicações alinhadas ao objeto desta investigação. O critério adotado foi o mesmo do levantamento em bases de dados, ou seja, publicações que abordassem o tema do empreendedorismo e da inovação no contexto infantil e juvenil, sendo elas:

LIVROS
<ul style="list-style-type: none"> • 1. Crianças sem Limites: Educação Empreendedora na Primeira Infância. Autor(a): Isabela Minatel Bassi. • 2. Tecnologia e Educação Empreendedora: Estamos no Caminho Certo? Autor(a): Nelson Moreira Leite. • 3. Educação empreendedora: conceitos, modelos e práticas. Autor(a): Rose Mary A. Lopes • 4. Pedagogia Empreendedora. Autor(a): Fernando Dolabela

Quadro 5 – Livros selecionados no sistema de busca da empresa Amazon. Fonte: Amazon (2019).

No próximo item, realizou-se a leitura completa dos artigos e livros selecionados (totalizando 08 obras explicitadas nos Quadros 4 e 5), analisando-os comparativamente, identificando pontos de convergência e/ou divergência entre suas propostas voltadas para o fomento à cultura empreendedora.

4.3 Estudo comparativo de concepções e práticas de educação empreendedora

Visando contextualizar acerca da literatura selecionada para compor este estudo comparativo, iniciamos apresentando uma síntese com informações sobre as produções científicas elencadas, dentre as quais constam os principais objetivos de cada obra, conforme Quadro 6, a seguir:

Obra	Autor(es)	Tipologia	Objetivos principais
The influence of self-efficacy on entrepreneurial behavior among K-12 teachers	Amorim Neto, R.D.C., Rodrigues, V.P., Stewart, D., Xiao, A., Snyder, J.	Artigo	Avaliar as contribuições da autoeficácia no comportamento empreendedor entre professores da educação básica, partindo do entendimento de autoeficácia como as crenças dos professores quanto à sua capacidade de planejar e realizar suas atividades profissionais.
Entrepreneurship Education: What Can We Learn From The Brazilian And The Finnish Examples?	Laurikainen, Marja; da Silva, Flavio Lopes; Schlemper, Paula Felipe; et al.	Artigo	Apresentar como a educação para o empreendedorismo está sendo promovida no Brasil e na Finlândia, identificando semelhanças e diferenças na educação para o empreendedorismo entre os dois países.
Entrepreneurial Education in Professional Education: Challenges and Experiences in Educational Institution	Gomes, D. C.; Silva, L. A. F.	Artigo	Verificar como a educação empreendedora pode disseminar assuntos inerentes ao mercado de trabalho e a criação de empresas, de forma dinâmica e eficiente, no âmbito do ensino médio, em cursos técnicos profissionalizantes do Instituto Federal do Rio Grande do Norte.
Entrepreneurship Education: Known Worlds and New Frontiers	Neck, Heidi M.; Greene, Patricia G.	Artigo	Apresentar uma estrutura para o ensino do empreendedorismo em um mundo em constante mudança, à luz de abordagens atuais.
Crianças sem Limites: Educação Empreendedora na Primeira Infância.	Isabela Minatel Bassi.	Livro	Mostrar uma alternativa para educar com o grande objetivo de potencializar ao máximo a essência de cada criança através da Educação Empreendedora.
Tecnologia e Educação Empreendedora: Estamos no Caminho Certo?	Nelson Moreira Leite.	Livro	Analisar se os alunos do 6º ao 9º ano do ensino fundamental de escolas públicas utilizam os recursos e ferramentas da internet e as mídias sociais para produzir ou fomentar conhecimentos por meio de uma educação empreendedora a partir dos conteúdos propostos em sala de aula, visando propor caminhos para uma intervenção pedagógica mais eficaz e transformadora.
Educação empreendedora: conceitos, modelos e práticas.	Rose Mary A. Lopes	Livro	Abordar questões fundamentais sobre a Educação Empreendedora (EE) no Brasil, não se restringindo apenas ao plano teórico-conceitual, mas também apresentando exemplos de como a EE pode ser aplicada nos diferentes níveis de ensino.
Pedagogia Empreendedora.	Fernando Dolabela	Livro	Apresentar fundamentos da proposta de educação empreendedora voltada para crianças e jovens, a partir da

			estratégia pedagógica que estimula a formação de sonhos e a busca de sua realização.
--	--	--	--

Quadro 6 – Caracterização das obras selecionadas para composição do estudo comparativo. Fonte: Elaboração Própria (2019).

A leitura completa dessas publicações permitiu verificar, inicialmente, que há um consenso em relação à importância da **educação empreendedora ser contemplada durante toda escolaridade básica, desde a educação infantil**.

Essa compreensão perpassa uma discussão mais ampla, abordada pelos autores supracitados, quanto ao **papel da instituição escolar** para sociedade, uma vez que é o único aparelho social pelo qual passa obrigatoriamente toda a população infantil e juvenil, cumprindo uma função essencial para formação de cidadãos, na medida em que os saberes selecionados por uma sociedade e os seus valores são transmitidos e construídos através de ações educativas (KLEIN, 2008).

Para Dolabela (2003, p. 53):

A escola pode ser vista como um instrumento para o desenvolvimento e a perpetuação da capacidade de construir sonhos coletivos. Espaço sociocultural, comprometida com a criação permanente da visão de mundo da coletividade em que se situa.

Apesar dessa responsabilidade apontada pelo autor para com a coletividade, Leite (2018, p. 143) acrescenta que o sistema educacional no Brasil tem fracassado, muitas vezes, em sua missão: “O quadro atual da educação no Brasil é marcado não apenas por um profissional desvalorizado e desestimulado, mas, sobretudo, por um sistema ineficiente“. Além disso, “ o cotidiano do aluno, não se transforma em conhecimento, não gera transformações sociais. Essa dissociação é, entre outras coisas, o reflexo do vácuo formado entre escola e sociedade” (LEITE, 2018, p. 150).

A partir das considerações dos autores, observa-se que na medida em que a escola desempenha uma função social relevante, necessita estreitar suas relações com uma sociedade em constantes transformações (NECK e GREENE, 2011).

Além disso, outro ponto a considerar, a partir da literatura em análise, é que a incidência da escola sobre a vida das crianças e dos jovens não se restringe às horas em que permanecem na instituição, prolonga-se para além deste tempo. Para Leite (2018), a escola é a segunda casa das crianças e jovens, ondem passam boa parte da vida e constroem as primeiras relações com o outro.

Bassi (2019, p. 18) acrescenta que a forma como agimos com os educandos durante o período de formação escolar deixa suas marcas e apresenta algumas reflexões: “Que tipo de ser humano queremos formar? Que tipo de comportamento e sentimento desejamos fortalecer e incentivar? Queremos que o educando tenha liderança? Queremos que tenha iniciativa? Que seja criativo? Que seja inovador? Que saiba defender suas opiniões e lutar por seus direitos? Ou que se submeta a tudo e a todos?”

Para a autora (2019), há, muitas vezes, uma contradição entre o modelo educacional que limita as potencialidades dos educandos ao longo da vida escolar e, especialmente na fase adulta, a sociedade necessita que as pessoas busquem a superação de suas limitações.

Nesse contexto, a literatura em análise aponta a **relevância da educação empreendedora** como um caminho para escola superar esse panorama contraditório (LEITE, 2018), mediante uma abordagem holística do empreendedorismo (LAURIKAINEN et al, 2018), compreendendo-o como um mecanismo para criar condições econômicas, sociais e valor pessoal (NECK e GREENE, 2011) e, assim, possibilitando aos estudantes elevarem seu nível socioeconômico, mas também se tornarem cidadãos éticos e comprometidos com uma sociedade melhor (DOLABELA, 2003).

Concordando com esse entendimento, Lopes et al (2010), também destaca o papel da educação para promoção do empreendedorismo, assim como Gomes e Silva (2018). Estes (2018, p. 118), defendem que o processo educacional ajuda a despertar e a desenvolver o perfil empreendedor dos educandos e afirmam que: “A educação empreendedora é uma ferramenta importante a ser disseminada entre as instituições de ensino”. Na pesquisa realizada por eles, com 215 alunos dos cursos técnicos integrados de nível médio do Instituto Federal do Rio Grande do Norte, constatou-se,

a partir da ótica dos estudantes, que a experiência com a educação empreendedora na instituição foi positiva e contribuiu para o desenvolvimento de atitudes pessoais e profissionais, dentre elas organização do tempo, superação do comodismo, inovação, planejamento, trabalho em equipe e aquisição de ferramentas para inserção no mercado de trabalho.

Nessa perspectiva, Dolabela (2003) ressalta que desde cedo as habilidades pessoais relacionadas com o empreendedorismo devem ser enfocadas pelas escolas e mantidas até o nível superior. Para Lopes (2010), começar mais cedo significa ter mais chances de favorecer o desenvolvimento de uma série de competências que farão com que os alunos estejam mais bem preparados para os desafios da sociedade pós moderna. Esse entendimento é consensual nas obras analisadas (Bassi, 2019; Dolabela, 2003; Gomes e Silva, 2018; Laurikainen, et al, 2018; Leite, 2018; Lopes et al, 2010; Neck e Greene, 2011; e Neto, et al, 2018), conforme já foi destacado neste item.

Entretanto, Laurikainen et al (2018) afirma que o Brasil ainda encontra-se em uma situação emergente em relação à educação para o empreendedorismo. Na pesquisa realizada, a autora apresenta um paralelo da educação empreendedora no Brasil e na Finlândia, apontando como uma das dificuldades identificadas em comparação ao modelo educacional finlandês, a oferta modesta de empreendedorismo no ensino superior brasileiro.

Além disso, ressalta que o número de cursos de empreendedorismo no ensino superior ainda não é o principal desafio do Brasil, uma questão maior a ser refletida é que esses cursos existentes são, muitas vezes, as primeiras situações em que os alunos se deparam com o conceito de empreendedorismo (LAURIKAINEN et al, 2018).

Outro ponto consensual nos estudos é que **o empreendedorismo é passível de aprendizado** (Bassi, 2019; Dolabela, 2003; Gomes e Silva, 2018; Laurikainen et al, 2018; Leite, 2018; Lopes et al, 2010; Neck e Greene, 2011; e Neto et al; 2018).

Sobre esse aspecto, Leite (2018) acrescenta que nos tornamos empreendedores a partir de situações vividas pois, durante o cotidiano, influenciados e somos influenciados pela realidade que nos cerca. A cada atividade vivenciada,

desenvolvemos habilidades e comportamentos inovadores ou repetitivos que fortalecem novos valores empreendedores ou não. Faz-se necessário, portanto, promover situações que permitam aos educandos, ao longo de toda escolaridade básica, vivenciar o empreendedorismo.

Laurikainen et al (2018), reforça que a educação para o empreendedorismo tem sido uma das prioridades das políticas educacionais na Finlândia já há algumas décadas, bem como em todo o território europeu.

Na Finlândia, o currículo da educação básica promove a educação empreendedora sob diferentes aspectos. Por um lado, as habilidades sociais dos alunos, pensamento crítico, responsabilidade, gerenciamento de tempo e habilidades auto-reguladoras. Eles também aprendem a tornar-se consumidores mais responsáveis e cidadãos ativos que possam entender e avaliar como a sociedade funciona. Por outro lado, é importante que os alunos tenham na vida real experiências que os ajudam a entender o significado do trabalho e do empreendedorismo. Os processos de aprendizagem devem ser organizados de forma que os alunos possam desenvolver competências empresariais e aumentam a compreensão e as habilidades da vida empresarial, familiarizando-se com as indústrias próximas. [...] No ensino médio, o empreendedorismo é um tema que é incorporado a todos os assuntos. Esses temas são socialmente significativos e visam a cidadania e indivíduos conscientes da sociedade (LAURIKAINEN ET AL, 2018, p. 343, tradução nossa).

Na educação profissional, o foco é o aprendizado de habilidades cruciais para a vida profissional. Essas habilidades incluem constante aprendizagem e adaptação à globalização e mudanças rápidas dos requisitos da vida de trabalho. As atividades de empreendedorismo são combinadas com estudos profissionais, que permitem que os alunos pratiquem e iniciem seus próprios negócios enquanto ainda estudam (LAURIKAINEN ET AL, 2018, p. 343, tradução nossa).

Na Finlândia, não há currículo nacional para o ensino superior, pois as universidades são instituições educacionais autônomas e, portanto, podem desenvolver seus próprios currículos. [...] Ainda assim, cada universidade da Finlândia aborda empreendedorismo de diferentes maneiras (LAURIKAINEN ET AL, 2018, p. 344, tradução nossa).

Como visto, a aprendizagem da educação empreendedora no sistema educacional finlandês é contemplada considerando as diferentes faixas etárias e perfis dos estudantes, a partir da abordagem de aspectos diversificados, fazendo parte dos currículos de todos os níveis educacionais.

Em relação ao **conceito de educação empreendedora**, observa-se que o entendimento dos autores se complementa. Bassi (2019, p. 19) afirma que a educação empreendedora é uma proposta para:

[...] substituir uma educação que gera cidadãos dóceis e obedientes, [...] que potencialize indivíduos protagonistas, ou seja, que não sejam expectadores da vida que está passando, mas saibam do seu poder interno para atuar em cada evento de sua própria vida e da sociedade em que estão inseridos, mudando para melhor o que julgarem necessário.

Nesse sentido, para além do modelo tradicional de educação, Dolabela (2003) apresenta sua conceituação de Pedagogia Empreendedora como é uma estratégia didática para o desenvolvimento da capacidade empreendedora de alunos desde a educação infantil até o nível médio, que requer “aprendizado permanente e não linear” (p. 97).

Lopes (2010) inclui em sua definição que trata-se de uma proposta abrangente para todos os níveis educacionais, que pode compreender uma concepção mais ampla segundo a qual o ensino promove o desenvolvimento de atitudes e habilidades que não estão diretamente relacionadas à criação de novos negócios, quanto uma concepção mais restrita que focaliza a criação de um negócio.

Gomes e Silva (2018, p. 122) explicitam a definição de Fillion (1993, p. 61) que ressalta a necessidade da educação para o empreendedor não estar centrada em um único método:

Deve auxiliar o indivíduo, no seu desenvolvimento, pelo reforço de suas características diferenciadas. Em certo sentido, isto se assemelha à educação para liderança, principalmente por dar apoio, ao invés de pressionar até se obter a conformidade. Deve ser pró-ativa e não estar centrada em um único método. Deve apresentar aos empreendedores em potencial, formas para definir visões e maneiras de projetar os sistemas de relações e de aprendizado, necessários para levar as visões adiante.

Dolabela (2004), apud Leite (2018, p. 298), conceitua educação empreendedora como estratégia didática que busca:

[...] fortalecer os valores empreendedores na sociedade. É dar sinalização positiva para a capacidade individual e coletiva de gerar valores para toda a comunidade, a capacidade de inovar, de ser autônomo, de buscar a sustentabilidade, de ser protagonista. Ela deve dar novos conteúdos aos antigos conceitos de estabilidade e segurança – impregnados na nossa cultura, mas referentes a contextos hoje existentes.

Laurikainen et al (2018), complementa esses conceitos apresentados fazendo referência ao estudo de Bécharde e Grégoire (2005), o qual aponta que não há

uniformidade no conteúdo ou abordagem entre programas e cursos de empreendedorismo, no entanto, a educação para o empreendedorismo foi categorizada com mais frequência em três tipos diferentes: educação "para", "sobre" e "através". Segundo Laurikainen et al (2018, p. 339) “os tipos “para” e “sobre” concentram-se na dimensão cognitiva (conhecimento) e “através” enfatiza as dimensões conativas e afetivas (características pessoais, motivação, sentimentos, valores, etc.).

Para os autores (2018, p. 339), a educação para o empreendedorismo no Brasil tem focado sobretudo a dimensão cognitiva, voltada para o conhecimento do empreendedorismo e em cursos singulares. No entanto, para ser mais eficiente em seus resultados faz-se necessário contemplar também os aspectos comportamentais e afetivos: “Apenas o conhecimento do empreendedorismo não é suficiente. Para desenvolver competências e intenções empreendedoras, os lados conativos e afetivos da personalidade precisam ser abordados.

Além dessas definições apresentadas, Gomes e Silva (2018), Leite (2018) e Neto et al (2018), também ressaltam o aspecto da **inovação como elemento central do empreendedorismo**.

Para Leite (2018, p. 325):

A tarefa da educação empreendedora é principalmente fortalecer os valores empreendedores na sociedade. É dar sinalização positiva para a capacidade individual e coletiva de gerar valores para toda a comunidade, a capacidade de inovar, de ser autônomo, de buscar a sustentabilidade, de ser protagonista.

Nesse sentido, o papel da educação empreendedora “é crucial para promover novas ideias, criar negócios e inovações” (LAURIKAINEN ET AL, 2018, p. 338), ou seja, a educação empreendedora é uma maneira de fomentar o empreendedorismo e impulsionar a inovação.

Outro aspecto bastante enfatizado na literatura que compõe este estudo, diz respeito à necessidade de **formação do professor** para promover a educação empreendedora.

Leite (2018), aponta que além das escolas precisarem de condições materiais

para favorecer a educação empreendedora, mediante otimização dos recursos e ferramentas tecnológicas, faz-se necessário formação contínua para todos os profissionais envolvidos no processo educacional.

Laurikainen et al (2018) também destaca que a competência do pessoal docente é crucial para fortalecer a educação empreendedora, sendo necessário oferecer educação continuada para apoiar os professores em relação à essa proposta. Isso porque, segundo Gomes e Silva (2018), a implementação da educação empreendedora requer aprendizado e reaprendizado continuados.

Além da necessidade de formação para promover a educação empreendedora, Neto et al. (2018), ressalta que o professor também precisa ter um comportamento empreendedor ou atos empreendedores, relacionando essa orientação ao conceito de intraempreendedorismo, ato de empreender dentro dos limites de uma organização já existente. Para o autor (2018), o professor precisa ser um empreendedor, à medida que busca atender às necessidades de seus alunos em um cenário de constantes mudanças, caracterizado também por mostrar iniciativa, assumir riscos e avançar com idéias inovadoras.

Além do papel do docente para fomentar o empreendedorismo no âmbito escolar, outra discussão tem ganhado destaque nas publicações investigadas. O foco tem se deslocado para além do entendimento já abordado neste item que o empreendedorismo pode ser aprendido, para abordagem das **metodologias**, a partir das seguintes indagações: Como é possível educar para o empreendedorismo? Com quais metodologias? Como estimular, desenvolver e fomentar o pensamento criativo e inovador? Respostas que, segundo Gomes e Silva (2018), não são fáceis de responder.

No entanto, procurou-se compilar algumas orientações didático-metodológicas da literatura que integra este estudo, com intuito de apontar alguns caminhos para implementação da cultura empreendedora no ambiente escolar e assim colaborar para formação de indivíduos cada vez mais estimulados a inovar. Tais orientações constam no Quadro 7, a seguir:

QUADRO ANALÍTICO COM AS PRINCIPAIS CONTRIBUIÇÕES DA LITERATURA PARA IMPLEMENTAÇÃO DA EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA

Orientações Didático- Metodológicas

Aprendizagem Experiencial

- Adotando ora o termo aprendizagem experiencial, ora pedagogia experiencial, os autores orientam que as práticas pedagógicas possibilitem a aprendizagem ativa por parte dos educandos, fundamentos difundidos pelos teóricos da Escola Nova de valorização da experimentação, do aprender fazendo, a partir de uma pedagogia pragmática. Para os autores, uma dificuldade do contexto brasileiro é avançar para além da abordagem teórica do empreendedorismo, promovendo uma aprendizagem informativa, com alunos participando ativamente do processo (LAURIKAINEN ET AL, 2018).
- Aprendizado cíclico decorrente do sonhar e do agir para realizar o sonho e das mútuas alterações daí decorrentes (DOLABELA, 2003).
- Ênfase na atividade do próprio aluno, numa forma mais experiencial, mais prática e contextualizada no mundo real, e que incentiva a imaginação e a análise. (DOLABELA, 2003).
- Protagonismo Juvenil, aprendizagem contínua, focando no desenvolvimento de qualidades e competências pessoais e oferecendo situações reais que possibilitem arriscar e aprender com os resultados das próprias ações, promover solução de problemas reais, motivando-os para tomar iniciativa (DOLABELA, 2003)
- Tirar o melhor proveito das técnicas tradicionais, bem como das modernas. Aprender Fazendo (LOPES, 2010).

Aproximação com o contexto local

- Promover contato com empresários, indústrias locais, espaços de aprendizagem inovadores, onde a sociedade circundante está presente e os alunos são atores ativos no processo de aprendizagem (LAURIKAINEN ET AL, 2018).
- Aproximação com o mundo dos negócios (LOPES, 2010).

Aprendizagem baseada em problemas e projetos inter e multidisciplinares

- Viabilizar a prática pedagógica através de propostas e ambientes multidisciplinares, espaço experimental para professores e alunos, que favoreça a

combinação da teoria e da prática, possibilite conexões com o mundo do trabalho e a criação de inovações, respeitando a faixa etária e o perfil dos estudantes (LAURIKAINEN ET AL, 2018).

- Abordagem multidisciplinar (NECK E GREENE, 2011).
- Participação dos estudantes em projetos e ações que possibilitem aprender a trabalhar em equipe (LOPES, 2010).

Educação Empreendedora como um método

- Compreendendo experiências práticas (no mundo real) antes da teoria, utilizar jogos e simulações sérios e possibilitar a prática reflexiva. A educação para o empreendedorismo também deve ser empreendedora (NECK E GREENE, 2011).

Utilização de tecnologias no contexto escolar

- Além da internet, usar aplicativos para tratamento e obtenção de gráficos; recursos para tratamento de imagens, que podem não apenas desenvolver criatividade, como também o senso crítico; e ainda aplicativos para desenvolvimento do pensamento lógico, estimular concentração, memória e velocidade de raciocínio (LEITE, 2018)⁷.

Princípios basilares

- Desenvolvimento da autonomia e criatividade, através de metodologias criativas e interdisciplinares (LEITE, 2018).
- Fomento a inovação (LAURIKAINEN ET AL, 2018; LEITE, 2018)
- Autoria e protagonismo do aluno (DOLABELA, 2003).
- Fomento aos recursos do comportamento empreendedor como: criatividade, curiosidade, capacidade de inovar, resolver problemas, assumir riscos, responsabilidade, capacidade de planejar, estabelecer metas e auto regulação para atingir esses objetivos (LAURIKAINEN ET AL, 2018).

⁷ Na pesquisa realizada pelo autor (2018), com 123 estudantes do ensino fundamental e médio, foi constatado que os jovens têm acesso à internet e outras ferramentas da informática, mas o uso dessas tecnologias, disponíveis no ambiente escolar, é feito, exclusivamente, para “cumprir” tarefas orientadas e direcionadas com o objetivo de concluir e aferir o aprendizado das disciplinas envolvidas no trabalho escolar, não foram identificados indícios, tanto por parte de alunos quanto dos professores das escolas pesquisadas, de que os recursos e ferramentas tecnológicas são utilizados para fomentar e produzir conhecimento por meio por meio de uma educação empreendedora, a partir dos conteúdos propostos em sala de aula.

- Estimular dez características do comportamento empreendedor, com intuito de contribuir para que cidadãos tenham mais chances de sucesso em suas empreitadas e contem com mais recursos internos para se sair bem em diversas circunstâncias: Estabelecimento de metas; Planejamento e monitoramento sistemático; Busca de informações; Busca de oportunidade e iniciativa; Exigência de qualidade e eficiência; Correr riscos calculados; Persistência; Comprometimento; Persuasão e rede de contatos; Independência e autoconfiança (BASSI, 2019 – Inspirado nos estudos de MCCLELLAND, 1961).
- O comportamento empreendedor perpassa: reconhecimento de oportunidade, agir mediante a oportunidade reconhecida e gerenciamento de riscos (NETO ET AL, 2018).
- Os comportamentos empreendedores pertencem ao repertório do ser humano, mas, podem estar culturalmente entorpecidos, sufocados pelas práticas sociais, entretanto existem e podem ser despertados (DOLABELA, 2003).

Propostas

Leite (2018): A proposta do autor para melhorar a qualidade e eficiência da educação no ensino fundamental e médio em curto, médio e longo prazos numa perspectiva empreendedora compreende:

1º) Estabelecer diálogo entre universidades e escolas públicas (p.913): “As universidades públicas ou privadas devem manter diálogo constante, intenso, sistemático, transparente e produtivo sobre educação com os atores, protagonistas do processo de ensino-aprendizagem das escolas públicas brasileiras: os professores, gestores, funcionários, alunos e os personagens das comunidades locais. Ou seja, não basta o diálogo entre os coordenadores das secretárias de Estado, os dirigentes regionais e supervisores de ensino. Há que se dialogar cara a cara com quem vive o cotidiano administrativo pedagógico escolar”.

2º) Trabalhar com o modelo de gestão matricial (p. 933): “Em que as relações pessoais são baseadas em ações colaborativas e participativas entre a pessoas, conforme a divisão de trabalho e suas funções, como numa estrutura organizacional de uma matriz matemática. Todas as pessoas envolvidas nesse modelo de gestão têm funções e objetivos definidos coletivamente. Nesse sistema, a responsabilidade de cada colaborador é compartilhada entre seus pares, o que permite que a troca

de informações seja rápida com tomadas de decisões mais ágeis, quando surgirem os possíveis conflitos existentes no interior do ambiente escolar. A estrutura matricial estimula o surgimento de lideranças por meio da participação delegada, aproxima os pares, é mais democrática e é voltada para obter resultados positivos”.

3º) Modificar a abordagem político-pedagógica existente (p. 959): “Propomos que a abordagem pedagógica seja mais humanizada e considere cada aluno como uma individualidade, com características diferentes; que estabeleça como meta formar cidadãos éticos, responsáveis, livres, independentes e colaborativos, com clareza de raciocínio, equilibrado na vida e no processo de aprendizagem; que os professores, individual ou coletivamente, e os gestores das escolas tenham autonomia para trabalhar currículo e metodologia, com flexibilidade e liberdade de ação”.

4º) Envolver a comunidade escolar e os moradores residentes no entorno do prédio das escolas públicas nesse processo (p. 990): “A participação dos alunos, de seus pais ou responsáveis e dos moradores do entorno do prédio da escola é o que dará fundamento e legitimidade às mudanças. Quando a educação escolar não responde às expectativas da sociedade e o governo não ‘faz a sua parte’, a aproximação dos pais no cotidiano escolar contribui para minimizar e superar desafios”.

Dolabela (2003): Estimular o educando a construir sua própria representação do mundo, de forma livre, consciente e socialmente responsável (p.33), mediante duas propostas de ação junto aos alunos:

1º) Formulação do sonho (p. 57 e 84): O principal elemento de suporte é o “conceito de si”, que propõe temas como autoconhecimento, autoestima, visão de mundo, autonomia, protagonismo, sistema de valores, diferenciação, criatividade, energia, capacidade de análise, capacidade de lidar com o risco, conhecimento da natureza do sonho.

2º) Busca da realização do sonho (p. 57 e 84): Esta fase envolve, além do conceito de si, o desenvolvimento de habilidades e competências pra entender fenômenos exógenos, ambientais, e lidar com eles: conhecimento do ambiente em que o sonho se insere; capacidade de tecer uma rede de relações para dar suporte à realização do sonho; e identificação de oportunidades.

Na proposta do autor, as duas ações fases compõem o eixo do auto aprendizado e acompanharão o aluno a partir dos 4 anos de idade até o final do nível médio, de forma que a tarefa pedagógica consistirá em movimentar o ciclo “sonhar e buscar realizar o sonho” a cada ano letivo, no qual o aluno irá criar um projeto próprio, aqui chamado de sonho.

Papel do Professor e da Escola

Ampliação das referências e fontes de aprendizado

- A ênfase no auto aprendizado por parte do estudante não diminui o âmbito de ação do educador. Pelo contrário, aumenta sua importância, já que cabe a ele provocar o desequilíbrio nas relações do aluno com o mundo, através de perguntas, desafios, questionamentos e ao mesmo tempo oferecer o apoio necessário para que ele, diante de conflitos cognitivos, desenvolva uma ação auto organizadora. (DOLABELA, 2003 - Inspirado nos estudos de VIGOTSKY, 2010).

Necessidade de formação empreendedora

- É necessário que os professores compreendam a educação empreendedora, mas também comportem-se como empreendedores (NETO ET AL, 2018).

Organização de um ambiente favorável para o aluno construir seu próprio saber empreendedor

- Através de perguntas, desafios, questionamentos (DOLABELA, 2003).
 - Organização do espaço físico: Modificar a organização do ambiente de sala de aula, evitando lugares fixos e carteiras enfileiradas, favorecendo a mobilidade e a adaptação a cada situação proposta (DOLABELA, 2003).

Extrapolar o ambiente escolar

- Realizar atividades externas a escola como visitas a exposições, feiras, visando aprender com o empreendedor real (DOLABELA, 2003).
 - Educar para além da sala de aula, inovar suas práticas pedagógicas e encontrar formas de prender a atenção dos estudantes (BASSI, 2019).

Experiências / Exemplos Práticos⁸

Me & MyCity (FINLÂNDIA)

É uma inovação educacional finlandesa que começou em 2009 e, segundo Laurikainen et al (2018), é executada até os dias atuais. É uma proposta de aprendizagem destinada a crianças em idade escolar que aborda aspectos relacionados a vida em sociedade e empreendedorismo. Trata-se de uma cidade em miniatura, onde os estudantes trabalham em uma profissão (a cidade possui um total de 15 a 20 empresas e serviços públicos, e aproximadamente 70 profissões) e atuam como consumidores e cidadãos, ou seja, parte da sociedade e economia.

A proposta inclui visita de um dia ao ambiente de aprendizagem (mundo real), conteúdos de História, Estudos Sociais e Aconselhamento de Carreira que culminam em um jogo (no ambiente de aprendizado), o qual simula as operações das empresas de casos globais e um banco. Os alunos atuam como executivos da empresa e se envolvem nas tarefas de várias áreas. Além disso, eles competem em equipes para alcançar o melhor desempenho operacional e lucro e a melhor reputação por ter uma boa estratégia e uma interação próxima. Convém salientar que as propostas são desenvolvidas conforme a faixa etária dos estudantes envolvidos, respeitando suas fases de desenvolvimento.

Júnior High school (BRA)

A Escola Júnior no Ensino Médio, foi um projeto realizado em João Pessoa, Paraíba, Brasil, com intuito de estimular o empreendedorismo, através de atividades com baixo custo e fácil aplicabilidade, voltado para combater a exclusão social e econômica de famílias da região metropolitana de João Pessoa. O projeto começou ativando a curiosidade dos professores em relação ao tópico da exclusão social e o desenvolvimento econômico, e as maneiras que esses temas poderiam ser trabalhados (aprendizagem baseada em problemas, projetos interdisciplinares). Na segunda etapa, foram realizadas duas reuniões para conscientizar os estudantes sobre o tema, os quais foram estimulados a pesquisar sobre questões sociais, exclusão e inclusão social. Foi realizada uma pesquisa para coletar dados sobre o perfil socioeconômico dos alunos participantes e suas famílias, categorizando e identificar os principais problemas sociais vivenciados. Após a análise dos dados, o

⁸ Exemplos apresentados na pesquisa realizada por Laurikainen et AL (2018).

grupo criou soluções empreendedoras para as dificuldades mais recorrentes da região. Foram selecionados alguns projetos de empreendedorismo social que atendiam à realidade da comunidade escolar e no final do projeto, os alunos selecionaram a melhor ideia e elaboraram um plano de negócios para executar a solução identificada.

IFactory (BRA)

É um ambiente de práticas inovadoras, multidisciplinar e experimental para professores e alunos, resultado de um trabalho idealizado por professores que atuam em Institutos Federais do Espírito Santo, Brasília e Sergipe, composto por professores e alunos de diferentes áreas, além de empresários, empresas organizações não-governamentais (ONGs). Nesse ambiente, professores e alunos cooperam na aprendizagem fazendo e propondo projetos voltados para o desenvolvimento social local e para a inovação tecnológica.

Quadro 7 – Quadro analítico com as principais contribuições da literatura para implementação da educação empreendedora. Fonte: Elaboração Própria (2019), baseado em (Bassi, 2019; Dolabela, 2003; Gomes e Silva, 2018; Laurikainen, et al, 2018; Leite, 2018; Lopes et al, 2010; Neck e Greene, 2011; e Neto, et al, 2018).

Diante do exposto, observa-se que não foram identificados pontos de divergências nas discussões concernentes a educação empreendedora tecidas nas obras analisadas, mas observa-se que as produções científicas se complementam e baseiam-se no arcabouço teórico que fundamenta esta investigação, explicitado no item 2.3.1, acrescentando reflexões e orientações pertinentes para a implementação exitosa das propostas de educação empreendedora no contexto atual da educação básica brasileira.

Além disso, convém ressaltar que não existe uma receita pronta, as práticas pedagógicas voltadas para o empreendedorismo em seu conceito holístico precisam levar em consideração fatores como a realidade local e os sujeitos envolvidos. Entretanto, espera-se que esse conjunto de orientações apresentado indique caminhos para contribuir com a promoção da educação empreendedora no contexto escolar. No item que segue, será apresentada a realidade da educação

empreendedora em escolas situadas no município de Maceió-AL.

4.4 O cenário da educação empreendedora em escolas públicas e privadas de Maceió-AL: um estudo multicaso

As entrevistas realizadas com os sujeitos responsáveis pela condução das práticas voltadas para educação empreendedora, permitiram identificar que os contextos investigados, em sua maioria, desenvolvem ou desenvolveram essa temática mediante parcerias com instituições externas ao ambiente escolar.

No Quadro 8, a seguir, são apresentadas as categorias que esses espaços educativos se enquadram:

Escola	Desenvolve a educação empreendedora a partir de parcerias externas ao ambiente escolar	Desenvolveu a educação empreendedora a partir de parcerias externas ao ambiente escolar	Desenvolve a educação empreendedora a partir de propostas elaboradas pela escola	Não desenvolve propostas voltadas para educação empreendedora
EP1	X		X	
EP2	X		X	
EP3	X			
EE1			X	
EE2		X		
EE3	X			
EM1				X
EM2		X		
EM3			X	

Quadro 8 – Análise contextual das escolas, a partir das respostas fornecidas à primeira pergunta do roteiro de entrevistas. Fonte: Elaboração Própria (2019).

As duas instituições parceiras constatadas foram: a Junior Achievement Brasil, associação educativa sem fins lucrativos, mantida pela iniciativa privada, que visa despertar o espírito empreendedor em jovens durante a escolaridade básica (atua nas

escolas EE2 e EE3) e o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas, através do programa Jovens Empreendedores Primeiros Passos (atua nas escolas EP1, EP2, EP3 e EM2).

Temos as parcerias que vêm aqui na escola e desenvolvem, mas partindo da escola mesmo não, temos as parcerias. O que para nós é muito bom, facilita. Está tendo um projeto em andamento com o pessoal da Junior Achievement todas as segundas a tarde [...]. O projeto ocorrerá durante seis meses e estamos com essa parceria há dois anos (Entrevistado da EE3).

[...] nós temos uma parceria com o Sebrae, que é a oferta do JEPP (Jovens Empreendedores Primeiros Passos) que é o empreendedorismo dos alunos. Eles criam um produto, eles comercializam esse produto, eles são responsáveis pela criação, concepção, venda, contabilização e distribuição dos lucros [...]. Essa parceria temos desde 2017. Os alunos [...] trabalham durante o primeiro semestre todo, quando chega no finalzinho do semestre fazemos uma feira do JEPP (Entrevistado da EP1).

[...] começamos esse trabalho dessa forma com uma parceria do SEBRAE, em que os professores vão até o SEBRAE para fazer um curso, uma formação relacionada ao trabalho que vai ser desenvolvido, que é Jovem Empreendedor Primeiros Passos (JEPP) e que já é o nosso 5º ano do JEPP (Entrevistado da EP3).

Conforme relatos explicitados, o suporte e orientação das empresas que colaboram para o fomento ao empreendedorismo nas escolas visitadas facilita a implementação da educação empreendedora, possibilitando a formação do corpo docente para atuar nos projetos e culminar com uma feira, na qual os alunos comercializam produtos confeccionados por eles.

Dentre as escolas que relataram desenvolver propostas no âmbito da educação empreendedora através do apoio da Junior Achievement Brasil e do SEBRAE, observou-se que apenas a escola estadual EE2 e a municipal EM2, não deram continuidade a parceria. Sem tal suporte externo, de 2017 até o momento atual, deixaram de contemplar essa temática nas práticas pedagógicas das respectivas escolas.

No caso da EE2, o término da parceria deu-se em virtude de reformas que estão ocorrendo na escola desde o ano de 2018, com previsão de término em 2020, impactando na carência de salas de aula para retomar o projeto de educação empreendedora junto à Junior Achievement, segundo relato da profissional entrevistada. Já no caso da EM2, iniciaram o programa realizando a primeira reunião

com o SEBRAE, mas não houve continuidade, segundo o professor entrevistado, devido à falta de apoio da Secretaria Municipal de Educação, bem como em virtude da desmotivação de parte do corpo docente da escola, conforme relatos que seguem:

Esse projeto aconteceu de 2013 a 2017, mediante essa parceria com a Junior Achievement. Entretanto, a reforma que está ocorrendo na escola, que começou em 2018, dificultou a continuidade do projeto, nós ficamos sem sala de aula. Nós fazíamos um rodízio porque se não ninguém conseguia dar aula. [...] A equipe que acompanhava os alunos eram muito empenhada e pretendemos retomar em 2020 (Entrevistado da EE2).

Não demos continuidade pela falta de apoio da SEMED, pois não temos uma carga horária flexível, aumentaram a carga horária de trabalho e a quantidade de turmas que lecionamos. Além disso, tem professor que trabalha em três escolas. Por isso, quando o pessoal do SEBRAE veio, uma parte do corpo docente ficou empolgado e outra parte não se sentiu estimulado, porque na prática acarreta mais trabalho para o professor que já está sobrecarregado (Entrevistado da EM2).

No que se refere às instituições que afirmaram promover a educação empreendedora a partir de projetos elaborados pela escola, observou-se que na EE1 trata-se de uma proposta pontual, que ocorre uma vez por ano, durante uma semana, no período que antecede a semana da criança.

[...] é algo pontual, não é algo que a gente desenvolve durante o ano. É somente no período do ano que antecede a semana da Criança, aí é realizado dessa forma: de acordo com o talento ou dons que eles tenham, aí eles produzem algo que a gente possa vender depois, tipo uma feirinha, e reverte o valor arrecadado para as crianças (Entrevistado da EE1).

Na EM3, o trabalho de educação empreendedora compreende um projeto voltado para as turmas de Jovens, Adultos e Idosos, que trabalha empreendedorismo utilizando recursos tecnológicos “temos aulas interativas, onde os alunos pesquisam através do celular usando as senhas da escola. Para aqueles que não têm celular nós temos três computadores na sala e disponibilizamos para esses alunos”.

Observou-se também que na rede de ensino particular a EP1 e a EP2, são as únicas instituições que além de estabelecerem parceria com o SEBRAE, promovem o empreendedorismo e a inovação mediante iniciativas da escola.

Em 2017 modificamos a matriz curricular, fizemos um ajuste incluindo a disciplina PIT (Produção e Interpretação Textual) e EMT (Educação para o Mundo do Trabalho) que utilizamos na matriz de referência as competências necessárias do mundo do trabalho, mas sem um viés do profissionalizante e sim, começamos a trabalhar o jovem na base, noções de legislação trabalhista, empreendedorismo, administração de recursos, finanças

peçoais, que isso nada mais é do que o casamento com as outras atividades que já trabalhamos nas escolas (Entrevistado da EP1 e EP2).

A partir de 2018 nós começamos a pensar um pouco mais a frente, a gente já trabalhava com educação empreendedora, já trabalhávamos com projetos de iniciação científica, como por exemplo o EcoSururu que é a fabricação de telhas a partir da casca do sururu. Esse projeto teve financiamento da IEBS, nós tivemos agora um edital da FAPEAL que beneficiou 20 projetos [...] com foco em prototipagem, com foco em empreendedorismo, com foco em resolução de problemas. Então, a partir de 2018 iniciamos um outro movimento que foi a consolidação das propostas de empreendedorismo e inovação dentro de um outro viés que é a cultura maker (Entrevistado da EP1 e EP2).

[...] nós já estamos fazendo uma nova revisão da matriz curricular que é a disciplina que era Educação para o Mundo do Trabalho, ela continua existindo do 6º ao 8º ano, e a partir do 9º ano ela deixa de existir e virou uma disciplina chamada Inovação e Empreendedorismo que vamos associar ao movimento Maker, embora o Maker a nossa ideia, assim como em qualquer escola do país que você vá pesquisar o Maker funciona muito como robótica educacional, com uma disciplina específica Maker. Nós não queríamos isso, não queríamos compartimentar, eu quero que tudo que a agente for trabalhar fora da matriz seja de modo completamente transversal. Aí estamos associando inovação e empreendedorismo, que metade dessa carga horária vai ser com um currículo mais enxuto para dar mais flexibilidade para esse professor e a outra parte com robótica educacional (Entrevistado da EP1 e EP2).

A única escola que ainda não desenvolveu iniciativas no âmbito da educação empreendedora apontou como dificuldade “a falta de informação” (ENTREVISTADO EM1), indicando a necessidade de parceria e formação para um direcionamento do trabalho nessa área.

Diante do exposto, podemos apontar algumas reflexões à luz do referencial teórico que subsidia esta pesquisa. O primeiro ponto a destacar refere-se à tendência de terceirização do trabalho voltado para o empreendedorismo e inovação na maioria das escolas investigadas.

Essa alternativa, ao mesmo tempo que facilita para os profissionais da escola, os quais recebem treinamento metodológico, sugestão de atividades, temas para serem trabalhados, material didático, bem como há uma equipe específica externa responsável por encabeçar as propostas junto aos alunos, pode trazer consigo um elemento nocivo que precisa ser refletido: o empreendedorismo pode, dessa forma, não se tornar uma cultura da escola.

Considerando a literatura analisada no item anterior (Bassi, 2019; Dolabela,

2003; Gomes e Silva, 2018; Laurikainen, et al, 2018; Leite, 2018; Lopes et al, 2010; Neck e Greene, 2011; e Neto, et al, 2018), a educação empreendedora requer aprendizado permanente, tanto por parte dos educadores, quanto por parte dos estudantes. Quando passa a ser vivenciada em momentos pontuais ou com períodos de duração limitados, pode comprometer o estabelecimento da educação empreendedora como parte da cultura institucional.

Retomando a fala de Dolabela (2003, p.53), a escola necessita estar comprometida “com a criação permanente da visão de mundo da coletividade em que se situa”. Nesse sentido, essa tendência de terceirização também pode restringir o protagonismo dos estudantes e professores, à medida que as metodologias e materiais didáticos oferecem caminhos “prontos”, o que pode, muitas vezes, acomodar os sujeitos envolvidos com a educação empreendedora, limitando a criatividade e a busca por soluções inovadoras por parte da comunidade escolar.

Observou-se nas instituições EE2 e EM2, que há uma certa relação de dependência em relação às parcerias com instituições externas à escola. Quando, por razões diversas, essas instituições não puderam continuar apoiando as escolas, as ações voltadas para o empreendedorismo também foram encerradas.

Nesse cenário, a escola deve se constituir como espaço de produção de conhecimento (LEITE, 2018) e promover a educação empreendedora estabelecendo relações com a localidade na qual está inserida e considerando suas demandas (LAURIKAINEN ET AL, 2018; LOPES, 2010).

Assim, entende-se que as parcerias devem se constituir para agregar conhecimento e experiências, mas o contexto escolar deve vivenciar o empreendedorismo e a inovação em suas práticas cotidianas de forma inter e multidisciplinar (NECK E GREENE, 2011).

Essa orientação perpassa a discussão do empreendedorismo como elemento do currículo da escolaridade básica. Isso porque, a Base Nacional Comum Curricular (2019) faz referência ao empreendedorismo e a inovação como objetos de conhecimento a serem contemplados nos itinerários formativos da educação básica, entretanto, na prática, observou-se nas escolas que não estão desenvolvendo propostas no âmbito dessa temática, a necessidade de apropriação da orientação

legal por parte sujeitos envolvidos, bem como de condições para implementação. Apenas a EE2 fez referência a necessidade da escola retomar com a educação empreendedora, tendo em vista que “o próprio ensino médio hoje exige essa abordagem do empreendedorismo [...] Com o novo ensino médio aqui na escola teremos que ter a partir do próximo ano oficinas voltadas para esse tema” (ENTREVISTADO DA EE2).

Observou-se também que a organização curricular é um fator necessário e que tem contribuído para as escolas EP1 e EP2 implantarem práticas pedagógicas exitosas voltadas para o fomento do empreendedorismo e da inovação, mediante a criação de disciplinas específicas, conforme extrato da entrevista:

Em 2017 modificamos a matriz curricular, fizemos um ajuste incluindo a disciplina PIT (Produção e Interpretação Textual) e EMT (Educação para o Mundo do Trabalho). [...] a partir de 2018 iniciamos um outro movimento que foi a consolidação das propostas de empreendedorismo e inovação dentro de um outro viés que é a cultura maker. [...] Já estamos fazendo uma nova revisão da matriz curricular que é a disciplina que era Educação para o Mundo do Trabalho, ela continua existindo do 6º ao 8º ano, e a partir do 9º ano ela deixa de existir e virou uma disciplina chamada Inovação e Empreendedorismo que vamos associar ao movimento Maker (Entrevistado da EP1 e EP2).

Sinteticamente, as ações de empreendedorismo e inovação são contempladas nas escolas utilizando os seguintes formatos:

Escola	Organização Curricular da Educação Empreendedora e modalidades contempladas
EP1 e EP2	<p>Disciplina “Educação para o Mundo do Trabalho”: do 6º ao 8º ano do Ensino Fundamental II.</p> <p>Disciplina: “Inovação e Empreendedorismo”: do 9º ano do Ensino Fundamental até o 3º ano do Ensino Médio.</p> <p>Metodologia de Projetos: Educação de Jovens, Adultos e Idosos.</p> <p>Metodologia de Projetos, a partir de materiais fornecidos pelo SEBRAE: Ensino Fundamental II.</p>
EP3	Metodologia de Projetos desenvolvidos pelas turmas, a partir de materiais fornecidos pelo SEBRAE: Ensino

	Fundamental I, mas irá ampliar para o Fundamental II e Médio a partir de 2020.
EE1	Metodologia de Projeto na semana que antecede a Semana da Criança: do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental.
EE2	Metodologia de Projetos, desenvolvidos aos sábados por a Junior Achievement Brasil: Ensino Médio. Em 2020 serão ofertadas oficinas temáticas.
EE3	Extracurricular, uma vez por semana, com Junior Achievement Brasil: 2º ano do Ensino Médio.
EM1	O tema não é contemplado.
EM2	Metodologia de Projetos, a partir de materiais fornecidos pelo SEBRAE: Foi proposto para iniciar com o Ensino Fundamental I e II.
EM3	Metodologia de Projetos; Educação de Jovens, Adultos e Idosos.

Quadro 9 – Organização Curricular da Educação Empreendedora e modalidades contempladas. Fonte: Elaboração Própria (2019).

O quadro explicitado revela que as propostas são adotadas nas modalidades do Ensino Fundamental, Ensino Médio e na Educação de Jovens, Adultos e Idosos e que a maioria dos espaços mencionam a metodologia de projetos como opção para contemplar o empreendedorismo e inovação no currículo. Infere-se que a ausência de propostas no âmbito da Educação Infantil (no espaço que oferta essa modalidade), tem relação com a concepção da cultura empreendedora ser vinculada ao fazer empresarial. Os extratos das entrevistas abaixo relacionados, demonstram a predominância dessa concepção:

É o trabalho com a educação financeira na escola (Entrevistado da EP3).

Pelo pouco que li e sei sobre empreendedorismo e inovação, mas empreendedor é aquele tipo patrão e funcionário, que tem aquele que produz e tem o comerciante que, por exemplo, que pode revender uma blusa e uma calça (Entrevistado da EE1).

Não sei explicar, mas entendo que é importante nos dias de hoje (Entrevistado da EE3)

[...] a concepção de empreendedorismo que nós temos é de geração de

emprego e renda, então como trabalhar essa geração de emprego e renda numa escola de ensino fundamental I, do primeiro ao quinto ano? (Entrevistado da EM1).

Nós queremos formar profissionais diferentes. Nós queremos que o nosso aluno se quiser fazer ENEM, que ele faça e seja bem sucedido. Se ele quiser administrar o mercadinho do pai, que ele faça e seja bem sucedido. Caso ele queira fazer um curso técnico e ir trabalhar na indústria, que ele faça e seja bem sucedido. Eu preciso que meu aluno entenda que numa sociedade que está cada vez mais inter-relacionada em termos de comunicação, com as distâncias cada vez mais encurtadas, cada vez mais tecnológico, que a minha concepção de mão-de-obra muda, esse aluno se enxergue em cenários que ainda não existem. Então eu preciso desafiar o meu aluno a criar soluções para problemas que, às vezes ainda nem existem. Então essa é a visão de empreendedorismo que a gente quer desenvolver em nossos alunos (Entrevistado da EP1 e EP2).

Apenas a concepção apresentada pelo profissional responsável pela condução das propostas voltadas para educação empreendedora das escolas particulares 1 e 2, relaciona-se ao conceito holístico de empreendedorismo inovador.

Considerando que dentre os entrevistados havia 5 Pedagogos, 1 Educador Físico e 2 profissionais com formação em Letras, a superação dessa concepção situa-se também na necessidade de apropriação dos sujeitos envolvidos quanto ao tema, formação que, em geral, não é ofertada no âmbito do ensino superior, especialmente, em cursos da área de licenciatura. Dificuldade sinalizada na pesquisa de Laurikainen et al (2018).

Além disso, foi possível verificar que os estudos constatados nas plataformas analisadas não têm sido utilizados para fundamentar as práticas de educação empreendedora. Acarretando também nessa carência de formação para subsidiar as ações voltadas para o empreendedorismo e a inovação nas escolas.

Entretanto, mesmo diante dessa dificuldade, o trabalho desenvolvido voltado para o empreendedorismo e a inovação tem resultado em conquistas por parte dos estudantes. Segundo relato dos entrevistados, pode-se elencar: abertura de negócio; prêmios de soluções inovadoras; e aprovação, em instituições de fomento, de projetos de iniciação científica.

Destarte, observa-se que o cenário apresentado é desafiador. No entanto, as discussões tecidas permitem pontuar, no tópico seguinte, alguns caminhos para favorecer a educação empreendedora desde os anos iniciais da educação básica.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação, sem dúvida, é um caminho para formar uma sociedade mais empreendedora. O potencial das crianças e jovens do Brasil é enorme, sendo necessário despertá-los, disseminando o empreendedorismo e a inovação em todos os níveis da Educação, especialmente no âmbito da Educação Básica.

Nesse cenário, as instituições educacionais, responsáveis pela educação formal, têm um papel relevante, no sentido de que o ensino empreendedor pode se constituir uma ferramenta para contribuir com a formação dessa geração, motivando-a a criação de ideias inovadoras, formando cidadãos críticos, autônomos, transformadores e empreendedores, capazes de utilizarem-se do meio e de suas características pessoais para o desenvolvimento social e econômico de todos.

Considerando sua relevância, essa temática tem se constituído historicamente como campo de estudos que contribui para o desenvolvimento de uma nação, sendo contemplada, especialmente desde as últimas décadas, nos debates tanto no âmbito acadêmico, quanto em torno de políticas públicas.

Por isso, este estudo buscou investigar a área de educação empreendedora e estímulo a inovação no contexto infantil e juvenil, partindo do questionamento de como fomentar a cultura empreendedora e a educação para inovação desde a infância.

Na primeira etapa, foram constatados um total de 1.120 publicações na Web of Science e 10.431 na SCOPUS sobre educação empreendedora. As publicações apontaram a heterogeneidade de campos de pesquisa sobre o tema, revelando entre as mais citadas, uma maior concentração de estudos nacionais sobre educação empreendedora no contexto do ensino superior, apontando a necessidade de investimento em pesquisas voltadas, especialmente, para o contexto infantil.

As produções científicas selecionadas apresentam pontos consensuais, dentre eles destacam-se à educação empreendedora ser contemplada durante toda escolaridade básica, desde a educação infantil; o papel relevante da instituição escolar; o empreendedorismo como conhecimento passível de aprendizado; e a inovação como elemento central do empreendedorismo. Também explicitou que apresentam orientações metodológicas complementares quanto a abordagem

experiential da educação empreendedora, valorização do protagonismo dos estudantes e o envolvimento dos mesmos em situações reais e contextualizadas.

A segunda parte do estudo, a análise do cenário local, apontou a forte tendência dos contextos escolares delegarem a implementação das propostas de educação empreendedora a instituições externas ao ambiente escolar, podendo comprometer o estabelecimento desse campo de estudos como parte da cultura institucional.

Além disso, revelou a necessidade emergente de formação para que os profissionais que são responsáveis pela condução das propostas voltadas para o empreendedorismo e inovação no contexto escolar, compreendam e disseminem essa temática para além do fazer empresarial, abordando-a em sua acepção mais ampla.

Esse aspecto também alcança a necessidade de formação sobre empreendedorismo e inovação nos cursos de graduação, especialmente no âmbito dos cursos da área de licenciaturas, tendo em vista que esses docentes são responsáveis pela formação da população infantil e juvenil, atuando nas escolas, única instituição social pela qual passa obrigatoriamente toda sociedade e que cumpre uma função essencial para formação de cidadãos e disseminação de saberes e valores culturais.

Em conclusão, as discussões tecidas e os resultados revelados permitem pontuar alguns caminhos para favorecer a implementação mais exitosa da educação empreendedora nos contextos escolares, desde os anos iniciais da educação básica:

- Garantir o uso de recursos e ferramentas tecnológicas, jogos, visitas de campo, reflexão e busca de soluções para demandas sociais da região, valorização da cultura maker, explorando a educação empreendedora para além de projetos que culminam com a feira de negócios, na qual os estudantes comercializam produtos confeccionados por eles;
- Ofertar no âmbito do ensino superior brasileiro, na matriz curricular dos cursos de graduação, especialmente nas formações em licenciaturas, o

empreendedorismo e a inovação;

- Superar as práticas pedagógicas que limitam a criatividade e o protagonismo das crianças e jovens, valorizando a experiencição, o aprender fazendo e o desenvolvimento de recursos do comportamento empreendedor;
- Modificar paradigmas na relação alunos/ funcionários/ professores/ gestores, através de um novo olhar sobre o ensino-aprendizagem para que os alunos, de fato, sejam os protagonistas desse processo e tornem-se verdadeiros pesquisadores com motivação e ousadia de um empreendedor;
- Valorizar a inter e a multidisciplinaridade nas propostas de ensino. Esse desafio pertence as escolas da educação básica, mas também presentifica-se no âmbito do ensino superior, durante a formação dos profissionais (formação dos formadores);
- Munir/empoderar os profissionais envolvidos no processo educacional de conhecimentos e estratégias didáticas para implementar a educação empreendedora, mediante formação contínua, na rede de ensino pública e particular, ampliando suas concepções de empreendedorismo e inovação, possibilitando que esses temas tornem-se parte da cultura institucional;
- Permutar o protagonismo do docente para o discente. Essa ênfase no auto aprendizado por parte do estudante não diminui o âmbito de ação do educador. Pelo contrário, aumenta sua importância, já que cabe a ele provocar o desequilíbrio nas relações do aluno com o mundo, através de perguntas, desafios, questionamentos e ao mesmo tempo oferecer o apoio necessário para que ele, diante de conflitos cognitivos, desenvolva uma ação auto organizadora;
- Estreitar a relação entre as Instituições de Ensino Superior e os atores do processo de ensino-aprendizagem da escolaridade básica brasileira: professores, gestores, funcionários, alunos e comunidades locais, possibilitando diálogo constante, intenso, sistemático, transparente e produtivo. Dialogar com quem vive o cotidiano administrativo pedagógico escolar, traçando alternativas para consecução da educação empreendedora.

Por fim, apresenta-se como proposta:

- Abordar o empreendedorismo e a inovação na escolaridade básica, a partir de uma perspectiva inter, multi e transdisciplinar, mediante uma metodologia de elaboração e desenvolvimento de projetos, com um docente responsável, em um espaço experimental multidisciplinar, que favoreça a combinação da teoria e da prática, possibilite conexões com o mundo do trabalho e a criação de inovações, respeitando a faixa etária e o perfil dos estudantes, oferecendo, assim, as condições necessárias para que os sujeitos deste processo se desenvolvam como potenciais empreendedores.

Diante dessas considerações, deseja-se através deste estudo, contribuir para nortear ações que fomentem a cultura empreendedora na infância e juventude, e assim colaborar para promover o desenvolvimento social, mediante a formação de indivíduos cada vez mais estimulados a inovar.

6. REFERÊNCIAS

AGHAEI CHADEGANI, Arezoo et al. A comparison between two main academic literature collections: Web of Science and Scopus databases. **Asian Social Science**, v. 9, n. 5, p. 18-26, 2013.

AMAZON. Companhia online. Recuperado de: <<https://www.amazon.com.br/>>. Acesso em nov.2019.

AMAZON. Companhia online. Recuperado de: <<https://www.amazon.com/>>. Acesso em nov.2019.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **Filosofia da Educação**. São Paulo: Moderna, 1989.

ARAÚJO, Maria H. et al. O estímulo ao empreendedorismo nos cursos de química: formando químicos empreendedores. **Química nova**, v. 28, p. 18, 2005.

BASSI, Isabela Minatel. Crianças sem Limites: Educação Empreendedora na Primeira Infância. **Figurati; Edição: 1**, 2019.

BÉCHARD, Jean-Pierre; GRÉGOIRE, Denis. Entrepreneurship education research revisited: The case of higher education. **Academy of Management Learning & Education**, v. 4, n. 1, p. 22-43, 2005.

CANALTECH, REDAÇÃO. Tudo sobre a Amazon. 2019.

CANTILLON, Richard. **Essay on the Nature of Commerce in General**. Routledge, 2003. Primeira edição em francês, 1755.

CNT. Confederação Nacional dos Transportes. **O Ensino Médio não é atraente para os Jovens**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/ultimas-noticias/222-537011943/40511-pesquisa-cnt-diz-que-ensino-medio-nao-e-atraente-para-os-jovens>. Acesso em: Agosto de 2019.

COAN, Marival. Educação para o empreendedorismo como estratégia para formar um trabalhador de novo tipo. **Revista Labor**, v. 1, n. 9, p. 1-18, 2013.

COLBARI, A. de L. Os desafios da formação de empreendedores na Sociedade Brasileira. Anais do Simpósio de gestão da inovação tecnológica, 2008.

DO BRASIL. RESOLUÇÃO CNE/CEB nº 3/2018. Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. Disponível em: <http://novoensinomedio.mec.gov.br/resources/downloads/pdf/dcnem.pdf>. Acesso em: Setembro de 2019.

DOLABELA, Fernando et al. Oficina do empreendedor. Martins Fontes, 2008.

DOLABELA, Fernando. O segredo de Luísa. Cultura, 2006.

DOLABELA, Fernando. Pedagogia empreendedora. Cultura, 2003.

DOLABELA, Fernando. A ponte mágica. São Paulo: Cultura Editores Associados, 2004.

DORNELAS, J. C. Empreendedorismo na prática-Mitos e Verdades do Empreendedor de Sucesso (Vol. 7). 2007.

DORNELAS, José Carlos Assis. Empreendedorismo: transformando ideias em negócios. Elsevier Brasil, 2008.

DRUCKER, Peter Ferdinand. **Inovação e espírito empreendedor**. São Paulo: Thomson, 2001.

ELSEVIER SCOPUS. Search for books, journals or webpages. Recuperado de: <<https://www-scopus.ez9.periodicos.capes.gov.br/search/form.uri?display=basic>>. Acesso em out.2019.

EMPRESAS, Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas; **Relatório Especial: o empreendedorismo e o mercado de trabalho. Brasília, 2017.**

ESCOLAR, Censo. **Ministério da Educação. Brasília: DF. 2018.**

EUROPEIA, Comissão. Educação para o Empreendedorismo nas Escolas Europeias. **Luxemburgo: Comissão Europeia, 2016.**

EUROPEIA, Comissão. Promover o espírito empreendedor através do ensino e da aprendizagem. **Bruxelas: Comissão Europeia, 2006.**

FEDERAL, Senado. Lei de diretrizes e bases da educação nacional. 2005.

FERNANDES, Rene José Rodrigues. Breve histórico do ensino de empreendedorismo no Brasil. **Revista GV novos negócios**, v. 5, n. 5, 2013.

FERNANDEZ, Todd M. et al. Development of entrepreneurial attitudes assessment instrument for freshman students. 2015.

FILION, Louis Jacques. Empreendedorismo: empreendedores e proprietários-gerentes de pequenos negócios. **Revista de administração**, v. 34, n. 2, p. 5-28, 1999.

FILION, Louis Jacques. Visão e relações: elementos para um metamodelo empreendedor. **Revista de Administração de Empresas**, v. 33, n. 6, p. 50-61, 1993.

FONSECA, Lina.; GONCALVES, Teresa.; PEIXOTO, Ana. **Educação empreendedora: Experiência com crianças dos 3 aos 12 anos.** 2015. Disponível em: [https://file:///C:/Users/Tha%C3%ADs/Downloads/Fonseca_Gonalves_Peixoto_2015%20\(1\).pdf](https://file:///C:/Users/Tha%C3%ADs/Downloads/Fonseca_Gonalves_Peixoto_2015%20(1).pdf). Acesso em: Maio de 2019.

FRANCO, Jheine Oliveira Bessa; GOUVÊA, Josiane Barbosa. A Cronologia dos

Estudos sobre o Empreendedorismo. **Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, v. 5, n. 3, p. 144-166, 2016.

FREIRE, Paulo et al. Cuidado escola: desigualdade domesticação e algumas saídas. In: **Cuidado escola: desigualdade domesticação e algumas saídas**. Brasiliense, 1996.

GEI. The global entrepreneurship index (GEINDEX). **Global Entrepreneurship and Development Institute, Washington**, 2018.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. Editora Atlas SA, 2008.

GODOY, Arlida Schmidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de administração de empresas**, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995.

GOMES, D. C.; SILVA, L. A. F. ENTREPRENEURIAL EDUCATION IN PROFESSIONAL EDUCATION: CHALLENGES AND EXPERIENCES IN EDUCATIONAL INSTITUTION. **HOLOS**, v. 34, n. 1, p. 118-139, 2018.

GRAEF, Aldino; SALGADO, Valéria. Relações de parceria entre o Poder Público e entes de cooperação e colaboração no Brasil. **Brasília: Editora IABS**, 2012.

GUERRA, Maria José.; GRAZZIOTIN, Zilá Joselita. Educação empreendedora nas universidades brasileiras. In: LOPES, Rose Mary Almeida. **Educação empreendedora: conceitos, modelos e práticas**. Elsevier, 2010.

HECKMAN, James. **James Heckman e a importância da educação infantil**. 2017. Disponível em: <http://www.crianca.mppr.mp.br/2017/09/12779,37/>. Acesso em: Setembro de 2019.

HISRISH, R. D.; PETERS, M.P. **Empreendedorismo**. 5 Ed. Porto Alegre, 2004. IBGE. **Sobrevivência das Empresas**. 2017. Disponível em: https://m.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/estudos_pesquisas/taxa-de-sobrevivencia-das-empresas-no-brasildestaque15,01e9f925817b3410VgnVCM2000003c74010aRCRD. Rio de Janeiro. Acesso em: Julho de 2019.

JUNIOR ACHIEVEMENT BRASIL. **Programas de empreendedorismo**. Disponível em: <http://jabrasil.org.br/empreendedorismo/>. Acesso em: Setembro de 2019.

KLEIN, Ana Maria; DE OLIVEIRA PÁTARO, Cristina Satiê. A escola frente às novas demandas sociais: educação comunitária e formação para a cidadania. **Cordis: Revista Eletrônica de História Social da Cidade**, n. 1, 2008.

KNIGHT, Frank H. **Risk, uncertainty and profit**. Courier Corporation, 1933.

LAURIKAINEN, Marja et al. Entrepreneurship Education: what can we learn from the Brazilian and the Finnish examples?. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, v. 13, n. 1, p. 337-358, 2018.

LEITE, Nelson Moreira. **Tecnologia e Educação Empreendedora: Estamos no Caminho Certo?** Appris; Edição do Kindle.

LETTIERI, F. Empreendedorismo na Educação: modismo ou necessidade. **Revista Direcional Escolas, edição 7 (agosto de 2005)**, 2005.

LOHRKE, Franz; LANDSTRÖM, Hans. History matters in entrepreneurship research. **Historical Foundations of Entrepreneurship Research, Cheltenham: Edward Elgar**, p. 1-11, 2010.

LOPES, Rose Mary Almeida. **Educação empreendedora: conceitos, modelos e práticas**. Elsevier, 2010.

LOPES, Rose Mary Almeida.; TEIXEIRA, Maria América de Almeida. Educação empreendedora no ensino fundamental. In: LOPES, Rose Mary A. **Educação empreendedora: Conceitos, modelos e práticas**. Rio de Janeiro: Elsevier; São Paulo: Sebrae, 2010.

LUCKESI, Cipriano Carlos. Sujeitos da práxis pedagógica: o educador e o educando. **Filosofia da Educação. São Paulo: Cortez**, 1994.

MCCLELLAND, David Clarence. **The achieving society**. The Free Press, 1961.

MCCLELLAND, David Clarence. **A sociedade competitiva realização e progresso social**. Expressão e Cultura, 1972.

MINELLO, Italo Fernando; BÜRGER, Rafaela Escobar; KRÜGER, Cristiane. Características comportamentais empreendedoras: um estudo com acadêmicos de administração de uma universidade brasileira. **Revista de Administração da Universidade Federal de Santa Maria**, v. 10, p. 72-91, 2017.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: DF. 2019. DO BRASIL, Senado Federal. Constituição da república federativa do Brasil. **Brasília: Senado Federal, Centro Gráfico**, 1988.

MONITOR, Global Entrepreneurship. Global Report 2017/18. **Global Entrepreneurship Research Association (GERA): London, UK**, 2018.

MOTA, Ronaldo. Inovação e aprendizagem independente na educação básica. **Ciência e Natura**, v. 36, p. 121-129, 2014.

NECK, Heidi M.; GREENE, Patricia G. Entrepreneurship education: known worlds and new frontiers. **Journal of small business management**, v. 49, n. 1, p. 55-70, 2011.

NETO, Roque do Carmo Amorim et al. The influence of self-efficacy on entrepreneurial behavior among K-12 teachers. **Teaching and Teacher Education**, v. 72, p. 44-53, 2018.

OLIVEIRA, Mauro Márcio. As circunstâncias da criação da extensão rural no Brasil. **Cadernos de Ciência & Tecnologia**, v. 16, n. 2, p. 97-134, 1999.

OKUBO, Yoshiko. Bibliometric indicators and analysis of research systems. 1997.

PRODANOV, Cleber Cristiano; DE FREITAS, Ernani Cesar. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico-2ª Edição**. Editora Feevale, 2013.

SAY, J. B. **England and the English People**. London Traslatation, 1816.

SCHAEFER, Ricardo; MINELLO, Italo Fernando. Educação Empreendedora: premissas, objetivos e metodologias. **Revista Pensamento Contemporâneo em Administração**, v. 10, n. 3, p. 60-81, 2016.

SCHUMPETER, Joseph Alois. Teoria do desenvolvimento econômico: uma investigação sobre lucros, capital, crédito, juro e o ciclo econômico (1934). **Tradução de Maria Sílvia Possas. Coleção Os Economistas. São Paulo: Nova Cultural, 1982.**

SILVA, Adelson de P. et al. EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA COMO FATOR DE SUCESSO PARA INOVAÇÃO SOB O OLHAR DA ABORDAGEM CTS–CIÊNCIA, TECNOLOGIA E SOCIEDADE. Anprotec, 2014.

SILVA, F. G.; CÁRIA, N. P. A inserção do empreendedorismo na educação básica. **SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE PROFSSIONALIZAÇÃO DOCENTE**, v. 5, p. 4568, 2015.

SIQUEIRA, Jairo. O processo criativo. **Criatividade e Inovação on-line. Rio de Janeiro**, v. 10, 2007.

SOARES, Sandro Vieira; PICOLLI, Icaro Roberto Azevedo; CASAGRANDE, Jacir Leonir. Pesquisa bibliográfica, pesquisa bibliométrica, artigo de revisão e ensaio teórico em administração e contabilidade. **Administração: Ensino e Pesquisa**, v. 19, n. 2, p. 308-339, 2018.

SOUSA, Darcon; DE OLIVEIRA, Roberto Veras. O apoio do Estado ao Empreendedorismo Inovador: a experiência do Prime no Brasil. **Revista de Políticas Públicas**, p. 53-64, 2013.

STEVENSON, Howard H.; JARILLO, J. Carlos. A paradigm of entrepreneurship: Entrepreneurial management. In: **Entrepreneurship**. Springer, Berlin, Heidelberg, 2007. p. 155-170.

STEVENSON, Howard. H.; JARILLO, J. C. **A paradigm of entrepreneurship: entrepreneurial management**. Strategic Management Journal, 1990. v. 11, n. 5, p. 17-27.

STOCKMANNNS, Jussara Isabel. Pedagogia Empreendedora. 2015.

VASCONCELOS, Mário Sérgio. **A difusão das idéias de Piaget no Brasil**. Casa do Psicólogo, 1996.

VERGA, Everton; SILVA, Luiz Fernando Soares da. Empreendedorismo: evolução histórica, definições e abordagens. **Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, v. 3, n. 3, p. 3-30, 2014.

VON GRAEVENITZ, Georg; HARHOFF, Dietmar; WEBER, Richard. The effects of entrepreneurship education. **Journal of Economic Behavior & Organization**, v. 76, n. 1, p. 90-112, 2010.

VYGOTSKY, Lev Semenovich et al. Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade escolar. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**, v. 11, 2010.

WEB OF SCIENCE. Search for books, journals or webpages. Recuperado de: <http://apps-webofknowledge.ez9.periodicos.capes.gov.br/WOS_GeneralSearch_input.do?product=WOS&search_mode=GeneralSearch&SID=8BCgUcQLpHXkqheR32A&preferencesSaved=>>. Acesso em out.2019.

WEBER, Max. **Metodologia das ciências sociais**. São Paulo: Cortez Editora, 1982.

7. APÊNDICE

7.1 Apêndice A: Roteiro de entrevistas

DADOS DA ESCOLA E DO(A) ENTREVISTADO(A)	
Instituição:	
Tempo de Funcionamento/ano de fundação:	
Localização:	
Cargo e formação do entrevistado(a):	
CARACTERIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO	
Número de alunos matriculados:	Modalidades da Ed. Básica atendidas:
Turno matutino: _____	() Educação Infantil;
Turno vespertino: _____	() Ensino Fundamental I;
Turno noturno: _____	() Ensino Fundamental II;
	() Ensino Médio;
	() Ensino Técnico/Tecnológico;
	() Outras. _____
EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA	
1. A escola desenvolve propostas/projetos/atividades no âmbito da educação empreendedora e de estímulo a inovação? Há quanto tempo? Qual(is)? Em caso negativo, por que não desenvolve? Qual (is) dificuldade(s) enfrentada(s)?	
2. Qual a concepção de educação empreendedora e de inovação adotada pela instituição?	
3. Qual(is) modalidade(s) da educação básica é/são contemplada(s)?	
4. Como essas propostas são contempladas no currículo?	
5. O trabalho no âmbito da educação empreendedora e de estímulo a inovação é desenvolvido por um profissional específico (Ex.: administrador)? Por um professor de disciplina específica? Qual(is) disciplina(s)?	
6. A escola adota algum material didático para embasar o trabalho voltado para educação empreendedora? Qual(is)?	
7. Qual o retorno/contribuição gerado por essa(s) iniciativa(s) de educação empreendedora e de estímulo a inovação identificado no desenvolvimento/comportamento dos educandos? Já é possível identificar algum impacto ou caso de sucesso?	

8. ANEXO

8.1 Anexo A: Autorização do comitê de ética para realização da pesquisa

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
ALAGOAS



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: ESTUDOS E EXPERIÊNCIAS NA ÁREA DE EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA E ESTÍMULO A INOVAÇÃO NO CONTEXTO INFANTIL E JUVENIL

Pesquisador: THAIS TELLES QUEIROZ LIRA

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 24388919.8.0000.5013

Instituição Proponente: Instituto de Química e Biotecnologia - RENORBIO

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.692.390

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

MACEIO, 08 de Novembro de 2019

Assinado por:
Luciana Santana
(Coordenador(a))



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA**

Maceió-AL, 11/11/2019

Senhor(a) Pesquisador(a), Thais Telles Queiroz Lira

O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), em Reunião Plenária de 08/11/2019 e com base no parecer emitido pelo (a) relator(a) do processo nº 24388919.8.0000.5013, sob o título ESTUDOS E EXPERIÊNCIAS NA ÁREA DE EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA E ESTÍMULO A INOVAÇÃO NO CONTEXTO INFANTIL E JUVENIL, comunicar a **APROVAÇÃO** do processo acima citado, com base no artigo X, parágrafo X.2, alínea 5.a, da Resolução CNS nº 466/12 e Resolução CNS 510/16.

O CEP deve ser informado de todos os efeitos adversos ou fatos relevantes que alterem o curso normal do estudo (Res. CNS 466/12, item V.3).

É papel do(a) pesquisador(a) assegurar medidas imediatas adequadas frente a evento grave ocorrido (mesmo que tenha sido em outro centro) e enviar notificação ao CEP e à Agência Nacional de Vigilância Sanitária – ANVISA – junto com seu posicionamento.

Eventuais modificações ou emendas ao protocolo devem ser apresentadas ao CEP de forma clara e sucinta, identificando a parte do protocolo a ser modificada e sua justificativa. Em caso de projeto do Grupo I ou II apresentados anteriormente à ANVISA, o (a) pesquisador (a) ou patrocinador(a) deve enviá-los à mesma junto com o parecer aprovatório do CEP, para serem incluídas ao protocolo inicial (Res. 251/97, item IV. 2.e).


Relatórios parciais e finais devem ser apresentados ao CEP, de acordo com os prazos estabelecidos no Cronograma do Protocolo e na Resoluções CNS 466/12 e 510/16.

Na eventualidade de esclarecimentos adicionais, este Comitê coloca-se a disposição dos interessados para o acompanhamento da pesquisa em seus dilemas éticos e exigências contidas nas Resoluções supra-referidas.

Esta aprovação não é válida para subprojetos oriundos do protocolo de pesquisa acima referido.

(*) Áreas temáticas especiais

Válido até: DEZEMBRO de 2020.


Coordenadora do Comitê de
Ética em Pesquisa UFAL

8.2 Anexo B: Declaração de cumprimento das normas

DECLARAÇÃO DE CUMPRIMENTO DAS NORMAS DA RESOLUÇÃO N°
466/12 E 510/16
DE PUBLICIZAÇÃO DOS RESULTADOS E
SOBRE O USO E DESTINAÇÃO DO MATERIAL/DADOS COLETADOS

Thaís Telles Queiroz Lira, Josealdo Tonholo (Orientador) e João Inácio Soletti (Co-orientador), pesquisadores do projeto intitulado *Estudos e Experiências na Área de Educação Empreendedora e Estímulo a Inovação no Contexto Infantil e Juvenil: Uma Análise Comparativa*, ao tempo em que nos comprometemos em seguir fielmente os dispositivos da Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde/MS, asseguramos que os resultados da presente pesquisa serão tornados públicos sejam eles favoráveis ou não, bem como declaramos que os dados coletados para o desenvolvimento do projeto, entrevistas, serão gravados, através de gravador de áudio. As informações contidas nos áudios serão transcritas e seus trechos serão analisados com base na literatura voltada para educação empreendedora e inovação e, após conclusão da pesquisa, serão armazenados em banco de dados e ficarão na posse da pesquisadora Thaís Lira, por um período de cinco anos. Após esse tempo, os dados serão destruídos.

Maceió, 18 de Outubro de 2019 .

Thaís Telles Queiroz Lira

(Assinatura dos pesquisadores)